Ie ne fay rien
sans
Gayeté
(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin

40

JOÃO DO RIO
(PAULO BARRETO)

AS RELIGIÕES NO RIO

« Ceci est un livre de bonne foy. »
(MONTAIGNE.)

H. GARNIER, LIVREIRO EDITOR
6, RUE DES SAINTS-PÈRES, 6 — PARIS
71, RUA DO OUVIDOR, 71 — RIO DE JANEIRO

LIVRARIA LEALDADE
ALVARO Sª JORGE & Cia
RUA BOA VISTA N. 62
TEL. CENTRAL 3257
S. PAULO

AS
RELIGIÕES NO RIO

DO AUCTOR

As Religiões no Rio (capa de Raul, portrait-charge de Gill), 1 volume, exgottado.

Jornal de Verão (chronica de Petropolis), 1 volume, a apparecer.

O Momento Litterario (inquerito da Gazeta), 1 volume, a apparecer.

Renato Soares de Oliveira

JOÃO DO RIO Maio de 1926
(PAULO BARRETO)

AS
RELIGIÕES NO RIO

« Cecy est un livre de bonne foy. »
(MONTAIGNE.)

H. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

RIO-DE-JANEIRO
71, Rua do Ouvidor.

PARIS
rua des Saints-Pères, 6.

1906

A Manuel Jorge de Oliveira Rocha

meu amigo.

A religião? Um mysterioso sentimento, mixto de terror e de esperança, a symbolisação lugubre ou alegre de um poder que não temos e almejamos ter, o desconhecido avassallador, o equivoco, o medo, a perversidade...

O Rio, como todas as cidades nestes tempos de irreverencia, tem em cada rua um templo e em cada homem uma crença diversa.

Ao ler os grandes diarios, imagina a gente que está n'um paiz essencialmente catholico, onde alguns mathematicos são positivistas. Entretanto, a cidade pullula de religiões. Basta parar em qualquer esquina, interrogar. A diversidade dos cultos espantar-vos-á. São swendeborgeanos, pagãos litterarios, physiolatras, defensores de dogmas exoticos, auctores de reformas da Vida, reveladores do Futuro, amantes do Diabo, bebedores de sangue, descendentes da rainha de Sabá, judeus, schismaticos, espiritas, babalãos de Lagos, mulheres que respeitam o oceano, todos os cultos, todas as crenças, todas as forças do Susto. Quem atravez a calma do semblante lhes adivinhará as tragedias da alma? Quem no seu andar tranquillo de homens sem paixões irá descobrir os reveladores de ritos novos, os magicos, os nevropathas, os delirantes, os possuidos de Satanaz,

os mystagogos da Morte, do Mar e do Arco-Iris? Quem poderá perceber, ao conversar com estas creaturas, a lucta fratricida por causa da interpretação da Biblia, a lucta que faz mil religiões á espera de Jesus, cuja reapparição está marcada para qualquer destes dias, e á espera do Anti-Christo, que talvez ande por ahi? Quem imaginará cavalheiros distinctos em intimidade com as almas desencarnadas, quem desvendará a conversa com os anjos nas chombergas fétidas?

Elles vão por ahi, papas, prophetas, crentes e reveladores, orgulhosos cada um do seu culto, o unico que é a Verdade. Falai-lhes boamente, sem a tenção de aggredil-os, e elles se confessarão, — porque só numa cousa é impossivel ao homem : enganar o seu semelhante, na fé.

Foi o que fiz na reportagem a que a « Gazeta de Noticias » emprestou uma tão larga hospitalidade e um tão grande ruido ; foi este o meu esforço : levantar um pouco o mysterio das crenças nesta cidade.

Não é um trabalho completo. Longe disso. Cada uma dessas religiões daria farta messe para um volume de revelações. Eu apenas entrevi a bondade, o mal e o bizarro dos cultos, mas tão convencido e com tal desejo de ser exacto que bem póde servir de epigraphe a este livro a phrase de Montaigne :

« Cecy est un livre de bonne foy. »

JOÃO DO RIO.

AS
RELIGIÕES NO RIO

NO MUNDO DOS FEITIÇOS

OS FEITICEIROS

Antonio é como aquelles adolescentes africanos de que falla o escriptor inglez. Os adolescentes sabiam dos deuses catholicos e dos seus proprios deuses, mas só veneravam o wiskey e o schilling.

Antonio conhece muito bem N. S. das Dores, está familiarisado com os *orixalás* da Africa, mas só respeita o papel moeda e o vinho do Porto. Graças a esses dous poderosos agentes, gozei da intimidade de Antonio, negro intelligente e vivaz ; graças a Antonio, conheci as casas das ruas de São Diogo, Barão de S. Felix, Hospicio, Nuncio e da America, onde se realisam os *candomblés* e vivem os pais de santo. E rendi graças a Deus, porque não ha de certo, em toda a cidade, meio tão interessante.

— Vai V. S. admirar muita cousa ! dizia Antonio a sorrir ; e dizia a verdade.

Da grande quantidade de escravos africanos vindos paro o Rio no tempo do Brazil colonia e do Brazil

monarchia, restam uns mil negros. São todos das pequenas nações do interior da Africa, pertencem aos *igesá*, *oiè*, *ebá*, *aboum*, *haussá*, *itaqua*, ou se consideram filhos dos *ibouam*, *ixáu* dos *gêge* e dos *cambindas*. Alguns ricos mandam a descendencia brasileira á Africa para estudar a religião, outros deixam como dote aos filhos cruzados daqui os mysterios e as feitiçarias. Todos, porém, fallam entre si um idioma commum : — o *eubá*.

Antonio, que estudou em Lagos, dizia :

— O *eubá* para os africanos é como o inglez para os povos civilisadas. Quem falla o *eubá* póde atravessar a Africa e viver entre os pretos do Rio. Só os *cambindas* ignoram o *eubá*, mas esses ignoram até a propria lingua, que é muito difficil. Quando os *cambindas* fallam, misturam todas as linguas... Agova os *orixás* e os *alufás* só fallam o *cubá*.

— *Orixás*, *alufás?* fiz eu, admirado.

— São duas religiões inteiramente diversas. Vai ver.

Com effeito. Os negros africanos dividem-se em duas grandes crenças : os *orixás* e os *alufás*.

Os *orixás*, em maior numero, são os mais complicados e os mais animistas. Litholatras e phitolatras, têm um enorme arsenal de santos, confundem os santos catholicos com os seus santos, e vivem a vida dupla, encontrando em cada pedra, em cada casco de tartaruga, em cada herva, uma alma e um espirito. Essa especie de polytheismo barbaro tem divindades que se manifestam e divindades invisiveis. Os negros guardam a idéa de um Deus absoluto como o Deus catholico : *Orixá-alúm*. A lista dos santos é infindavel. Ha o *orixalá*, que é o mais velho, *Axum*,

a mãe d'agua doce, *Ye-man-já*, a sereia, *Exú*, o diabo, que anda sempre detrás da porta, *Sapanam*, o santissimo sacramento dos catholicos, o *Irocó*, cuja apparição se faz na arvore sagrada da gameleira, o *Gunocó*, tremendo e grande, o *Ogum*, S. Jorge ou o Deus da guerra, a *Dadá*, a *Orainha*, que são invisiveis, e muitos outros, como o santo do trovão e o santo das hervas. A juntar a essa colleção complicada, tem os negros ainda os espiritos máos e os *heledás* ou anjos da guarda.

E' natural que para corresponder á hierarchia celeste seja necessaria uma hierarchia ecclesiastica. As creaturas vivem em poder do invisivel e só quem tem estudos e preparo póde saber o que os santos querem. Ha por isso grande quantidade de auctoridades religiosas. A's vezes encontramos nas ruas negros retintos que mastigam sem cessar. São *babalaôs*, mathematicos geniaes, sabedores dos segredos santos e do futuro da gente; são *babás* que atiram o *endilogum;* são *babaloxás*, pais de santos veneraveis. Nos lanhos da cara puzeram o pó da salvação e na bocca têm sempre o *obi*, noz de kola, boa para o estomago e asseguradora das pragas.

Antonio, que conversava dos progressos da magia na Africa, disse-me um dia que era como Renan e Shakespeare : vivia na duvida. Isso não o impedia de acreditar nas pragas e no trabalhão que os santos africanos dão.

— V. S. não imagina! Santo tem a festa annual, apparece de repente á pessoa em que se quer metter e esta é obrigada logo a fazer festa ; santo comparece ao juramento das *Yauó* e passa fóra, do Carnaval á

Semana Santa; e logo quer mais festa... Só descança mesmo de fevereiro a abril.

— Estão veraneando.

— No carnaval os negros fazem *ebó*.

— Que vem a ser *ebó?*

— *Ebó* é despacho. Os santos vão todos para o campo e ficam lá descançando.

— Talvez estejam em Petropolis.

— Não. Santo deixa a cidade pelo matto, está mesmo entre as hervas.

— Mas quaes são os cargos religiosos?

— Ha os *babalaôs*, os *açoba*, os *aboré*, grão maximo, as mais pequenas, os *ogan*, as *agibonam*...

A lista é como a dos santos, muito comprida, e cada um desses personagens representa papel distincto nos sacrificios, nos *candomblés* e nas feitiçarias. Antonio mostra-me os mais notaveis, os pais de santos: Oluou, Eruosaim, Alamijo, Adé-Oié, os *babalãos* Emygdio, Oloô-teté, que significa tremetreme, e um bando de feiticeiros: — Torquato requipá ou fogo parachuva, Obitaiò, Vagò, Apotijá, Veridiana, Crioula Capitão, Rosenda, Nosuanan, a celebre Xica de Vavá, que um politico economista protege...

— A Xica tem protecção politica?

— Ora se tem! Mas que pensa o senhor? Ha homens importantes que devem quantias avultadas aos *alufás* e *babalaôs* que são gráu 32 da Maçonaria.

Dessa gente, poucos lêm. Outr'ora ainda havia sabios que destrinçavam o livro sagrado e sabiam porque Exú é máo, — tudo direitinho e claro como agua. Hoje a aprendizagem é feita de ouvido. O africano egoista, pai de santo, ensina ao *aboré*, as *yauô*

quando lhes entrega a navalha, de modo que não só a arte perde muitas das suas phases curiosas como as historias são adulteradas e esquecidas.

— Tambem agora não é preciso saber o *Saó Hauin*. Negro só olhando e sabendo o nome da pessoa póde fazer mal, diz Antonio.

Os *orixás* são em geral polygamos. Nessas casas das ruas centraes de uma grande cidade, ha homens que vivem rodeados de mulheres, e cada noite, como nos sertões da Africa, o leito do *babaloxás* é occupado por uma das esposas. Não ha ciumes, a mais velha annuncia quem a deve substituir, e todas trabalham para a tranquillidade do pai. Oloô-Teté, um velho que tem noventa annos no minimo, ainda conserva a companheira nas delicias do hymeneu, e os mais sacudidos transformam as filhas de santo em huris de serralhos.

Os *alufás* têm um rito diverso. São mahometanos com um fundo de mysticismo. Quasi todos dão para estudar a religião, e os proprios malandros que lhe usurpam o titulo sabem mais que os *orixás*.

Logo depois do *suma* ou baptismo e da circumcisão ou *kola*, os *alufás* habilitam-se á leitura do Alkorão. A sua obrigação é o *kissium*, a prece. Rezam ao tomar banho, lavando a ponta dos dedos, os pés e o nariz, rezam de manhã, rezam ao pôr do sol. Eu os vi, retintos, com a cara reluzente entre as barbas brancas, fazendo o *aluma gariba*, quando o crescente lunar apparecia no céo. Para essas preces, vestem o *abadá*, uma tunica branca de mangas perdidas, enterram na cabeça um *filá* vermelho, donde pende uma faixa branca, e, á noite, o *kissium* continúa, sentados elles em pelle de carneiro ou de tigre.

— Só os *alufás* ricos sentam-se em pelles de tigre, diz-nos Antonio.

Essas creaturas contam á noite o rosario ou *tessubá*, têm o preceito de não comer carne de porco, escrevem as orações numas taboas, as *atô*, com tinta feita de arroz queimado, e jejuam como os judeus quarenta dias a fio, só tomando refeição de madrugada e ao pôr do sol.

Gente de cerimonial, depois do *assumy*, não ha festa mais importante como a do *ramadan*, em que trocam o *saká* ou presentes mutuos. Tanto a sua administração religiosa como a judiciaria estão por inteiro independentes da terra em que vivem.

Ha em varias tribus vigarios geraes ou *ladamos* obedecendo ao *lemamo*, o bispo, e a parte judiciaria está a cargo dos *alikaly*, Juizes, *sagabamo*, immediatos de juizes, e *assivajiú*, mestre de cerimonias.

Para ser *alufá* é preciso grande estudo, e esses pretos que se fingem serios, que se casam com gravidade, não deixam tambem de fazer *amuré* com tres e quatro mulheres.

— Quando o joven *alufá* termina o seu exame, os outros dançam o *opa-suma* e conduzem o iniciado a cavallo pelas ruas, para significar o triumpho.

— Mas essas passeiatas são impossiveis aqui, brado eu.

— Não são. As cerimonias realisam-se sempre nas estações dos suburbios, em logares afastados, e os *alufás* vestem as suas roupas brancas e o seu gorro vermelho.

Naturalmente Antonio fez-me conhecer os *alufás*:

— Alikali, o *lemano* actual, um preto de pernas tortas, morador á rua Barão de S. Felix, que incute respeito

e terror ; o Xico Mina, cuja filha estuda violino, Alufapão, Ojó, Abacajebú, Ginjá, Manê, brasileiro de nascimento, e outros muitos.

Os *alufás* não gostam da gente de santo a que chamam *auauadó-chum;* a gente de santo despreza os bichos que não comem porco, tratando-os de *malés*. Mas acham-se todos relacionados pela lingua, com costumes exteriores mais ou menos identicos e vivendo da feitiçaria. Os *orixás* fazem sacrificios, afogam os santos em sangue, dão-lhes comidas, enfeites e azeite de dendê.

Os *alufás*, superiores, apezar da prohibição da crença, usam dos *aligenun*, espiritos diabolicos chamados para o bem e o mal, num livro de sortes marcado com tinta vermelha e alguns, os maiores, como Alikali, fazem até *idams* ou as grandes magicas, em que a uma palavra cabalistica a chuva deixa de cahir e *obis* apparecem em pratos vasios.

Antes de estudar os feitiços, as praticas por que passam as *yauô* nas camarinhas e a maneira dos cultos, quiz ter uma impressão vaga das casas e dos homens.

Antonio levou-me primeiro á residencia de um feiticeiro *alufá*. Pelas mesas, livros com escripturas complicadas, hervas, coelhos, esteiras, um calamo de bambú finissimo.

Da porta o guia gritou.

— Salamaleco.

Ninguem respondeu.

— Salamaleco!

— Maneco Lassalama!

No canto da sala, sentado numa pelle de carneiro, um preto desfiava o rosario, com os olhos fixos no alto.

— Não é possivel fallar agora. Elle está rezando e não quer conversar.

Sahimos, e logo na rua encontrámos o Xico Mina. Este veste, como qualquer de nós, ternos claros e usa suissas cortadas rente. Já o conhecia de o ver nos cafés concorridos, conversando com alguns deputados. Quando nos viu, passou rapido.

— Está com medo de perguntas. Xico gosta de fingir.

Entretanto, no trajecto que fizemos do largo da Carioca á praça da Acclamação, encontrámos, afóra um esverdeado discipulo de Alikali, *Omancheo*, como elles dizem, duas mãis de santo, um velho *babalaô* e dous *babaloxás*.

Nós iamos á casa do velho mathematico Oloô-Teté.

As casas dos minas conservam a sua apparencia de outr'ora, mas estão cheias de negros bahianos e de mulatos. São quasi sempre rotulas lobregas, onde vivem com o personagem principal cinco, seis e mais pessoas. Nas salas, moveis quebrados e sujos, esteirinhas, bancos; por cima das mesas, terrinas, pucarinhos de agua, chapéos de palha, hervas, pastas de oleado onde se guarda o *opelé;* nas paredes, atabaques, vestuarios esquisitos, vidros; e no quintal, quasi sempre jabotys, gallinhas pretas, gallos e cabritos.

Ha na atmosphera um cheiro carregado de azeite de dendê, pimenta da Costa e catinga. Os pretos fallam da falta de trabalho, fumando grossos cigarros de palha. Não fosse a credulidade, a vida ser-lhes-ia difficil, porque em cada um dos seus gestos revela-se uma lombeira secular.

Alguns velhos passam a vida sentados, a dormitar.

— Está pensando! dizem os outros.

De repente, os pobres velhos ingenuos accordam, com um sonho mais forte nessa confusa existencia de pedras animadas e hervas com espirito.

— Shango diz que eu tenho de fazer sacrificio!

Shango, o deus do trovão, ordenou no somno, e o *opelé*, feito de cascas de tartaruga e baptisado com sangue, cai na mesa enodoada para dizer com que sacrificio se contenta Sango.

Outros, os mais malandros, passam a existencia deitados no sofá. As filhas de santo, prostitutas algumas, concorrem para lhes descançar a existencia, a gente que as vai procurar dá-lhes o superfluo. A preoccupação destes é saber mais cousas, os feitiços desconhecidos, e quando entra o que sabe todos os mysterios, ajoelham assustados e beijam-lhe a mão, soluçando:

— Diz como se faz a cantiga e eu te dou todo o meu dinheiro!

A' tarde, chegam as mulheres, e os que por acaso trabalharam em alguma pedreira. Os feiticeiros conversam de casos, criticam-se uns aos outros, falam com intimidade das figuras mais salientes do paiz, do imperador, de que quasi todos têm o retrato, de Cotegipe, do barão de Mamanguape, dos presidentes da Republica.

As mulheres ouvem mastigando *obi* e cantando melopéas sinistramente doces. Essas melopéas são quasi sempre as preces, as evocações, e repetem sem modalidade, por tempo indeterminado, a mesma phrase.

Só pelos *candomblés* ou sessões de grande feitiçaria, em que os *babalaôs* estão attentos e os pais

de sanctos trabalham dia e noite nas camarinhas ou fazendo evocações deante dos fogareiros com o *tessubá* na mão, é que a vida dessa gente deixa a sua calma amollecida de acassá com azeite de dendê.

Quando entrámos na casa de Oloô-Teté, o mathematico macrobio e sensual, uma velha mina, que cantava somnambulicamente, parou de repente.

— Póde continuar.

Ella disse qualquer cousa de incomprehensivel.

— Está perguntando se o senhor lhe dá dous tostões, ensina-nos Antonio.

— Não ha duvida.

A preta escancara a bocca, e, batendo as mãos, põe-se a cantar :

« Baba *ounlõ*, ó xocotám, ó ilélè. »

— Que vem a ser isso?

— E' o final das festas, quando o santo vai embora. Quer dizer : papai já foi, já fez, já acabou ; vai embora!

Eu olhava a restea estreita do quintal onde dormiam jabotys.

— O jaboty é um animal sagrado?

— Não, diz-nos o sabio Antonio. Cada sancto gosta do seu animal. Shango, por exemplo, come jaboty, gallo e carneiro. Obaluaié, pai da variola, só gosta de cabrito. Os pais de santos são obrigados pela sua qualidade a fazer criação de bichos para vender e tel-os sempre á disposição quando precisam de sacrificio. O jaboty é apenas um bicho que dá felicidade. O sacrificio é simples, Lava-se bem, ás vezes até com *champagne*, a pedra que tem o santo e põe-

se dentro da terrina. O sangue do animal escorre; algumas das partes são levadas para onde o sancto diz e o resto a roda come.

— Mas ha sacrificios maiores para fazer mal ás pessoas?

— Ha! para esses até se matam bois.

— Feitiço pega sempre, sentencia o illustre Oloô-Tetê, com a sua pratica veneravel. Não ha corpo fechado. Só o que tem é que uns custam mais. Feitiço para pegar em preto é um instante, para mulato já custa, e então para cahir em cima de branco a gente súa até não poder mais. Mas pega sempre. Por isso preto usa sempre o *assiqui*, a cobertura, o breve, e não deixa de mastigar *obi*, noz de kola preservativa.

Para mim, homem amavel, presentes alguns companheiros seus, Oloô-Tetê tirou o *opelé* que ha muitos annos foi baptisado e prognosticou o meu futuro.

Esse futuro vai ser interessante. Segundo as cascas de tartaruga que se voltavam sempre aos pares, serei felicissimo, ascendendo com a rapidez dos automoveis a escada de Jacob das posições felizes. E' verdade que um inimigosinho malandro pretende perder-me. Eu, porém, o esmagarei, viajando sempre com cargos elevados e sendo admirado.

Abracei respeitoso o mathematico que resolvera o quadrado da hypothenusa do desconhecido.

— Põe dinheiro aqui, fez elle.

Dei-lhe as notas. Com as mãos tremulas, o sabio a apalpou longamente.

— Pega agora nesta pedra e nesta concha. Pede o que tiveres vontade á concha, dizendo sim, e a pedra dizendo não.

Assim fiz. O *opelé* cahiu de novo no encerado. A concha estava na mão direita de Antonio, a pedra na esquerda, e Oloô tremia falando ao santo, com os negros dedos tremulos no ar.

— Abra a mão direita! ordenou.

Era a concha.

— Se acontecer, ossumcê dá presente a *Oloô?*

— Mas de certo.

Elle correu a consultar o *opelé*. Depois sorriu.

— Dá, sim, santo diz que dá. E receitou-me os preservativos com que eu serei invulneravel.

Tambem eu sorria. Pobre velho malandro e ingenuo! Eu perguntara apenas, modestamente, á concha do futuro se seria imperador da China...

Emquanto isso, a negra da cantiga entoava outra mais alegre, com grande gestos e risos.

O loô-ré, xa-la-ré
Camura-ridé
O loô-ré, xa-la-ré
Camurá-ridé

— E esta, o que quer dizer?

— E' uma cantiga de *Orixalá*. Significa : O homem do dinheiro está ahi. Vamos erguel-o...

Apertei-lhe a mão jubiloso e reconhecido. Na allusão da ode selvagem a lisonja vivia o encanto da sua vida eterna...

« AS IAUÕ »

A recordação de um facto triste — a morte de uma rapariga que fôra á Bahia fazer santo — deu-me animo e curiosidade para estudar um dos mais barbaros e inexplicavéis costumes dos fetiches do Rio.

Fazer sancto é a renda directa dos *babaloxás*, mas ser filha de sancto é sacrificar a liberdade, escravisar-se, soffrer, delirar.

Os transeuntes honestos, que passeiam na rua com indifferença, não imaginam siquer as scenas de Salpetrière africana passadas por tráz das rotulas sujas.

As *yauô* abundam nesta Babel da crença, cruzam-se com a gente diariamente, sorriem aos soldados ébrios nos postibulos baratos, mercadejam doces nas praças, ás portas dos estabelecimentos commerciaes, fornecem ao Hospicio a sua quota de loucura, propagam a hystería entre as senhoras honestas e as *cocottes*, exploram e são exploradas, vivem da crendice e alimentam o caftismo inconsciente. As *yauô* são as demoniacas e as grandes farcistas da raça preta, as obsedadas e as delirantes. A historia de cada uma dellas, quando não é uma sinistra panto-

mima de alcool e mancebia, é um tecido de factos crueis, anormaes, ineditos, feitos de invisivel, de sangue e de morte. Nas *yauó* está a base do culto africano. Todas ellas usam signaes exteriores do sancto, as vestimentas symbolicas, os rosarios e os collares de contas com as côres preferidas da divindade a que pertencem; todas ellas estão ligadas ao rito selvagem por mysterios que as obrigam a gastar a vida em festejos, a sentir o sancto e a respeitar o pae do sancto.

Fazer sancto é collocar-se sobre o patrocinio de um fetiche qualquer, é ser baptisado por elle, e por espontaneo a vontade delle. As negras, insensiveis a quasi todas as delicadezas que produzem ataques na *haute-gomme*, são, entretanto, de uma impressionabilidade morbida por tudo quanto é abusão. Da convivencia com os maiores nesse horizonte de chumbo, de atmosphera de feitiçarias e pavores, nasce-lhes a necessidade inilludivel de fazer tambem o santo; e não é possivel demovel-as, umas porque a miragem da felicidade as céga, outras porque já estão votadas á loucura e ao alcoolismo. Entre as tribus do interior da Africa, ha o sacrificio do *agamum*, em que se esmagam vivas as creanças de seis mezes. Ao Moloch das vesanias a raça preta sacrifica aqui uma quantidade assustadora de homens e de mulheres.

Antonio, que me mostrara a maior parte das casas de santo, disse-me um dia:

— Vou leval-o hoje a ver o 16° dia de uma *yauó*.

Para que uma mulher saiba a vinda do santo, basta encontrar na rua um fetiche qualquer, pedra, pedaço de ferro ou concha do mar. De tal maneira estão suggestionadas, que vão logo aos *babalaós* inda-

gar do futuro. Os *babalaôs*, a troco de dinheiro, jogam o *edilogum*, os busios, e servem-se tambem por approximação dos signos do zodiaco.

— O mez do Capricornio, diz Antonio, comprehende todos os animaes parecidos, a cabra, o carneiro, o cabrito, e segundo o calculo do dia e o animal preferido pelo santo, os mathematicos descobrem quem é.

Quando já sabe o santo, *babalaô* atira a sorte no *obelê* para perguntar se é de dever fazel-o. A natureza mesmo do culto, a necessidade de conservar as cerimonias e a avidez de ganho da propria indolencia fazem o sabio obter uma resposta affirmativa.

Algumas creaturas pauperrimas batem então nas faces e pedem:

— Eu quero ter o sancto assentado!

E' mais facil. Os pais de sancto dão-lhe hervas, uma pedra bem lavada, em que está o santo, um rosario de contas que se usa ao pescoço depois de purificado o corpo por um banho. Nessas occasiões o vadio invisivel contenta-se com o *ebó*, despacho, algumas comedorias com azeite de dendê, hervas e sangue, deixadas na encruzilhada dos caminhos.

Quasi sempre, porém, as victimas sujeitam-se, e não é raro, mesmo quando são pobres os pais, a acceitarem o trabalho com a condição de as vender em leilão ou serem servidos por ellas durante longo tempo. Como as despesas são grandes, as futuras *yauô* levam mezes fazendo economias, poupando, sacrificando-se. E' de obrigação levar comidas, presentes, dinheiro ao pai de santo para a sua estadia no *ylê ache-ó-ylé-orixá*, estadia que regula de 12 a 30 dias.

— Isto acontece só para as *yaô* dos *orixás*, diz Antonio.

— Ha outras?

— Ha as dos negros *cambindas*. Tambem essa gente é ordinaria, copia os proccessos dos outros e está de tal fórma ignorante que até as cantigas das suas festas têm pedaços em portuguez.

— Mas entre os *cambindas* tudo é differente?

— Mais ou menos. Olhe por exemplo os sanctos. Orixalá é Ganga-Zumba, Obaluaci, Cangira-Mungongo, Echu, Cubango, Orixá-oco, Pombagyra, Oxum, a mãe d'agua, Sinhá Renga, Sapanam, Cargamella. E não é só aos sanctos dos *orixás* que os *cambindas* mudam o nome, é tambem aos sanctos das igrejas. Assim S. Benedicto é chamado Lingongo, S. Antonio, Verequete, N. Senhora das Dores, Sinhá Samba.

Para os *cambindas* serve para sancto qualquer pedra, os parallelepipedos, as lascas das pedreiras e esses pretos sem vergonha adoram a flôr do gyrasol que symboliza a lua...

Eu estava attonito. Positivamente Antonio achava muito inferiores os *cambindas*.

— As *yaôu*?

— As filhas de sancto *macumbas* ou *cambindas* chegam a ter uma porção de sanctos de cada vez, manifestando-se na sua cabeça. Sabe V. S. o que cantam elles quando a *yaôu* está com a crise?

Maria Mucanguê
Lava roupa de sinhá,
Lava camisa de chita.
Não é della, é de yáyá.

Quer ouvir outra?

Bumba, bumba, ó calunga,
Tanto quebra cadeira como quebra sofá
Bumba, bumba, ó calunga.

Houve uma pausa e Antonio concluiu:

— Por negro *cambinda* é que se comprehende que africano foi escravo de branco.

Cambinda é burro e sem vergonha!

Disse e voltou á narrativa da iniciação das *yauô*.

Antes de entrar a para camarinha, amulher, predisposta pela fixidez da attenção a todas as suggestões, presta juramento de guardar o segredo do que viu, toma um banho purificador e á meia-noite começa a cerimonia. A *yauô* senta-se numa cadeira vestida de branco com o *ojá* apertando a cintura. Todos em derredor entoam a primeira cantiga a Echú.

Echú tiriri, lô-nam bará ô bebê
Tiriri lo-nam Echú tiriri.

O *babaloxá* pergunta ao sancto para onde deve ir o cabello que vai cortar á futura filha, e, depois de ardente meditação, indica com apparato a ordem divina. Essas descobertas são fatalmente as mesmas no centro de uma cidade populosa como a nossa. Se o sancto é a mãi d'agua doce, *Oxum*, o cabello vai para a Tijuca, a Fabrica das Chitas; se é *Ié-man-ja* fica na praia do Russell, em Sancta Luzia; se é outro sancto qualquer, basta um trecho de praça em que as ruas se cruzem.

As rezas começam então; o pai de sancto molha a cabeça da *yauô* com uma composição de hervas e com

afiadissima navalha faz-lhe uma corôa, enquanto a roda canta triste.

Orixalá otó ô yauô!

Essa parte do cabello é guardada eternamente e a *yauô* não deve saber nunca onde a guardam, porque lhe acontece desgraça. Em seguida, o lugubre barbeiro raspa-lhe circularmente o craneo, e quando a carapinha cai no alguidar, a operada já perdeu a razão.

Babaloxá lava-lhe ainda a cabeça com o sangue dos animaes esfaqueados pelos *ogans*, e as *yauô* antigas levam-na a mudar a roupa, emquanto se preparam com hervas os cabellos do alguidar.

D'ahi a momentos a iniciada apparece com outros fatos, pega no alguidar e sae acompanhada das outras, que a amparam e cantam baixo o offertorio ao sancto. Em chegando ao logar indicado, a hypnotizada deixa o vaso, volta e é recebida pelo pai, que entorna em frente á porta um copo d'agua.

A nova *yauô* vai então descançar, emquanto os outros rezam na camarinha em frente ao estado-maior.

— O estado maior? indago eu, assustado com o exercito mysterioso.

O estado-maior é a collecção de terrinas e sopeiras collocadas numa especie de prateleiras de bazar. Nas sopeiras estão todos os santos pequenos e grandes. Ha desde as terrinas de granito ás de porcellanas com frisos d'ouro, rodeando armações de ferro, onde se guarda o *Ogum*, o São Jorge da Africa.

No dia seguinte á cerimonia, a *yauô* lava-se e vai á presença do pai para ver se tem espiritos contrarios.

Se os espiritos existem, o pai poderoso afasta a influencia nefasta por meio de *ebós* e *ogungums*. A *yauô* é obrigada a não falar a ninguem : quando deseja alguma cousa, bate palmas e só a ajuda nesses dias a mãi pequena ou *Iaque-que-rê*. As danças para preparo de santo realisam-se nos 1° 3° 7° 12°, e no 16° dia o sancto revela-se.

— Mas que adeanta isso ás *yauô?*

— Nada. O pai do sancto domina-as. O *erô* ou segredo que lhes dá, póde retiral-o quando lhe apraz ; o poder de as transformar e fazer-lhes mal está em virar o sancto sempre que tem vontade.

— E quando essas creaturas morrem?

— Faz-se a obrigação raspando um pouco de cabello para saber se o sancto tambem vai, e o *babaloxá* procura um collega para lhe tirar a mão do finado.

As cerimonias das yauô se renovam-se de resto de seis em seis mezes, de anno em anno, até á morte. São ellas que em grande parte sustentam o culto.

Quando a *yauô* não tem dinheiro, ou o pai vende-a em leilão ou a guarda como serva. Desta convivencia é que algumas chegam a ser mãis de sanctos, para o que basta dar-lhe o *babaloxá* uma navalha.

— E ha muita mãi de sanctos?

— Umas cincoenta, contando com as falsas. Só agora lembro-me de varias : a Josepha, a Calú Boneca, a Henriqueta da Praia, a Maria Marota, que vende á porta do *Glacier*, a Maria do Bomfim, a Martinha da rua do Regente, a Zebinda, a Xica de Vava, a Aminam pé-de-boi, a Maria Luiza, que é tambem seductora de senhoras honestas, a Flora Côco Podre, a Dudú do Sacramento, a Bitaiô, que está agora guiando seis ou oito filhas, a Assiata.

Esta é de força. Não tem navalha, finge de mãi de sancto e trabalha com trez *ogans* falsos, — João Ratão, um moleque chamado Macario e certo cabra pernostico, o Germano. A Assiata mora na rua da Alfandega 304. Ainda outro dia houve lá um escandalo dos diabos, porque a Assiata metteu na festa de *Iêmanjá* algumas *yauó* feitas por ella. Os pais de sancto protestaram, a negra damnou, e teve que pagar a multa marcada pelo sancto. Essa é uma das feiticeiras de embromação.

Nesse mesmo dia Antonio veio buscar-me á tarde.

— A casa a que vae V. S. é de um grande feiticeiro; verá se não ha factos verdadeiros.

Quando chegámos, a sala estava enfeitada. Em derredor sentavam-se muitos negros e negras mastigando *olobó*, ou kola amargosa, com as roupas lavadas e as faces reluzentes. A um canto, os musicos, physionomias extranhas, faziam soar, com sacolejos compassados, o *xequerêe*, os *ataabaques e ubatás*, com movimentos de braços desvairadamente regulares. Não se respirava bem.

A cachaça, circulando sem cessar, ensanguentava os olhos amarellos dos assistentes.

— A's vezes tudo é mentira, á custa de cachaça e fingimento, diz Antonio. Quando o sancto não vem, o pai fica desmoralizado. Mas aqui é de verdade...

Olhei o celebre pai de sancto, cujas filhas são sem conta. Estava sentada á porta da camarinha, mas levantou-se logo, e a negra iniciada entrou, de camisola branca, com um leque de metal chocalhante. Fula, com uma extraordinaria fadiga nos membros lassos, os seus olhos brilhavam satanicos sob o ca-

pacete de pinturas bizarras com que lhe tinham brochado o craneo. Deante do pai estirou-se a flo comprido, bateu com as faces no asoalho, ajoelhou e beijou-lhe a mão. *Babaloxá* fez um gesto de benção, e ella foi, rojou-se de novo deante de outras pessoas. O som do *agogó* arrastou no ar os primeiros batuques e os arranhados do *xequeré*. A negra ergueu-se e, estendendo as mãos para um e para outro lado, começou a traçar passos, sorrindo idiotamente. Só então notei que tinha na cabeça uma exquisita especie de cone.

— E' o *ado-chú*, que faz vir o sancto, explica Antonio. E' feito com sangue e hervas. Se o *ado-chú* cai, sancto não vem.

A negra parecia aos poucos animar-se, sacudindo o leque de metal chocalhante.

Em derredor, a musica acompanhava as cantigas, que repetiam indefinidamente a mesma phrase.

A dansa dessas cerimonias é mais ou menos precipitada, mas sem os pulos satanicos dos Cafres e a vertigem diabolica dos negros da Luiziania. E' simples, continua e insistente, horrendamente insistente. Os passos constantes são o *alujá*, em roda da casa, dando com as mãos para a direita e para a esquerda, e o *jêguedê*, em que ao compasso dos *atabaques*, com os pés juntos, os corpos se quebram aos poucos em remexidos sinistros. Não sei se o enervante som da musica destillando aos poucos desespero, se a cachaça, se o exercicio, o facto é que, em pouco, a *yauô* parecia reanimar-se, perder a fadiga numa raiva de louca. De cada *xequexé-xequexé* que a mão de um de negro sacudia no ar, vinha um espicaçamento de urtiga, das boccas cus-

parinhentas dos assistentes escorria a allucinação. Aos poucos, outros negros, não podendo mais, saltaram tambem na dança, e foi então entre as vozes, as palmas e os instrumentos que repetiam no mesmo compasso o mesmo som, uma theoria de cara bebedas cabriolando precedidas de uma cabeça colorida que esgareiava lugubremente. A loucura propagou-se. No meio do pandemonio vejo surgir o *babaloxá* com um desses vasos furados em que se assam castanhas, cheio de brazas.

— Que vai elle fazer?

— Cala, cala... é o pai, é o pai grande, balbucia Antonio.

As cantigas redobram com um furor que não se apressa. São como uma ancia de desesperado essas cantigas, como a agonia de um mesmo gesto arrancando dos olhos a mesma lamina de faca, são atrozes! O *babaloxá* colloca o cangirão ardente na cabeça da *yauô*, que não cessa de dançar delirante, insensivel, e, alteando o braço com um gesto dominador e um sorriso que lhe prende o beiço aos ouvidos, entorna nas brazas fumegantes um alguidar cheio de azeite de dendê.

Ouve-se o chiar do azeite nas chammas, a negra, bem no meio da sala, sacoleja-se num *jeguedê* lancinante, e pela sua cara suada, do cangirão ardente, e que não lhe queima a pelle, escorrem fios amarellos de azeite...

Ye-man-já atô cuauô,

continuava a turba.

— Não queimou, não queimou, elle é grande, fez Antonio.

Eu abrira os olhos para ver, para sentir bem o mysterio da inaudita selvageria. Havia uma hora, a negra dançava sem parar; pela sua face o dendê quente escorria benefico aos sanctos. De repente, porém, ella estacou, cahiu de joelhos, deu um grande grito.

— *Emim oiá bonmim!* bradou.

— E'o nome della, o santo disse pela sua bocca o nome que vai ter.

A sala rebentou num delirio infernal. O *babaloxá* gritava, com os olhos arregalados, palavras gutturaes.

— Que diz elle?

— Que é grande, que vejam como é grande!

Creaturas rojavam-se aos pés do pai, beijando-lhes os dedos; negras uivavam, com as mãos empoladas de bater palmas; dous ou tres pretos aos sons dos *xequerês* sacudiam-se em danças com o sancto, e a *yauó* revirava os olhos, idiota, como se accordasse de uma grande e estranha molestia.

— Que vai ella fazer agora, Deus de misericordia! murmurei sahindo.

— Vai trabalhar, pagar no fim de tres mezes a sua obrigação, *ochú meta*, dar dinheiro a pai de santo, ganhar dinheiro...

— Sempre o dinheiro! fiz eu olhando a velha casaria.

Antonio parou e disse:

— Não se engana V. S.

E limpando o suor do rosto, o negro concluiu com esta reflexão profunda:

— Neste mundo, nem os espiritos fazem qualquer cousa sem dinheiro e sem sacrificio!

Fomos pela rua estreita com a visão sinistra da pobre martyr aos pulos, dessa cabeça pintada, entre os chocalhes e os *atabaques*, que dançava e gritava horrendamente...

O FEITIÇO

Nós dependemos do Feitiço.

Não é um paradoxo, é a verdade de uma observação longa e dolorosa. Ha no Rio magos estranhos que conhecem a alchimia e os filtros encantados, como nas magicas de theatro, ha espiritos que incommodam as almas para fazer os maridos incorrigiveis voltarem ao thálamo conjugal, ha bruxas que abalam o invisivel só pelo prazer de ligar dous corpos apaixonados, mas nenhum desses homens, nenhuma dessas horrendas mulheres tem para este povo o indiscutivel valor do Feitiço, do mysterioso preparado dos negros.

E' provavel que muita gente não acredite nem nas bruxas, nem nos magos, mas não ha ninguem cuja vida tivesse decorrido no Rio sem uma entrada nas casas sujas onde se enrosca a indolencia malandra dos negros e das negras. E' todo um problema de hereditariedade e psychologia essa attracção morbida. Os nossos ascendentes acreditaram no arsenal complicado da magia da idade média, na pompa de uma sciencia que levava á forca e ás fogueiras sabios estranhos, derramando a loucura pelos campos;

os nossos avós, portuguezes de boa fibra, tremeram diante dos encantamentos e amuletos com que se presenteavam os reis entre diamantes e esmeraldas. Nós continuamos fetiches no fundo, como dizia o philosopho, mas rojando de medo deante do Feitiço africano, do Feitiço importado com os escravos, e indo buscar tremulos a sorte nos antros, onde gorrillas manhosos e uma sucia de pretas cynicas ou hystericas desencavam o futuro entre kagados estrangulados e pennas de papagaio!

Vivi tres mezes no meio dos feitiçeiros, cuja vida se finge desconhecer, mas que se conhece na allucinação de uma dór ou da ambição, e julgo que seria mais interessante como pathologia social estudar, de preferencia aos mercadores da paspalhice, os que lá vão em busca do consolo.

Vivemos na dependencia do Feitiço, dessa caterva de negros e negras, de *babaloxás* e *yaôu*, somos nós que lhe asseguramos a existencia, com o carinho de um negociante por uma amante actriz. O Feitiço é o nosso vicio, o nosso goso, a degeneração. Exige, damos-lhes; explora, deixamo-nos explorar, e, seja elle *maître-chanteur*, assassino, larapio, fica sempre impune e forte pela vida que lhe empresta o nosso dinheiro.

Os feitiçeiros formigam no Rio, espalhados por toda a cidade, do cáes á Estrada de Santa Cruz.

Os pretos, *alufás* ou *orixás*, degeneram o mahometismo e o catholicismo no pavor dos *aligenum*, espiritos máos, e do *echú*, o diabo, e a lista dos que praticam para o publico não acaba mais. Conheci só num dia a Izabel, a Leonor, a Maria do Castro, o Tintino, da rua Frei Caneca; o Miguel Pequeno, um

negro que parece os anões de *D. Juan* de Byron; o Antonio, mulato conhecedor do idioma africano; Obitaiô, da rua Bom Jardim; o Juca Aboré, o Alamijo, o Abede, um certo Mauricio, *ogan* de outro feiticeiro — o Brilhante, pai macumba dos santos cabindas; o Rodolpho, o Virgilio, a Dudú do Sacramento, que mora tambem na rua do Bom Jardim; o Hygino e o Breves, dous famosos typos de Nictheroy, cuja chronica é sinistra; o Oto Ali, Ogan-Didi, jogador da rua da Conceição; Armando Ginja, Abubaca Caolho, Egidio Aboré, Horacio, Oiabumin, filha e mãi de santo actual da casa de Abedé; Ieusimin, Torquato Arequipá, Cypriano, Rosendo, a Justa de Obaluaei, Apotijá, mina famoso pelas suas malandragens, que mora na rua do Hospicio 322 e finge de feiticeiro fallando mal do Brazil; a Assiata, outra exploradora, a Maria Luiza, seductora reconhecida, e até um empregado dos Telegraphos, o famoso pai Deolindo...

Toda essa gente vive bem, á farta, joga no bicho como Oloô-Teté, deixa dinheiro quando morre, ás vezes fortunas superiores a cem contos de réis, e achincalha o nome de pessoas eminentes da nossa sociedade, entre conselhos ás meretrizes e goles de paraty. As pessoas eminentes não deixam, entretanto, de ir ouvil-os ás baiucas infectas, porque os feiticeiros que podem dar riqueza, palacios e eternidade, que mudam a distancia, com uma simples mistura de sangue e de hervas, a existencia humana, moram em casinholas sordidas, de onde emana um nauseabundo cheiro.

Para obter o segredo do feitiço, fui a essas casas, estive nas salas sujas, vendo pelas paredes os ele-

phantes, as flechas, os arcos pintados, tropeçando em montes de hervas e lagartos seccos, pegando nas terrinas sagradas e nos *obelês* cheios de suor.

— V. S., se deseja saber quaes são os principaes feitiços, é preciso acostumar-se antes com os sanctos, dizia-me o africano.

Acostumei-me. São innumeraveis. As velhas que lhes discutem o preço em conversa, até confundem as historias. Em pouco tempo estava relacionado com Exú, o diabo, a que se sacrifica no começo das funçanatas, Obaluacê, o sancto da variola, Ogun, o deus da guerra, Oxó-ocy, Eyulé, Oloro-quê, Obalufan, Orixá-agô, Exú-maré, Orixá-ogrynha Ayra, Orominha, Ogodô, Oganjú, Barú, Orixalá, Baynha, Dadá, Percúã, Coricotó, Doú, Alabá, ary e as divindades beiçudas, esposas dos sanctos — Aquará, Oxum-gymoun, Ayá-có, a mãe da noite, Inhansam, Obi-am, esposa de Orixá-lá; Orainha, Ogango, Jená, mulher de Elôquê; Io-máo-já, a dona de Orixáocô; Oxum de Shango e até Obá, que, principe neste mundo, é no ether hetaira do formidavel sancto Ogodô.

Os fetiches contaram-me a historia de Orixá-alum, o maior dos sanctos que apparece raras vezes só para mostrar que não é de brincadeiras, e eu assisti ás cerimonias do culto, em que quasi sempre predomina a farça pueril e sinistra. Deante dos meus olhos de civilizado, passaram negros vestidos de Shango, com calça de côr, saiote encarnado enfeitado de buzios e lentejoulas, avental, babadouro e gorro; e esses negros dansavam com Oxum, varias negras fantasiadas, de ventarolas de metal na mão esquerda e espadinha de páo na direita. Concorri para o sacri-

ficio de Obaluaié, o sancto da variola, um negro de bigode preto com a roupa de Polichinello e uma touca branca orlada de urtigas. O sancto agitava uma vassourinha, o seu *xaxará*, e nós todos em derredor do *babaloxá* viamos morrer sem auxilio de faca, apenas por estrangulamento, uma bicharada que faria inveja ao Jardim Zoologico.

Os africanos porém continuavam a guardar o mysterio da preparação.

— Vamos lá, dizia eu, camarario, como é que faz para matar um cidadão qualquer?

Elles riam, voltavam o rosto com uns gestos quasi femininos.

— Sei lá!

Outros porém tagarelavam:

— V. S. não acredita? E' que ainda não viu nada. Aqui está quem fez um deputado! O...

Os nomes conhecidos surgiam, tumultuavam, empregos na policia, na Camara, relações no Senado, interferencias em desaguisados de familias notaveis.

— Mas como se faz isso?

— Então o senhor pensa que a gente diz assim o seu meio de vida?

E immediatamente aquelle com quem eu fallava, descompunha o vizinho mais proximo — porque, membros de uma maçonaria de defesa geral, de que é chefe o Ojó da rua dos Andradas, os pretos odeiam-se intimamente, formam partidos de feitiçeiros africanos contra feitiçeiros brazileiros, e empregam todos os meios imaginaveis para afundar os mais conhecidos.

Acabei julgando os *babáloxás* sabios na sciencia da feitiçaria como o Papa João XXII e não via

negra mina na rua sem recordar logo o bizarro saber das feiticeiras de d'Annunzio e do Sr. Sardou. A lisonja porém e o dinheiro, a moeda real de todas as machinações dessa opera pregada aos incautos, fizeram-me sabedor dos mais complicados feitiços.

Ha feitiços de todos os matizes, feitiços lugubres, poeticos, risonhos, sinistros. O feiticeiro joga com o Amor, a Vida, o Dinheiro e a Morte, como os malabaristas dos circos com objectos de pesos diversos. Todos entretanto são de uma ignorancia absoluta e affectam intimidades superiores, collocando-se logo na alta politica, no clero e na magistratura. Eu fui saber, aterrado, de uma conspiração politica com os feiticeiros, nada mais nada menos que a morte de um passado presidente da Republica. A principio achei impossivel, mas os meus informantes citavam com simplicidade nomes que estiveram publicamente implicados em conspirações, homens a quem tiro o meu chapéo e aperto a mão. Era impossivel a duvida.

— O presidente está bem com os sanctos, disse-me o feiticeiro, mas bastava vel-o á janella do palacio para que dous mezes depois elle morresse.

— Como?!

— E' difficil dizer. Os trabalhos dessa especie fazem-se na roça, com orações e grandes matanças. Precisa a gente passar noites e noites a fio deante do fogareiro, com o *tessubá* na mão, a rezar. Depois matam-se os animaes, ás vezes um boi que representa a pessoa e é logo enterrado. Garanto-lhe que dias depois o espirito vem dizer ao feiticeiro a doença da pessoa.

— Mas porque não matou?

— Porque os caipóras não me quizeram dar sessenta contos.

— Mas se você tivesse recebido esse dinheiro e um amigo do governo désse mais?

— O feitiço virava. A balança peza tudo e peza tambem dinheiro. Se Deus tivesse permittido a essa hora, os somiticos estariam mortos.

Esse é o feitiço maior, o *envoûtement* solemne e caro. Ha outros, porém, mais em conta.

Para matar um cavalheiro qualquer, basta torrar-lhe o nome, dal-o com algum milho aos pombos e soltal-os n'uma encruzilhada. Os pombos levam a morte... E' poetico. Para ulcerar as pernas do inimigo um punhado de terra do cimiterio é suficiente. Esse mysterioso serviço chama-se *etu*, e os *baboloxás* resolvem todo o seu methodo depois de conversar com os *iffá*, uma collecção de 12 pedras. Quando os *iffá* estão teimosos, sacrifica-se um cabrito mettendo as pedras na bocca do bicho com alfavaca de cobra.

Os homens são em geral voluveis. Ha o meio de os reter *per eternum* sujeitos á mesma paixão, o *effifá*, uma forquilha de páo preparada com besouros, algodão, linhas e hervas, sendo que durante a operação não se deve deixar de dizer o *ojó*, oração. Se eu amanhã desejar a desunião de um casal, enrolo o nome da pessoa com pimenta da costa, malagueta e linha preta, deito isso ao fogo com sangue, e o casal dissolve-se; se resolver transformar Catão, o honesto, no mais desbriado gatuno, arranjo todo esse negocio apenas com um bom *tira*, um rato e algumas hervas! E' maravilhoso.

Ha tambem feitiços porcos, o *mantucá*, por exemplo, preparado com escremento de varios animaes

e cousas que a decencia nos salva de dizer; e feitiços comicos como o terrivel *xuxúguruxú*... Esse faz-se com um espinho de Sancto Antonio besuntado de ovo e enterra-se á porta do inimigo, batendo tres vezes e dizendo :

— *Xuxúguruxú io le bará*...

Para o homem ser absolutamente fatal, D. Juan, Rotschild, Nicoláo II e Morny, recolhi com carinho uma receita infalivel : E' mastigar *orobó* quando pragueja, trazer alguns *tira* ou breves escriptos em arabe na cinta, usar do *ori* para o feitiço não pegar, ter além do *xorá*, defesa propria, o *essiqui*, cobertura e o *irocó*, defumação das roupas, num fogareiro em que se queima azeite de dendê, cabeças de bichos e hervas, visitar os *babaloxás* e jogar de vez em quando *o eté* ou a praga. Se apesar de tudo isso a amante desse homem fugir, ha um supremo recurso : espera-se a hora do meio-dia e crava-se um punhal de trás da porta.

Mas o que não sabem os que sustentam os feiticeiros, é que a base, o fundo de toda a sua sciencia é o *Livro de S. Cypriano*. Os maiores *alufás*, os mais-complicados pais de sancto, têm escondida entre os tiras e a bicharada uma edição nada phantastica do S. Cypriano. Emquanto creaturas chorosas esperam os quebrantos e as misturadas fataes, os negros soleltram o S. Cypriano, á luz dos candieiros...

O feitiço compõe-se apenas de hervas arrancadas ao campo depois de lá deixar dinheiro para o sacy, de sangue, de orações, de gallos, cabritos, kagados, azeite de dendê e do livro idiota. E' o desmoronamento de um sonho!

Os feiticeiros, porém, pedem retratos, exigem dos

clientes coisas de uma depravação sem nome para agir depois fazendo o *egum*, ou evocação dos espiritos, o maior mysterio e a maior pandega dos pretos; e quasi todos roubam com descaro, dando em troco de dinheiro sardinhas com pó de mico, cebollas com quatro pregos espetados, cabeças de pombo em salmora para fortalecer o amor, uma infinita serie de extravagancias. Os trabalhos são tratados como nos consultorios medicos : a simples cousulta de seis a dez mil réis, a morte de homem segundo a sua importancia social e o recebimento da importancia por partes. Quando é doença, paga-se no acto — porque os *babaloxús* são medicos, e curam com cachaça, urubús, pennas de papagaio, sangue e hervas.

A policia visita essas casas como consultante. Soube nesses antros que um antigo delegado estava amarrado a uma paixão, graças aos prodigios de um gallo preto. A policia não sabe pois que alguns desses covis ficam defronte de casas suspeitas, que ha um tecido de patifarias inconscientes ligando-as. Mas não é possivel a uma segurança transitoria acabar com um grande vicio como o Feitiço. Se um inspector vasculhar amanhã os jabotys e as figas de uma das baiucas, á tarde, na delegacia os pedidos choverão...

Eu vi senhoras de alta posição saltando, ás escondidas, de carros de praça, como nos folhetins de romances, para correr, tapando a cara com véos espessos, a essas casas; eu vi sessões em que mãos enluvadas tiravam das carteiras ricas notas e notas aos gritos dos negros malcreados que bradavam.

— Bota dinheiro aqui!

Tive em mãos, com susto e pezar, fios longos de calbellos de senhoras que eu respeitava e continuarei a respeitar nas festas e nos bailes, como as deusas do Conforto e da Honestidade. Um *babaloxá* da costa da Guiné guardou-me dous dias ás suas ordens para acompanhal-o aos logares onde havia serviço, e eu o vi entrar mysteriosamente em casas de Botafogo e da Tijuca, onde, durante o inverno ha recepções e *conversationes* ás 5 da tarde como em Pariz e nos palacios de Italia. Alguns pretos, bebendo commigo, informavam-me que tudo era embromação para viver, e, noutro dia, tilburys paravam á porta, cavalheiros saltavam, pelo corredor estreito desfilava um resumo da nossa sociedade, desde os homens de posição ás prostitutas derrancadas, com escala pelas creadas particulares. De uma vez mostraram-me o retrato de uma menina que eu julgo honesta.

— Mas para que isso?

— Ella quer casar com este.

Era a photographia de um advogado.

— E vocês?

— Como não quer dar mais dinheiro, o servicinho está parado. A pequena já deu trezentos e cincoenta.

Tremi romanticamente por aquella ingenuidade que se perdia nos poços do crime á procura do Amor...

Mas esse caso é commum. Encontrei papelinhos escriptos em cursivo inglez, puro Coração de Jesus, cartões bilhetes, pedaços de seda para misteres que a moralidade não póde desvendar. Elles diziam os nomes com reticencias, sorrindo, e eu acabei humil-

nado, envergonhado, como se me tivessem insultado.

— A curiosidade tem limites, disse a Antonio que desapparecera havia dias para levar ao suburbios almas negras. Se eu dissesse metade do que vi, com as provas que tenho !... Continuar é descer o mesmo abysmo vendo a mesma cidade mysteriosamente rojar-se deante do Feitiço... Basta!

— V. S. não passou dos primeiros quadros da revista. E preciso ver as loucuras que o Feitiço faz, as beberagens que matam, os homicidios nas camarinhas que nunca a policia soube; é preciso chegar á apotheose. Venha...

E Antonio arrastou-me pelarua, do General Gomes Carneiro.

A CASA DAS ALMAS

Os negros *Cambindas* do Rio guardam com terror a historia de um branco que lhes appareceu certa vez em pleno sertão africano. Quando o rei deu por elle, que por alli vinha calmo, com as suas barbas de sol, precipitou-se mais a tribu em attitude feroz. O branco tirou da cinta um pequeno feitiço de metal e prostou morto, golphando sangue, o *babalão*.

— *Exú! Exú!* ganiu a tribu, recuando de chofre.

— Quem és tú, santo que eu não conheço? perguntou tremulo o poderoso rei.

— Sou o que póde tudo, bradou o branco. Vê.

Estendeu a mão de novo e matou outros negros.

— Só te deixarei em paz se me mostrares todos os teus feitiços.

Sua Magestade, apavorada, levou-o á tenda real e durante o dia e durante a noite, sem parar, lhe deu tudo quanto sabia.

— Perdôo-te, disse o branco. Adeus! Levo para o mysterio a rainha.

Aconchegou o feitiço, que parecia *egum*, o deus da guerra, no seio da preferida, deixou-a cahir, e partiu devagar pela estrada afóra...

Não precisei dos meios violentos do *Caramurú* da Africa, para saber do mais terrivel mysterio da religião dos minas : — o *egum* ou evocação das almas. Naquella mesma noite em que encontrára Antonio, o negro serviçal levou-me a uma casa nas immediações da praia de Sancta Luzia.

— Em tudo é preciso mysterio, dizia elle. V. S. vai á casa do *babaloxá*, finge acreditar e depois é convidado para uma cerimonia na casa das almas. Poderá então ver o segredo da pantomima. Quem descobre o segredo do *egum*, morre. Eu me arrisco a morrer.

A sua voz era tremula.

— Tens medo?

— Não, mas se morrer amanhã, todos os feiticeiros dirão que foi o feitiço. Do *egum* depende toda a traficancia. O negro parou. Não imagina! Abubáca Caolho, que mora na rua do Rezende, é um dos taes. Quando ha uma morte, vai logo dizer que foi quem a fez. Se fossemos acreditar nas suas mentiras, Abubáca tinha mais mortes no costado que cabellos na cabeça. V. S. já o viu. E' um negro que usa gravata do lado e *pontas*, — as roupas velhas dos outros... Apotijá é outro.

— Mas ha desse genero de morte, Antonio? indaguei eu accendendo o cigarro com um gesto shakespeareano.

— Ora se ha! Vou provar quando quizer. De morte mysteriosa lembro a Maria Rosa Duarte, sogra do *mama* Pão Balthazar, *alufá* muito amigo de um politico conhecido; o Salvador Tápa, a Esperança Laninia, Larê-quê, Fantunchê, o Jorge da rua do Estacio, Ougu-olusaim... Todos morreram por ter

descoberto o *egum*. Na Bahia, então, esses assassinatos são communs. Hei de lembrar sempre o velho feiticeiro Aguidy, coitado! Era dos que sabem. Um dia, farto de viver, descobriu a traficancia e logo depois morria no incendio do Tabão, com os braços cruzados, impassivel e a sorrir. Aguidy na minha lingua significa : — o que quer morrer... Elle quiz.

Pela praia de Sancta Luzia o luar escorria silenciosamente, e de leve o vento, sacudindo as folhas das arvores em melancolico sussurro, entristecia Antonio.

— Ah! meu senhor. Não é só por causa do *egum* que negro mata. Quando as *Vaud* não andam direito, quando não fingem bem, quasi nunca escapam de morrer. Ha varios processos de morte, a morte lenta, com beberagens e feitiços directos, a morte na camarinha por suffocação... Muitos negros apertam uma veia que a gente tem no pescoço e dentro de um minuto qualquer pessoa está morta. Outros dependuram as creaturas e ellas ficam bracejando no ar com os olhos arregalados.

A Morte e a Loucura nem sempre se limitam ao estreito meio dos negros. As beberagens e o pavor actuam sufficientemente nas pessoas que os frequentam. A Assiata, uma negra baixa, fula e presumpçosa, moradora á rua da Alfandega, dizem os da sua roda que poz doida na Tijuca uma senhora distincta, dando-lhe misturadas para certa molestia do utero. Apotijá, o malandro da rua do Hospicio, que aproveita os momentos de ocio para descompôr o Brasil, tem tambem uma vastissima collecção de casos sinistros.

A Morte e todas as vesanias não são apenas os

sustentaculos dos seus ritos e das suas transacções religiosas, são tambem o meio de vida extra-cultual, o processo de apanhar heranças. Alikali, *lemamo* actual dos *alufás*, e Amando Ginja, cujo nome real é Fortunato Machado, quando morre negro rico vão logo á policia participar que não deixou herdeiros. Alikali é testamenteiro de quasi todos e bicho capaz de fazer *amuré* com as negras velhas, só para lhes ficar com as casas. A certidão de obito é dada sem muitas observações.

— Mas, você conhece mais feiticeiros, Antonio?

— Pois não! O João Mussê, *alufá* feiticeiro tremendo, que mora na rua Senhor dos Passos 222 e é respeitado por todos; Obalei-yé, Obio Jamin, Ochu-Toqui, Ochu Bumin, Emin-Ochun, Oumigy, Obitaiô-homem, Obitaiô mulher, Ochu Tayodé, a Ochu boheió da rua do Cattete, Syê, Shango-Logreti, Ajagum-barú, Ecú-hemin, Angelina, o *ogan* Conrado... Mais de cem feiticeiros, mais de cem...

— Quasi todos com os nomes dos sanctos...

— Os negros usam sempre o nome do santo que têm no corpo...

Mas de repente Antonio parou entre as arvores.

— Temos *ebó* de *Iê-man-já*. A negralhada vem ahi... Se quer ver, esconda-se detrás de algum tronco.

Com effeito, sentiam-se vozes surdas ao longe, cantando.

O despacho, ou *ebó*, da mãi d'agua salgada, é um álguidar com pentes, alfinetes, agulhas, pedaços de seda, dedaes, perfumes, linhas, tudo o que é femenino.

Detrás da arvore, pouco depois eu vi apparecer no

lenilunio a theoria dos pretos. A' frente vinha uma om o alguidar na cabeça, e cantavam baixo

Baô de vé se equi je-man-já
Pelé bé Apotá auo yo tô toro fym la cho
Ere...

Era o offertorio. Ao chegar á praia, na parte em ue ha uns rochedos, a negra desceu, depositou o lguidar. Uma onda mais forte veiu, bateu, virou o aso de barro, quebrou-o, levou as linhas, e todos albuciaram, rojando:

— *Yê-man-já!*

A sancta apparecera na phosphorecencia lunar, gradecendo....

Depois os sacerdotes ergueram-se, reuniram e nós icámos de novo sós, emquanto o oceano rugia e, ao onge, tristemente a canzoada ladrava.

— Ainda apanhamos o *candomblé*, disse Antonio. E' preciso que o *babaloxá* convide V. S. para o *gum*...

Noutro dia, pouco mais ou menos á meia-noite, stavamos no *ilé-saim* ou casa das almas.

O *egum* é uma cerimonia quasi publica, a que os eiticeiros convidam certos brancos para presenciar pantomima do seu extraordinario poder. Esses uriosos fetiches, que para fazer o guincho de sancto Ossaim amarram nas pernas bonecas de borracha, om assobio; cujos sanctos são um producto de bebeleiras e de hypnose, têm na evocação dos espiritos maxima enscenação da sua força sobre o invisivel. Quando morre alguem, quando todos estão diante do

corpo, um dos pretos esconde-se e dá um grito. No meio da confusão geral, então, mudando a voz, esse negro gríta:

— *Emim, toculoni mopé, cá-um-pé, emim!* Eu que morri hoje, quero que chamem por mim.

Os donos do defunto arranjam o dinheiro para a evocação, pessoas estranhas ajudam tambem com a sua quota para aproveitar e saber do futuro. O *babaloxá* não faz o *egum* emquanto não tem pelo menos tresentos mil réis. Arranjada a quantia, começa a cerimonia.

Quando entrámos na sala das almas, á luz fumareta dos candieiros, a scena era estranha. Havia brancas, meretrizes de grandes rodellas de carmim nas faces, mulatas em camisa, mostrando os braços com desenhos e iniciaes em azul dos proprietarios do seu amor, e negros, muitos negros. Estes ultimos, sentados em roda do assoalho, estavam quasi nús, e algumas negras mesmo inteiramente núas com os seios pendentes e a carapinha cheia de banha.

— Porque estão elles assim?

— Para mais facilmente receber o espirito.

Junto á porta do fundo, tres negros de vara em punho quedavam-se extaticos. Eram os *annichans*, que faziam guarda ao *saluin* ou quarto dos espiritos. Ouvi dentro do *saluin* um barulho de pratos, de copos tocados, de garrafas desarrolhadas; um momento pareceu-me ouvir até o estouro forte do *champagne* barato.

— Ha gente lá dentro?

— As almas. Estão se banqueteando. O banquete foi pago pelos presentes. Mas, psiu! Daqui a pouco começarão as cantigas, que ninguem comprehende.

Os africanos inventam nomes para a scena parecer mais fantastica.

Com effeito, minutos depois, aos primeiros sons dos *atabaques*, as negras bradaram:

— *Aluá!* o espirito! e romperam uma cantiga assustada e tropega.

Anu-ha, a o ry au od á
San-ná elê-o ou baba
Locá-aló.

A porta continuava fechada, mas eu vi surgir de repente um negro vestido de dominó com os pés amarrados em pannos. Os tres *annichans* ergueram as varas, o dominó macabro começou a bater a sua no chão, os *xeguedês* sacudiram-se, e outra cantiga estalou medrosa:

Lou-â gége ou-rou ó uá
Xó la-ry la-ry lary
Que què oura ô uchô
La-ry la mamau rú nam babâ

Quando o sancto aos pulos approximava-se de alguma mulher, ella recuava bradando com desespero:

— *Afapão!*

— Vão apparecer as almas, avisou Antonio, a cantiga diz: Procurámos a alma de Fulano e de Cicrano e não a encontrámos dormindo. Cançámos sem saber o mysterio que a envolvia. A alma está aqui e entrou pela porta do quintal.

— Mas quem é este dominó?

— E' *Baba-Egum*. As almas têm varios cargos.

O que traz uma gamela chama-se *Ala-té-orum*, o 2° *Opocó-echi*, o 3° *Eguninhansan*, e no meio de sete espiritos apparece o invocado.

Entretanto o dominó *Baba-Egum* batia furiosamente no chão com a sua vara de marmello, e no alarido augmentado appareceu aos pulos outro dominó, o *Alabá*, que por sua vez tambem se poz a bater. Era o ritual da entrega das almas. Por fim appareceu *Ousaim*, enfiado numa phantasia de *bebê*, de xadrez variado, com duas mascaras : uma nas costas, outra tapando o rosto.

— Quem é esse?

— O Bonifacio da Piedade, um malandro de *cavaignac*, que faz sempre de *Eruo-saim*.

Eruosaim tambem dançava. Entre as cantigas, os *annichans* ergueram de novo as varas, a porta abriu-se, dous negros ficaram um de cada lado, o *atafim*, ou confidente, e o *anuxam*, secreta. De dentro sahiram mais tres dominós cheios de figas e espelhinhos, com os pés embrulhados nos trapos. As negras aterrorizadas uivavam, com o amarello dos olhos virados e os espiritos, naquella algazarra, pareciam cambalear. Havia gente porém que os reconhecia.

— Elles fingem os gestos dos mortos, segredou-me Antonio.

Palmas resoavam estridentes saudando a chegada do invisivel, as varas de marmello lanhavam o ar e as almas, e naquelle circulo silvante, ao som dos *xeguedês* e dos *atabaques* batiam surdamente no chão aos pulos da dansa demoniaca.

Um dos espiritos, porém, sentou-se numa especie de throno de magica. Como por encanto a dansa

cessou e naquella pavida atmosphera, em que o medo gemia, as mulheres de borco, os homens contorsionados, o negro fantasiado guinchou do alto.

— Guilhermina ocê percisa gostá de Antonho... José tem que fazê *ebó* para espirito máo.

Xica, um home ha de vi ahi, ocê vai com elle...

— Veja V. S. o *chantage*, murmurou Antonio. Os negros recebem dinheiro antes dos homens e obrigam as creaturas pelo terror a tudo quanto quizerem. Por isso quem descobre o *egum*, morre.

A Xica, uma mulatinha, coitada! tremia convulsivamente, mas já outras, mias, em camisa, sacudindo os membros lassos, ganiam de longe, batendo as varas num terror exhaustivo.

— E eu? e eu?

— Ocê tá dereita, sua vida vai p'ra frente.

— E eu? e eu? gargolejaram outras boccas em estertores.

— Ocê está pra traz, percisa *ebó*.

Approximei-me de um dos espiritos; cheirava a espirito de vinho; estava litteralmente bebedo.

Quando a cerimonia attingia ao desvario e já os espiritos tinham pastosidades na voz, cahiu na sala, como um bendegó, *Inhansam*, um negro fingindo de santo materialisado, e em meio do pavor geral, ao som das cantigas, esticou a mão sinistra, foi pedindo a cada creatura 16 *obis*, 16 *orobós*, 16 gallos, 16 gallinhas, 16 pimentas da Costa, 16 mil réis, um cabrito, um carneiro. Ao chegar ás meretrizes brancas, *Inhansam* ferozmente exegia peças de chita, fazendas e objectos caros. A turba gritava toda: *Inhansam! Inhansam!* gente nova entrava na sala, e de repente, como todos se voltassem a um grito da porta,

os espiritos desappareceram... Tinham fugido tranquillamente pelo corredor.

— Está acabado, fez Antonio. Os espiritos vão se despir, e voltam dahi a pouco para ver se o pessoal acreditou mesmo...

A scena mudára entretanto. Dissipado o sudario apavorado, todas aquellas carnes hyperestizadas erguiam-se ainda vibrantes para a bacchanal.

O alcool e a quéda na realidade estabeleciam o desejo. Negros arrastavam-se para o quintal, para os cantos, longos sorrisos lubricos abriam em bocejos as boccas espumantes, risinhos rebentavam e negros fortes, estendidos no chão, rolavam as cabeças numa sêde de gozo.

Ha entre as negras uma propensão sinistra para o tribadismo. Em pouco, naquella casinhola suja e mal cheirosa, eu via como uma caricatura horrenda as scenas de deboche dos romances historicos em moda. Mais dous negros entraram.

— Então *egum* esteve bom?

— E eu que não cheguei em tempo..

— Veja, mostrou Antonio, lá está o Bonifacio *Eruousaim*, vendo se causou effeito phantasiado de *bêbê*. Venha até o quarto do banquete.

Fomos. Antonio empurrou uma porta e logo nos achámos numa sala com garrafas pelo chão, pratos servidos, copos entornados, rolhas, os destroços de uma fome voraz. Num canto a Xica dizia baixinho para um lindo rapaz de calças bombachas:

— E' você que o espirito disse?...

Quando reapparecemos, o *babaloxa* murmurava:

— A festa está acabada, companheiros... E' não deixar de trazer o que *Inhansam* pediu.

Sahimos então, Vinha pelo céo raiando a manhã. Pallidamente, na callote côr de perola, as estrellas tremiam e desmaiavam. Antonio cambaleava. Chamei um carro que passava, metti-o dentro. Em torno tudo dizia o mysterio e a incomprehensão humana, o ether puro, os vagalhões do mar, as arvores calmas. Tinha a cabeça ôca, e, apezar dos assassinatos, dos roubos, da loucura, das evocações sinistras, vinha da casa das almas julgando *babalaôs*, *babaloxás*, mãis de santo e feiticeiros os architectos de uma religião completa. Que fazem esses negros mais do que fizeram todas as religiões conhecidas?

O culto precisa de mentiras e de dinheiro. Todos os cultos mentem e absorvem dinheiro. Os que nos desvendaram os segredos e a machinação morreram. Os africanos tambem matam.

E eu, perdoando o crime desse sacerdocio mina, que se impõe e vive regaladamente, tive vontade de ir entregar Antonio negro e a dormir á casa de Ojô, para que nunca mais desvendasse a ninguem o sinistro segredo da casa das almas.

OS NOVOS FEITIÇOS DE SANIN

— Pois seja! disse Antonio, tomando coragem. V. S. póde ir, mas não cuspa, não fume e não coma nessa casa. Eu não vou.

— Acompanhas-me até a porta?

— Até á esquina, Ficarei de alcatéa. Sanin e Ojô são capazes de me acabar com a vida.

A vida de Antonio é uma vida, sob todos os titulos, preciosa, e naquelle momento ainda o era mais, porque a sustentava eu. Reflecti e concordei.

— Está direito, ficas á esquina...

Chovia a cantaros. Antonio, sem guarda-chuva, mettido num capote que lhe ia até aos pés, accendia constantemente um charuto, que apagava.

— Mas, que é esse Sanin, afinal?

— Um feiticeiro damnado!

— Mas *babaloxá*, *babalaô*, traficante?...

— *Babalaô*, não senhor. Para ser *babalaô* é precisa muita cousa. Só de noviciado, leva-se muito tempo, annos a fio, e a cerimonia é difficillima. Quando um iniciado quer ser *babalaô*, tem que levar ao *babalaô* que o sagra, dous cabritos pretos, duas galinhas d'Angola, duas gallinhas da terra, dous patos, dous pombos, dous bagres, duas preás, um kilo de limo, um *ori*, um pedaço de *ossum*, um pedaço de

giz, dous gansos, dous gallos, uma esteira, dous caramujos e uma porção de pennas de papagaio encarnadas.

— E' difficil.

— E não é tudo. Tem que levar tambem um kilo de sabão da costa, que se chama *ochê-i-luaiê*, e não entra para o *ibodo-iffá* ou quarto dos sanctos sem estar de roupa nova e levar na algibeira pelo menos 200$000. O futuro *babalaó* fica sete dias no *ibodô*, onde não entra ninguem para não ver o segredo.

— O segredo?

— O segredo é um ovo de papagaio. V. S. já viu um ovo de papagaio? Nunca! E' difficil. E quem vê um ovo desses, arrisca-se a ficar cego. O ovo em africano chama-se *éiu*, o papagaio *odidé*. E' o ovo que guardam dentro de uma cuia ou *ybadú*. O iniciado fica inteiramente nú, senta-se na esteira, e o velho *babalaô* indaga se é de seu gosto fazer o *iffa*. Se a resposta fôr affirmativa, lavam-se quarenta e dous caroços de dendê com diversas hervas, e nessa agua o *babalaô* novo toma banho.

Depois raspa-se-lhe a carapinha, guardando-a para o grande despacho, pinta-se-lhe o craneo com giz e faz-se a matança.

— Todos os animaes?

— Todos cáem ao golpe das navalhas afiadas, o sangue enche os alguidares, escorre pela casa, mas ninguem sabe, porque lá dentro, de vivos, só ha os dous *babalaôs* e o acolyto. O primeiro sacrificio é para *exú*. Mistura-se o sangue do gallo com tabatinga, fórma-se um boneco recheiado com os pés, o figado, o coração e a cabeça dos bichos mettem-se em forma de olhos, nariz e bocca, quatro busios e está feito

o *exú*. Em seguida esfaqueiam-se os outros bichos, sacrificando aos *iffá*. O novo babalaò recebe na cabeça um pouco desse sangue, o acolyto ou *ogibonam* amarra-lhe na testa uma penna de papagaio com linha preta e, assim prompto, o novo mathematico fica seis dias aprendendo a pratica de alguns feitiços temiveis e rezando aos *odú iffá*.

Os iffa são dezeseis : — eydy-obé, ojécu-meygy, jory-meygy, ury-meygy; ôrosè-meygy, nany-meygy, obará-meygy, ocairá-meigy, egundá-meygy, osé-meygy, oturá-meygy, oreté-meygy, icá-meygy, eturáfan-meygy, achemeygy, e ogy-ofum. No fim dos sete dias juntam-se os ossos, as cabeças, os pés dos animaes com os restos de comida, a penna de papagaio do joven professo, as hervas dos serviços anteriores, colloca-se tudo num alguidar para jogar onde o *opelé* disser, no mar, num lago, em qualquer rio. O iniciado é quem leva o alguidar, sem perder a razão, e canta no trajecto tres cantigas...

Estavamos no largo do Capim. A chuva era tanta que nos obrigára a recolher a um botequim qualquer, e Antonio, já sentado, bebendo vinho do porto e accendendo pela trigessima vez a horrenda ponta do seu charuto, praparava-se para entoar as maviosas cantigas. Chegou mesmo a perpetrar uma, a segunda, a mais curta.

O-ché-yturá a narê praquê
Abá gun-nem-gum gebó
Oury ôcú ou-myn-nan
Essé ouxy-cá gô-xé-nan ló nan.

Esta apavorada oração significa : Sabão da Costa

serve para resguardar-se a gente do rei que come urubú e limo da costa. Nós, se comermos limo ou urubú pelo pé, hoje mesmo morreremos. Elle não defende filho como filho.

— Mas o Sanin?

— V. S. não quer aprender mesmo? Deixe o Sanin. Está chovendo tanto!

— O Sanin é ou não um sabio?

— E' malandro.

— Ainda melhor.

Quando sahi, de dentro do botequim, Antonio esticou a mão.

— *Orum-my-lá ború ybó, yê, ybó ybó, xixé!*

Negro amavel!! Com aquelle seu gesto sacerdotal dizia-me:

— Satisfaça ao Deus que faz tudo e tudo entorta, *amem!*

Abri o guarda-chuva e respondi já de longe.

— *Ybó -xixé!*

Sanin móra agora na casa do famoso Ojô, o director social da feiticaria. A casa de Ojô fica na rua dos Andradas, quasi no começo, com um aspecto pobre e um cheiro desagradavel. Quando batemos, a chuva rufava em torno um barulho ensurdecedor. Não nos responderam. Batemos de novo. Alguem de certo nos espiava. Afinal abriu-se a rotula e uma mulher appareceu.

— Baba Sanin?

— Não está.

— Venho mandado por um conhecido. Sem receio.

— A casa é de Emanuel...

— Ojô, sei bem. Foi o Miguel Pequeno que me mandou. Abre.

De novo a rotula fechou. A mulher ia consultar, mas não demorou muito que voltasse abrindo de esguelha e dizendo mysteriosamente.

— Entre.

A sala tinha areia no assoalho, os moveis concertados indicavam que Ojô vive bem. Numa cadeira um facto branco engommado, e mais longe o chapéo de palha attestava a presença do feiticeiro.

— Então Sanin?

— Vem já.

Pouco tempo depois appareceu Sanin, de blusa azul e gorro vermelho, o typo classico do mina desapparecido, andando meio de lado, com o olhar desconfiado. O pobre diabo vive assustado com a policia, com os jornaes, com os agentes. Para o seu cerebro restricto de africano, desde que chegou, o Rio passa por transformações phantasticas. E' um malandro, orgulloso do feitiço e com um medo damnado da cadeia. Fôra de certo quasi á força que apparecera, e só muito lentamente o pavor o deixou fallar.

— Baba Sanin, o Miguel Pequeno mandou-me aqui para um negocio muito grave. Baba tem uns feitiços novos.

— Não tem...

— Eu sei que tem. Abri a carteira, uma carteira de effeito, como usam os homens da praça, enorme, com fechos de prata. Não tenha medo. Se o Baba não me faz o trabalho, estou perdido. E' a minha ultima esperança.

— Que trabalho?

Revolvi as notas da carteira, devagar, para mostral-as, tirei um papelzinho e mysteriosamente murmurei :

— Aqui tem o nome della...

Na cara do feiticeiro deslisou um sorriso diabolico :

— Aha! Aha... Está bom.

— Sanin, eu tenho fé nos sanctos, mas os outros feiticeiros não dão volta ao negocio.

Você vai acabar. Olhe, póde contar...

Tudo neste mundo é esperança de dinheiro, de felicidade, de paz, e tanto vive de esperança o feiticeiro que a dá como as pobres creaturas que com elle a vão procurar.

Sanin começou a fallar dos feitiços dos outros, lembrou-se dos seus aos bocados, e em pouco, com a esperança de ganhar mais, fazia-me revelações.

Cada feiticeiro tem feitiços proprios. Abubaca Caolho, o alcoolico da rua do Rezende, tem o *ibá*, cuia com pimenta da costa e hervas para fazer mal. Quando se falla do *ibá*, diz-se simplesmente : o feitiço do Abubaca. *Gya*, cabeça de pato com lesmas e o cabello da pessoa, é uma descoberta de *Ojô* e serve para enlouquecer. Quem quer enlouquecer o proximo, arranja ou falsifica a obra de *Ojô*.

— Mas baba Sanin, como é que sabe tudo isso?

— Então não aprendi? Eu sei tudo.

E como sabe tudo, dá-me receitas. Fico sabendo, sem pasmo, sentado numa cadeira, que giba de camello com corpo de macaco e um cabrito preto em hervas matam a gente e que esta descoberta é do celebrado João Alabá, negro rico e sabichão da rua Barão de S. Felix 76. Não é tudo. Sanin faz-me vagarosamente dar a volta ao armazem do feitiço. Eu tomo notas curiosas dessa medicina moral e physica.

Para matar, ainda ha outros processos. O malandrão Bonifacio da Piedade acaba um cidadão pacato

apenas com cuspo, sobejos e treze orações; João Alabá conseguirá matar a cidade com um porco, um carneiro, um bode, um gallo preto, um jaboty e a roupa das creaturas, auxiliado apenas por dous negros nús com o *tessubá*, rosario, na mão, á hora da meia-noite; pipocas, braço de menino, pimenta malagueta e pés de anjo arrancados ao cemiterio matam em tres dias; dous jabotys e dous caramujos, dous abis, dous orobós e terra de defunto sob sete orações que demorem sete minutos chamando sete vezes a pessoa, é a receita do Emygdio para expedir desta vida os inimigos...

Ha feitiços para tudo. Sobejo de cavallo com hervas e duas orações, segundo Alufá Ginja, produz ataques hystericos; um par de meias com o rastro da pessoa, hervas e duas orações, tudo dentro de uma garrafa, fal-a perder a tramontana; cabello de defunto, unhas, pimenta da Costa e hervas obrigam o individuo a suicidar-se; cabeças de cobras e de kagado, terra do cemiterio e caramujos atrazam a vida tal qual como os pombos com hervas damninhas, e não ha como pombas para fazer um homem andar para trás...

— Mas para dar sorte, caro tio?

— Ha mão de anjo roubada ao cemiterio em dia de sexta-feira.

— E para tornar um homem ladrão, por exemplo?

— Um rato, cabeça de gato, hervas, o nome da pessoa e orações.

— E para fazer um casal brigar?

— Cabeça de macaco, aranha e uma faca nova.

— E para amarral-os por toda a vida?

O negro pensou, olhando-me fixamente:

— Um *obi*, um *orobô*, unhas dos pés e das mãos, pestanas e lesmas...

— Tudo isso?

— Preparado por mim.

Então Sanin fala-me dos seus feitiços. Sanin é poeta e é phantasista.

Sob a dependencia de Ojô, quasi seu escravo, esse negro forte, de quarenta annos, trouxe do centro da Africa a capacidade poetica daquella gente de miolos torrados, as ultimas novidades da phantasia feiticeira. Para conquistar, Sanin tem um breve, que se põe ao pescoço. O breve contem dous *tiras*, uma cabeça de pavão e um colibri, tudo colorido e brilhante; para amar eternamente, cabeças de rola em saquinhos de velludo; para apagar a saudade, pedras roxas do mar.

Quando lhe pagam para que torne um homem judeu errante, o preto prepara cabeças de coelho, a presteza assustada; pombos pretos, a dôr; hervas do campo, e enterra em frente á porta do novo Ashaverus; quando pretende prender para sempre uma mulher, faz um breve de essencias que o apaixonado sacode ao avistal-a Sanin é tambem máu — mas de maneira interessante.

Os seus trabalhos de morte são os mais difficeis. Sanin ao meio-dia levanta no terreiro uma vara e reza. Pouco tempo depois sae da vara um marimbondo e o marimbondo parte, vai procurar a victima, e não pára emquanto não lhe inocula a morte.

O marimbondo é vulgar á vista do boto vivo mettido dentro de uma caveira humana; em presença do feitiço do morcego, a aza que roça e mata, a raposa e o lenço, e eu o fui encontrar pondo em execução o maior feitiço: baiacú de espinho com ovo de jacaré,

— que é o *babalaô* da agua, baiacú que faz seccar e inchar a vontade das rezas e domina as almas para todo o sempre.

— Mas por que você, um homem tão poderoso, não me queria receber?

— Porque andam a falar de nós, porque a policia vem ahi. Fizemos outro dia até um despacho no campo de Sant'Anna com os dentes, os olhos de um carneiro, jabotys, hervas e duas orações para quem falla de nós deixar de falar.

— Mas porque um carneiro?

— Porque o carneiro morre calado. Foi o Antonio Mina quem fez o despacho e todos nós rezamos de bruços e todos nós demos para o despacho, que custou cento e oitenta e tres mil réis.

Então eu apanhei o meu chapéo, apertei a mão do phantasista Sanin.

— Pois fez mal, baba, fez muito mal em dar o seu dinheiro, porque quem fala de vocês sou eu.

E como o negro aterrado abrisse a bocca enorme, eu abri a carteira e o convenci de que todas as suas fantasias, arrancadas ao sertão da Africa, não valem o prazer de as vender bem.

Dinheiro, mortes, e infamia as bases desse templo formidavel do feitiço!

A EGREJA POSITIVISTA

O amor por principio
E a ordem por base.
O progresso por fim.

Era domingo, á porta do templo da Humanidade, na rua Benjamin Constant.

Com o céo luminosamente azul e o sol tepido, havia muita concurrencia nessa rua, de ordinario deserta : — senhoras, cavalheiros de sobrecasaca, militares, creanças. Uns subiam logo as escadas do templo, cuja fachada recorda um templo grego; outros, mais intimos, seguiam para o fundo, pelo lado direito. Teixeira Mendes fazia a sua prédica dominical.

Tinhamos ido a conversar com um velho positivista. A principio elle annunciara um profundo desprezo pela frivolidade jornalistica e a imprensa. Mas depois, como eu risse sem rancor, permittiu-se levar-me até a Egreja e foi tão bondoso que alli estavamos, tagarelando de cousas superiores, emquanto ao templo continuava a affluir a onda de fardas de senhoras e de cavalheiros solemnes.

— Não é possivel negar a influencia positivista na nossa politica, sobre os brasileiros cultos, ia eu dizendo, mas o publico...

— Os jornaes...

— ... o grande publico não comprehende e irrita-se. O meu amigo póde fallar de Spencer, de Kant e de outros philosophos. Passa por erudito e é respeitado. Basta porém, fallar de Comte para que o tomem por um exquisitão e perguntem injuriosamente se essa é a religião de Clotilde de Vaux.

— E' natural. E' a gentinha que não conhece o culto, adulterado por espiritos anarchicos. Mas você vê que os honestos já começam a comprehender a doce religião que submetteu a intelligencia ao sentimento.

— Tem-lhes custado.

— O positivismo tem quarenta annos de propaganda no Brasil. Em 1864, o Dr. Barreto de Aragão publicava uma arithmetica dando a hierarchia scientifica de Comte e o Dr. Brandão escrevia a *Escravidão no Brasil.* Foram esses os primeiros livros positivistas, hoje quasi desconhecidos. Depois é que o positivismo começou a ser falado entre mathematicos e que os professores da Central e da Escola Militar deram em citar a *Astronomia* e o primeiro volume da *Philosophia.*

— Era o tempo em que se considerava a *Politica* um livro impio...

— Ainda não se fizera sentir a necessidade de dispensar os serviços provisorios de Deus. O caracter religioso do positivismo não era conhecido. Isso não impediu que Benjamin Constant, fazendo concurso na Escola Militar, declarasse ser positivista orthodoxo

republicano, e que o proprio Benjamin, com os Srs. Oliveira Guimarães e Abreu Lima, constituisse o nucleo dos orthodoxos em 1872.

— A influencia foi nulla... interrompi eu, olhando uma senhora loura que entrava com o catecismo encadernado em velludo verde.

— Nada se perde. Oliveira Guimarães deixou um discipulo, Oscar de Araujo; Benjamin levou ás escholas a palavra religiosa do mestre, regenerou o ensino da mathematica e foi o primeiro brasileiro que teve no seu quarto o retrato de Clothilde de Vaux. Os trabalhos adoptados na Escola Militar são quasi todos de discipulos seus. No meio intelligente desses ultimos surgiram Raymundo e Miguel Lemos; era um momento de agitação. Pereira Barreto publicava o 1° volume da obra *As tres philosophias*, e tanto Miguel como Teixeira Mendes eram littréistas, considerando a parte religiosa de Comte como obra de louco.

Foi com elles que Oliveira Guimarães fez alliança para fundar a bibliotheca positivista e abrir cursos scientificos.

— Era a philosophia da Academia...

— Sem jardins. O começo do positivismo no Brasil é absolutamente academico. Em 1876 a Eschola de Medicina manifestou-se com a these *Da Nutrição*, de Ribeiro de Mendonça, e a primeira sociedade positivista foi feita de professores orthodoxos e de estudantes littreistas.

— Seria curioso saber como estes mudaram.

— As pequenas causas têm ás vezes grandes effeitos. Uma censura ao director da eschola motivou serem suspensos, por dous annos, Teixeira Mendes e

Miguel Lemos, que foram para a Europa; e emquanto só, Benjamin propagava aqui, os dous em Pariz *littréisavam*. Mendes veiu o mesmo, achando o Comte da *Politica* maluco. Miguel ficou, e lá, *sponte sua*, abandonou Littré e relacionou-se com Laffite.

— E converteu-se?

— A 4 de julho de 1879.

Solemnemente, o meu amigo positivista apanhava sol. Levei-o com carinho para o jardim, onde devia florir o bosque sagrado com as sepulturas dos homens dignos. Não havia bosques, nem sepulturas. Apenas algumas arvores. O positivista accendeu o cigarro, depois de o fazer com um forte fumo Rio Novo. Eu perguntei pasmado:

— Toma café?

Elle riu.

— Como toda a gente! Essa historia de não tomar café e não fumar é apenas umaléria. Então você pensa que Augusto Comte imaginasse, de máo, fazer o mundo deixar o café e o fumo, só para arruinar o Brasil? O facto é outro. O grande philosopho não fumava nem bebia excitantes, porque lhe faziam mal; Miguel Lemos, doente como é, não se atira a esses excessos; Teixeira Mendes, um homem que reflecte dezeseis horas a fio, não se póde dar aos desvaneios da fumaça... Não ha prohibições formaes para o horrendo vicio; ha apenas medo...

Puxei com vigor uma baforada.

— A propaganda desappareceu com a estada de Miguel Lemos em Pariz?

— Não. A sociedade passou a chamar-se Sociedade Positivista do Rio de Janeiro, sendo acclamado

residente o Dr. Ribeiro de Mendonça, que se filiou Laffite.

— Começou a éra do laffitismo...

— E com excesso. Concorriamos até pecuniariamente para o subsidio sacerdotal da egreja em Pariz. Lemos influiu de tal modo sobre Teixeira Mendes, que pouco tempo depois este tambem se convertia. Foi, ligada a Laffite, que a nossa igreja iniciou as commemorações de caracter religioso com a festa de Camões em 1886; que se commemorou o 22° passamento de Comte e a festa da Humanidade; e é nessa época que data a primeira procissão civica no Rio de Janeiro, com andores e o busto de Camões esculpido por Almeida Reis.

Quando Miguel voltou, aspirante ao Apostolado, as reuniões tornaram-se regulares aos domingos, na rua do Carmo n. 14, e Ferreira de Araujo abriu uma secção na *Gazeta* com o titulo *Centro Positivista*, cujo primeiro artigo dava a theoria scientifica do calendario. Em 1881, já presidente Miguel Lemos, o Centro passou para a rua Nova do Ouvidor, as exposições da religião tornaram-se regulares, e Raymundo fez no Lyceu um curso do catecismo, interrompido pelas suas celebres conferencias de antigo littreista contra o sophisma de Littré.

— Era a prosperidade.

— Nesse anno, em que se commemorou a Tomada da Bastilha, Lemos foi a S. Paulo, fez nove conferencias, fundou uma filial com Ferreira Souto, Carvalho de Mendonça, Oliveira Marcondes, Godofredo Martins e Silva Jardim, e as intervenções do Centro na nossa vida politica accenturam-se contra a immoralidade da colonisação chineza, traçando o pro-

gramma do candidato positivista, protestando contra as loterias, exigindo o registro civil, a abolição, oppondo-se ás universidades...

— Já nesse tempo?

— Os artigos foram publicados na *Gazeta de Noticias* e fizeram que o imperador se oppuzesse á idéa, aconselhando ao ministro que reformasse o ensino por outro qualquer meio que não fosse as universidades.

O meu velho amigo andou alguns passos pelo futuro bosque sagrado. Acompanhei-o.

Ouvia-se lá dentro o som multiplo de uma orchestra. Raros retardatarios entravam.

— Neste anno tambem, continuou com calma, uma circular instituiu o subsidio sacerdotal, o que deu logar á retirada de Benjamin Constant, e foram conferidos os primeiros sacramentos aos filhos de Miguel Lemos, Teixeira Mendes e do Dr. Coelho Barreto.

— Hoje esses sacramentos são communs?

— Como os do matrimonio, em grande numero.

— A ruptura com Laffite deu-se logo depois?

— Em 1883. Lemos ficou o unico responsavel do positivismo no Brasil, continuando a ingerir-se na vida publica da sua patria.

— Mas este templo como foi feito?

— O Apostolado deixou a séde da rua Nova do Ouvidor para a rua do Lavradio. A mudança determinou o lançamento de um emprestimo em 1891 para a construcção do templo, no que muito concorreram Pereira Reis, Ottero, Rufino de Almeida, Decio Villares. A inauguração foi em 1894, e a igreja custou 250 contos.

— E' mais uma prova da importancia do Centro o regimen republicano.

— A nossa intervenção no inicio da Republica foi e primeira ordem. Basta citar a bandeira nacional, separação da Egreja do Estado, a liberdade dos pro-essores, a reforma do codigo no caso da tutela de lhos menores.

— O Centro tambem tem uma casa em Pariz?

O semblante do positivista annuviou-se.

— Sim, a casa em que morreu Clotilde. Foi com-rada por 70 mil francos. E' triste. Em Paris não stavam preparados para comprehender Teixeira Iendes. Era tarde para a campanha... Mas venha ver nossa typographia.

Caminhámos com intimidade pela avenida estreita.)e vez em quando ouvia-se o som de uma voz acre. Era a prédica.

A typographia fica em baixo, correspondendo a oda a extensão da nave em cima. E' completa. Pergunto respeitoso o numero de publicações dessa officina.

— As obras de maior valor são o Anno sem Par, a Biographia de Benjamin Constant, a Visita aos Logares Sanctos do Positivismo, a Chimica Positiva, as Ultimas Concepções de A. Comte (onde se acha a theoria dos numeros sagrados), todas obras de Raymundo Mendes. A publicação de folhetos é talvez superior a 600.

— Mas os subscriptores são muitos?

— São sufficientes. A egreja do Brazil tem recebido tambem auxilios de Londres.

O pavimento em baixo não é só occupado pela typographia. Ha tambem o gabinete luxuoso de

Miguel Lemos e a sala Daniel Encontre, onde Teixeira Mendes expõe aos jovens discipulos da humanidade, e a quem quizer ouvil-o, as sete sciencias. Ouvem-no lentes de academias e professores notaveis.

— E' grande o numero de positivistas?

— No Brasil os orthodoxos devem ser uns 700. Os sympathicos não se pódem mais contar. As gerações que sáem da nossa Escola Militar são quasi que compostas de sympathicos...

— E a influencia moral augmenta?

O positivista confessou com tristeza.

— Vai se tornando fraca. Não se admire. Será por fraqueza dos apostolos? Será porque o publico se afasta da realidade, corrompido moralmente? O facto é patente. Ainda ha pouco o *privilegio funerario* foi uma campanha perdida... Mas entremos.

Com o chapéo na mão, nós entrámos. Havia luxo e conforto. De um lado a secretaria, onde se vendem as obras editadas pela egreja, de outro, a sala onde está a escada para o côro, com orchestra e uma rica bibliotheca de carvalho lavrada. Degráos atapetados dão accesso á nave.

O tempo da humanidade é lindo. Ao alto, junto ao tecto correm janellas que arejam o ambiente. Todo pintado de verde-mar, está-se lá dentro como num suave banho de esperança. Sentam-se os homens na nave, que tem quatorze capellas; — columnas de páo negro sustentando em portaes abertos bustos esculpturados por Decio Villares. Os bustos representam os mezes do calendario: Moysés ou a Theocracia inicial, Homero, Aristoteles, Archimedes ou a poesia, philosophia e a sciencia antiga; Cesar, ou a civilisação

militar; S. Paulo, ou o catholicismo; Carlos Magno, ou a civilisação feudal : Dante, Gutenberg, Shakespeare, Descartes, Frederico Bichat, ou a epopéa, a industria, o drama, a philosophia, a politica, a sciencia moderna, e Heloisa, a sancta entre as sanctas, que fica na ultima capella voltando o seu semblante maguado para a porta.

Na capella-mór, rica de tapetes e de madeiras esculpidas, ha uma cathedra, onde se senta Teixeira Mendes com as vestes sacerdotaes negras debruadas de verdes. Por traz fica um busto de bronze de A. Comte, e, dominando toda a sala, o quadro de carvalho lavrado com lettras de oiro, de onde surge a figura delicada de Clotilde, a humanidade symbolizada por Decio numa das suas mirificas atmospheras sonhadoras.

A voz de Raymundo corre com a continuidade de uma quéda de aguas; na nave cheia scintillam galões e lunetas graves; na capella-mór, senhoras ouvem com attenção essa palavra, que não deixa de ser demolidora.

— Que é o positivismo? sussurro eu, sentando-me.

— E'uma religião que respeita as religiões passadas e substitue a revelação pela demonstração. Nasceu da ruptura do catholicismo e da evolução scientifica do seculo 17° para cá. De Maistre dizia que o catholicismo ia passar por muitas tranformações para ligar a sciencia á religião. Comte descobriu a lei dos tres estados, a chave da sociologia, e quando era o grande philosopho, Clotilde appareceu e ensinou que a intelligencia é apenas o ministro do coração.

Agir por affeição,
Pensar para agir.

Comte proclamou que o homem e a mulher se completam sob o triplice aspecto: sentimento, intelligencia e actividade. A religião divide-se em Culto, Dogma e Regimen, o que vem a ser bem amar, bem conhecer e bem servir a humanidade, o Grande Ser, o conjuncto das gerações passadas e futuras pela geração presente. A existencia do Grande Ser está ligada á terra, o Grande-Feliche, e ao espaço, o Grande Meio...

— Mas quantas senhoras!

— As mulheres devem amar o positivismo. Comte dignificou-as. A mulher é a força moderadora, o sentimento puro do amor que faz a sociabilidade, é a sacerdotiza espontanea da Humanidade que modifica pela affeição o orgulho vão e o reino da força: a mulher é a humildade, o fóco do culto no lar, é Beatriz, é Clotilde, é Heloisa, mãi, esposa e filha, a Veneração, a Doçura e o Bem. As mulheres deviam ser todas positivistas.

Emquanto o meu amigo assim falava, Raymundo Mendes, do alto da cathedra, relampejava. Na catadupa das palavras faltavam *rr*, havia repetições do pensamento, de phrases, mas na explicação cultual, de repente, iconoclastamente, o azorrague partia contra os factos, contra a anarchia actual: e um ésto de amor, de amor indizivel, de amor pela Vida, subia, como um incensorio, á alma das mulheres.

Fiquei enlevado a ouvil-o. Esse mesmo homem, puro como um crystal, que tem o saber nas mãos,

eu já o vira uma vez, de manhã, carregando com dignidade um embrulho de carvão...

As mulheres sorriam; em toda a translucida claridade parecia vibrar a alma do grande philosopho terno e bom, e do alto, Clotilde, a Humanidade, abria como um lirio a graça suave do seu labio.

OS MARONITAS

O povo maronita, dizia o papa Benedicto, é como uma flor entre os espinhos. Se o pontifice notavel tinha esta doce phrase para pintar os homens do monte Libano, os que lhe succederam guardaram tão perfumada imagem, e hoje, quando se fala dos maronitas, logo se recorda a flor e os espinhos antigos. Tudo, porém, neste mundo tem o vinco fatal do destino. A phrase dos papas tornou-se prophetica e através a vida immensa, os de Marun continuam a perfumar a crença impolluta entre os espinhos das hostilidades.

Os maronitas, gente extremamente religiosa, habitam a Syria e descendem dos Aramillas, filhos de Aram, de Sem, de Nóe. Ascendencia tão digna de respeito só os preparou para um longo e pungente soffrer. Desde os tempos dos Apostolos, dizem os Actos no versiculo 22 do capitulo XV, eram christãos, conservando a fé orthodoxa havida do principe dos Apostolos no anno 38 da éra de Jesus Christo. Quando no quarto seculo começaram a apparecer no Oriente as heresias e as doutrinas falsas, protegidas pelos soberanos coroados de pedrarias,

impostas pelas armas, e a fé e a soberania ao mesmo tempo vacillavam, S. Marun, chefe dos eremitas da Syria, sahiu de sua toca de cilicios e orações e veiu salval-os.

— Quem é esse homem de grandes barbas, meio roto? indagavam os homens, vendo a figura resurgida do sancto sem peccado.

S. Marun não respondia; seguia pelas estradas cheias de sol, na atmosphera de milagre do azul sem mancha, e prégava a doutrina pura, exhortava o povo a conservar a sua verdadeira fé.

— Acredita sempre em Deus, tal qual te ensinaram os Apostolos, e conservarás a tua liberdade!

A gente, que dos seus labios ouvia as palavras ungidas pela meditação continua, seguia-o num novo resplendor de crença, em cada coração a esperança brotava, e em pouco tempo o povo da provincia do monte Libano era chamado maronita. Os heresiarcas quizeram calumniai-o, mas Marun era puro como o crystal. S. João Chrysostomo, o *bocca d'oiro*, na carta que lhe escrevia, rogava que por elle orasse, e a ironia como a calumnia fenderam-se de encontro ao seu broquel de bondade.

Quando a sua alma irradiou, deixando o involucro terreno, o povo maronita tinha inabalavel a crença para supportar todas as sangrentas perseguições, e tem sido desde então o mesmo ordeiro e persistente auxiliar da obra divina.

Durante as cruzadas combateu ao lado dos christaõs contra os impios. Ao approximarem-se os exercitos, desciam da montanha, alimentavam e vestiam os cruzados nús e com fome. Sempre que os turcos entravam sedentos de sangue pelo seu territorio,

offriam como martyres o sacrificio sem protestar.) odio do Mahometano seguia-os, entretanto, na vida imples e indolente dos mosteiros. Em 1860 os druzos, ovo pagão e feroz, recordando velhos odios reliiosos, atiraram-se subitamente sobre os pobres aronitas, trahidos e abandonados.

A carnificina foi horrenda. A França então, empre benevolente para os christãos do Oriente, andou uma esquadra ás aguas do Levante, forando o Turco a modificar o governo do Libano a dar-lhe uma certa autonomia. Desde essa poca o governo é christão, nomeado pelas sete randes potencias européas, a camara dos repreentantes faz-se por eleição livre e o chefe da poliia deve ser christão. O chefe da policia em todos s povos do Oriente representa um papel formiavel.

Extremamente religiosos, os maronitas dependem ivil, militar e religiosamente, em qualquer parte m que se achem, dos sacerdotes, e a hierarchia da ua egreja compõe-se de um prelado, com o titulo de Patriarcha de Antiochia e de todo o Oriente, de doze ispos directores de doze dioceses e de um numero nfindavel de sacerdotes intelligentes e bons.

A intervenção européa, entretanto, espalhou pelo undo a flor pontificia. A emigração esvazia aos pouos o Libano. Não se póde viver com farturas em teras tão antigas, as auctoridades conservam a influenia aterradora do Sultão. Os que primeiro sahiram, om os orthodoxos e outros crentes de Jesus, escreeram chamando os que ficavam, a perspicacia maometana facilitou a emigração para enfraquecer os ibertos da sua prepotencia e os maronitas vêm

para os Estados Unidos, para a Argentina, para o Brasil, num lento exodo...

Nós temos uma consideravel petala da celebrada flor. Uma das nossas maiores colonias hoje é incontestavelmente a colonia syria. Ha oitenta mil syrios no Brasil, dos quaes cincoenta mil maronitas. Só o Rio de Janeiro possue para mais de cinco mil.

Quando os primeiros appareceram aqui, ha cerca de vinte annos, o povo julgava-os antropophagos, hostilizava-os e na provincia muitos fugiram corridos á pedra. Até hoje quasi ninguem os separa desse qualificativo geral e deprimente de turcos. Elles, todos os que apparecem, são turcos!

Os syrios, arrastados na sua immensa necessidade de amizade e amparo, davam com a muralha de uma lingua estranha, num paiz que os não supportava. Agremiaram-se, fizeram vida á parte e, como a colonia augmentava, foram por ahi, mascates a credito, fiando a toda a gente, montaram botequins, armarinhos, fizeram-se negociantes. Quem os amparou? Ninguem! Só, por um acaso, Ferreira de Araujo, o Mestre admiravel, escreveu defendendo-os. Os sacerdotes maronitas respeitam-lhe a memoria, e na data da sua morte rezam-lhe missas por alma, guardando delicadamente uma gratidão duradoura.

No mais, a hostilidade, os espinhos da phrase papal.

Ha nessa gente operarios habeis, medicos, doutores, homens instruidos que discutem com clareza questões de politica internacional, jornalistas e até oradores. A vida é dura, porém; jornalistas e doutores vendem alfinetes e linhas em casas pouco cla-

as da rua da Alfandega, do Senhor dos Passos, do luncio e dos suburbios. A totalidade ainda ignora o ortuguez.

Conversei com alguns maronitas, sempre de uma mabilidade penetrante. Um delles, dando-me a sasfação da sua prosa torrencial, fallou como um strategista da guerra russo-japoneza. Esse homem ão fallava, redigia um artigo de jornal com a rhetoica empolada que fez a delicia dos nossos pais e inda hoje é a força do jornalismo dogmatico. Eu uvia-o de labios entreabertos.

— Se a justiça de Deus não desappareceu, se a ida humana decorre dos desejos da divindade, é ossivel crer que os japonezes possam vencer?

— Oh! não!

Eu respondera, como no theatro, mas estava ineressado por esses organismos simples, creados na hamma de uma crença inabalavel, desses romantios do Oriente.

Todos são feitos de exaggero, de enthusiasmo, de mor e de illusão. Os dous jornaes syrios têm os itulos symbolicos e extremos : — *A Justiça*, *A Razão*. Os homens naturalmente perdem o limite do atural. Numa outra casa em que sou recebido, um ordo cavalheiro preoccupa-se com o problema da olonização.

— A colonização syria, diz, é a melhor para o Brasil. Os brasileiros ainda não a comprehenderam. O syrio não é só o commerciante, é tambem agricultor, operario. Desprezam-nos? Este paiz não vê que comnosco, povo tranquillo e docil, não poderia haver complicações diplomaticas? Os hespanhóes, os portuguezes, os italianos enriquecem, partem, pedem

indemnizações. Nós, pobres de nós! não pedimos nada, queremos ser apenas do Brasil.

Não respondo. Talvez bem cedo os syrios sejam assimilados á familia heteregonea da nossa patria. Estas creaturas têm qualidades muito parecidas com as dos brasileiros.

Varios negociantes que commigo discutem, porque os syrios discutem sempre, são como jornaes rhetoricos e brandos; diziam naturalmente :

— No Amazonas perdi ha pouco 400 contos. A colonia syria teve na baixa do café um prejuizo de 70 mil contos. As ultimas remessas de fazendas elevam-se a 200 contos.

A principio eu os acreditei um bando de Vanderbilts, fallando com desprendimento do ouro e das riquezas. Mas não. Um sacerdote amigo nos desfaz o sonho. Ha fortunas restrictas. A totalidade porém tem relações com o alto commercio, compra a credito para vender a credito aos mercadores ambulantes do interior e ás vezes a situação complica-se, quando lhes falta o pagamento dos ultimos, tudo por causa do exaggero, a mania de apparentar riqueza. Cada cerebro oriental tem um Potosi nas circumvoluções.

— Os syrios chegam, ganham dous mil réis por dia e já estão contentes. Nunca serão verdadeiramente ricos, porque apparentam ter oito quando apenas têm dous.

Este feitio os ha de fazer comprehendidos dos brasileiros...

Mas os maronitas, sob a protecção da velho sancto austero, são essencialmente bons, de uma bondade á flor da pelle, que se desfaz em gentilezas ao pri-

neiro contacto como um *bonbon*. Os homens falam empre, as mulheres olham com os seus liquidos olhos nsondaveis e por todas essas casas ha, inseparavel la vida, o mysterio da religião, no amor que as nulheres, algumas ineffavelmente bellas, proporcio-iam, nos negocios, nas idéas e nas refeições. Quando im maronita enferma, a primeira cousa que faz é chamar um padre para se confessar; quando um negocio vai mal, aconselha-se com o sacerdote, só casa pelo seu rito, o unico verdadeiro, e trabalhando para viver, funda irmandades, collegios e pensa em edificar capellas.

De 1900 data a fundação da Irmandade Maronita, posterior a outras duas que se desfizeram. Foram socios fundadores : Dieb Aical, Arsanius Mandur, Galep Toyam, Seba Preod Curi, Miguel Carmo, Acle Miguel, João Facad, Antonio Nicoloã, Antonio Kairur, Bichara Bueri, Gabriel Ranie, Salbab, José Chalhub e Bichara Duer. Brevemente abrirá as suas portas o collegio dos Jovens Syrios.

Apesar da permissão para dizer missa em todas as egrejas catholicas e de celebrarem aos domingos na Saude e em Cascadura, já compraram o terreno na rua do Senhor dos Passos para edificar a capella maronita, e a propaganda se faz mesmo entre os syrios orthodoxos e mahometanos, porque uma ordem do Papa lhes indica que pela bondade façam voltar á crença unica as ovelhas tresmalhadas.

Actualmente ha tres padres maronitas em S. Paulo e quatro no Rio, os Revs. Pedro Abigaedi, Pedro Zaghi, Luiz Trah e Luiz Chidiak. Andam todos de barba cerrada, usam oculos e são suavemente eruditos.

Trah, por exemplo, esteve oito annos na Belgica e discursa como um regato tranquillo; Chidiak é professor, e cada palavra sua vem repassada de doçura.

E' sabido que a reconciliação dos maronitas com a egreja rómana data de 1182. A reconciliação foi incompleta a principio, mas hoje é quasi integral. Os padres, podendo casar, abandonam essa idéa; ha o maior respeito pelo Summo Pontifice, e a politica do Vaticano consegue aos poucos outras refermas.

Como os padres me levassem a ver o terreno donde a egreja maronitá surgirá, interroguei-os a respeito do rito da sua seita.

— E' quasi identico ao romano, dizem-me. A liturgia é redigida em syriaco. E' uma necessidade. Ha syrios que sabem de cór o sacrificio da missa. Talvez o mesmo não aconteça numa igreja romana, que conserva o latim.

— A começar pelos sacristães.

— Ha além disso as missas privadas, a regra é a de Sancto Antonio e seguimos o martyrologio de S. Marun.

— Dizem que os maronitas foram a principio monothelitas...

— Dizem tanta cousa no mundo!

Elles tinham parado diante de uns velhos muros.

— Será aqui a egreja?

— Querendo Deus!

E não sei porque, vendo-os tão simples deante das paredes carcomidas, esses sacerdotes de um povo religiosamente bom, eu recordei a phrase prophetica dos papas. O povo maronita é como uma flor entre

espinhos, mas uma fluor cujo viço é eterno. Os espinhos continuam persistentes mas a velha flor espalha-se pelo mundo, rescendendo a mais doce ternura e a mais profunda crença...

OS PHYSIOLATRAS

Quando resolvi interrogar o hierophante Magnus Sondhal, sabia da physiolatria o que os proselytos deixavam entrever em artigos de jornal cheios de nomes arrevezados e nos communicados, nos copiosos communicados trazidos aos diarios por homens apressados e radiantes. Pelos artigos ficara imaginando a physiolatria um conjuncto de positivismo, occultismo e socialismo; pelos communicados vira que os physiolatras, quasi todos doutores, creavam cooperativas e academias. Entretanto o Sr. Magnus Sondhal certa vez á porta de um café definira para meu espanto a sua religião.

— A physiolatria não é um culto no sentido vulgar da palavra, mas uma verdadeira cultura mental. E', antes, a systematisação racional do processo espontaneo da educação dos seres vivos, donde resultaram todas as aptidões, mesmo physicas e physiologicas, respectivamente adquiridas.

Puz as mãos na cabeça assombrado. Magnus tossiu, revirou os olhos azues.

— A physiolatria baseia-se, como toda a reforma sociocratico-libertaria, na systematisação da logica

universal ou natural que o *hierophante* + SUN intitula orthologia.

— Orthologia? fiz sem comprehender.

— Do grego *orthos*, *logos* — recta razão.

A religião tambem é chamada ortholatria, ou verdadeira cultura, como orthodoxia, significa verdadeira doutrina. Os physiolatras pretendem fazer uma remodelação de todas as cousas humanas, não limitando a sua acção á modificação dos conceitos.

— Mas o remodelamento geral é possivel?

Sondhal sorriu com calma :

— Nós somos omnibondosos, omniscientes e omnipotentes.

— Os attributos de Deus.

— Nós nos intitulamos os verdadeiros deuses. A reforma abrange as opiniões, os costumes, o Homem e a propria Terra.

Arregalei os olhos, puz o pé bem firme no chão, passei o lenço tremulo na fronte e olhei os verdadeiros deuses. Para o que fallava, envolto na sobrecasaca, com uma barbinha rala e o nariz ao vento, escavoquei a religião do ideal divino e não lhe achei comparação. O outro torcia um bigode sensual por cima do labio rosado.

— Com que então deuses? Déra-me de repente a vontade de ser tambem omnisciente e omnipotente. Mas que é preciso para eu ser tambem?

— A propaganda toma um cunho secreto. Os aspirantes á Orthologia têm de passar pela iniciação esoterica, que custa, além das provas moraes, quinhentos mil réis em moeda corrente.

Era relativamente barato, e eu pensava em fazer uma reducção shylockeana, quando Magnus começou

a desdobrar a belleza util da vida physiolatra.

A iniciação dá entrada na Universidade Orthologica resumida no *hierophante*, a qual se intitula Maçonaria + Catholica. A Maçonaria catholica divide-se em lojas, cujo conjuncto, em tres gráos, constitue o respectivo templo. Os aspirantes representam as lojas, o templo só póde ser representado pelo *hierophante* ou por um *areopagita*.

— Onde esse templo?

— Os physiolatras, os que praticam a magia orthologica, não precisam de local determinado. São os novos homens, fazem excursões pelos prados, montes e lagos em Fraterias Estheticas, Philosophicas ou Orthologicas, conforme o gráo do *ludambulos*.

— *Ludambulos?*

— Uma palavra da lingua universal!

— O *volapuck?* O *esperanto?*

— Não, uma lingua inventada por mim, o *Al-tá*.

— Mas que vem a ser o Al-tá?

— Applicando a Orthologia (ou Logica Universal) aos factos da Linguagem, verifica-se que os elementos phoneticos, sons e intonações (ou consoantes e vogaes) são por toda a parte identicos. Deduz-se que são oriundos das mesmas impressões e resultantes das mesmas aptidões expressionaes. Collocando em *synese*, descobre-se que os *sons*, que exprimem *relações*, fórmam uma escala semitonal, como a da musica, e composta de *treze notas*, ou graves *primarias* como todas as escalas, aliás :—U (grave fundamental) A (dominante e geratriz) e I (sensivel superior) estabelecem todas as relações synésicas :

U	A	I (e U)
Gênese	Mégaphorêma	Métaphorêma
Origem	Crescimento	Transformação
Passado	Presente	Futuro
Corpo	Espaço	Movimento
Sentir	Pensar	Agir
Oppressão	Libertação	Aspiração
Escuro	Amarello	Rubro e Branco
etc.	etc.	etc.

Quanto ás Intonações, essas formam tres *teclas*, donde tres escalas, tambem, analogicas mas distinctas :

H (geratriz)

Tecla guttural	Tecla dental	Tecla labial
K (Chave)	T (Chave)	P (Chave)
Metaphonias: G (guê), Ch, J, ., ., ., ., .	Metaphonias: D, R, r (brando), L, Lh, S, Z, N, Nh	Metaphonias: B, F, V, ., ., ., M, .

Applicando a Synése orthologica ás Teclas oraes, como se fez relativamente aos Sons, temos :

Tecla guttural	Tecla dental	Tecla labial
Gênese	Mégaphorêma	Métaphorêma
Objectivo	Subjectivo	Activo
Eidonomia	Eimologia	Ergonomia e Erostergia

Detalhando, emfim, o valor fraccional dos phonêmas em geral, obtem-se, por deducção logica, a *expressão natural;*—de qualquer especie de impressão :—sensacional, emocional ou accional... e a

Lingua Universal está, emfim, *racionalmente* instituida.

Exemplo perfunctorio :

K é a raiz de *Corpo*, *concreto*, etc.

A significa o *actual* e *acção*,

donde :

Activo : K A—o Corpo que se apresenta e se mòve.

e

Passivo : A K—o Corpo que é impellido ou soffre a acção.

M é o symbolo do sentir e agir, donde :

Passivo A M=*Eu*=*amo*=*sou*...

e

Activo : M A =*Mu*=*mover*=*mãi*, *mulher*... *crear*.

Eu não o comprehendera muito bem, não comprehendera mesmo nada. Magnus Sondhal porém foi intimo e educador.

— Vou dar-lhe alguns nomes esotericos dos iniciados da Maçonaria Catholica. Sobem a millhares, além de alguns que foram condemnados ao olvido, ao *au-tá*...

Fez uma pausa, depois como quem se confessa :

— Eu devo dizer *esotéricamente*, o *espirito* que preside á Propaganda da Razão. A minha *emancipação* de Orthólogo, vai a um extremo inaccessivel para a totalidade dos homens coévos. Por isso, tudo que eu faço toma o aspecto jóco-serio, desde o debóche até o sagrado, desde a *Orgia* até o Culto da Natureza!... De facto estou exterminando pelo ridiculo todas as velhas e caducas crenças e instituições e todos os preconceitos, mesmo scientificos e philosophicos! Em mim a Consciencia superior, a dignidade e a nobreza destruiram por completo toda

especie de Veneração, Respeito ou Tolerancia!... Mas, voltemos aos nomes *esotéricos*.

Todo Iniciado na Maçonaria Catholica toma um *Nome*, por sua propria escolha, em substituição ao nome, sem sentido, que lhe deram seus pais *Gorilhas*. Esse novo Nome é a synthese de seu verdadeiro *Ideal* ou *Aspiração superior para o Progresso*. Em torno desse novo Symbolo o Iniciado constróe a sua nova Existencia Subjectiva, isto é, o *seu* KARMA. Quem souber identificar-se com o seu Nome de *Regenerado*, está, *ipso facto*, isento de toda e qualquer perturbação subjectiva, causada habitualmente pelos ataques malevolos da Canalha humana. Mas a *adopção* voluntaria do novo Nome é, além disso, um acto bellamente revolucionario, e um protesto solemne contra todas as velharias e convenções hypocritas e perversivas. Quem *escolheu o seu proprio* NOME, tambem rompeu, *ipso facto*, com todas as Imposições e Imposturas que tendan a tyrannizar a sua Vontade e tolher a sua Liberdade de Individuo!... Mil outros motivos ha que advogam esse *Rito da Adopção*.

— Os nomes esotericos! suppliquei, vendo que se eternisava num mysterioso fallar.

Elle sentou-se com um papel e um lapis.

— Antes de tudo, é preciso conhecer o schema da figura da Lei Universal, ou Cyclo da Materia, donde se deduz a Orthologia, ou a Sabedoria Universal.

Diante daquelle lapis hostil, tremi.

— Os nomes sem figuras, Magnus.

Elle coçou a ponta do nariz.

— Eil-os :

SUN, nome do HIEROPHANTE (+) actual; Significa :

— *Sol* no NADIR, ou *Sol posto* e, por extensão, *Luz Invisivel*, isto é, *Sol subjectivo*.

Etymologia :—S... symbolo de *Fonte* e de *Brilho* em sua maxima intensidade e, portanto, symbolo de SOL ;—N... symbolo de infinito e indefinido, de espaço e de espirito, portanto : *num ponto indefinido do Espaço*. A quer dizer :—presente, ou visivel, donde SAN—*Sol acima do horizonte visual*. I significa o que está para vir e o que sóbe, donde SIN—*o Sol que vai nascer* ou *nascituro*. U quer dizer o que está embaixo, donde—SUN *o Sol no Nadir*.

BLUM-SAN-UR—*A Flor que o Sol gerou*. Nome de um Areopagita, cujo symbolo é a cruz.

AM-VA—*Viver para o Amor*. Nome de outro Areopagita, em S. Paulo.

UN-AN—*O espirito de Origem, engerador*. Nome de outro Areopagita, em Minas.

GVAM-IL—*Viver, Amar e ser Livre*. Nome de um iniciado do 2° gráo.

AL-GAI—*Aquelle que quer que todos folguem*. Nome de um scientista bom e intelligente. Iniciado do 2° gráo.

VAR-UN—*A vida que palpita imperceptivelmente no seio da Materia*. Nome de um distincto iniciado do 1° gráo.

SIR-US—*O Filho da Aurora Boreal*. Nome de um companheiro dedicadissimo que propulsionou a Propaganda da Razão no Estado do Paraná.

GAM-AR—*Aquelle que vai alegrar-se e folgar agindo com enthusiasmo pela Regeneração Humana*.

Um instante calámo-nos. O *hierophante* Sun lim-

pava o suor. Mas dentro em pouco continuou a fallar.

— Temos, disse, idealisados quatro templos para serem erigidos no centro de cada uma das quatro partes em que dividimos a terra. Os templos chamam-se os templos da Razão.

Tambem em epochas que todos chamam das grandes transformações, os homens deram templos á Razão encarnada.

— Ha muita gente iniciada? indaguei, afundando em amargas comparações historicas.

— Muita. Só agora, porém, é que a iniciação deixou de ser gratis. Não imagina como progredimos.

Ha quatro ou cinco annos que em Minas Geraes se fazem festas sociolatricas. As peripatéas ou excursões cultuaes são communs em todos os Estados, *maximé* no Paraná.

— E aqui?

— Vamos entre as arvores discutindo e conversando...

Platão! Aristoteles! Jesus! Dellile! Procurei acalmar o meu estado nervoso. Assistira á missa negra, vivera entre os negros *orixalás*, que sobre o *opelé* dizem a vida da gente, ouvira os espiritas, os occultistas, os gnosticos catholicos. Essa reforma desorganizava-me.

— Mas isso tudo foi inventado pelo senhor?

— Foi.

— E desde quando pensa na reforma?

— Desde a edade de cinco annos, em que aprendia ler sósinho. Só porém em 1884 é que cheguei aos resultados praticos em Cataguazes.

— E' brasileiro?

— Descendente de islandezes, os verdadeiros escobridores da America.

Recolhi meditando a questão. Aquelle homem ue aprendera a ler com tenções de reformar a ociedade, a orthologia, as peripatéas, a reforma da erra—tudo isso assustava. Reflecti entretanto. Magnus era um vasto saber, calmo e pratico, formado m Kabala, tendo viajado o mundo inteiro.

Se apenas nessa qualidade dissesse ter inventado motu-continuo nas azas das borboletas, eu, deplorando-o, leval-o-ia ao hospicio. Mas Sondhal inventara uma religião, a religião que é o balsamo das almas, uma religião brasileira, e, como Jesus á beira lo lago Tiberiade, ensinava aos iniciados á beira da lagôa Rodrigo de Freitas e da lagôa dos Patos. Era mais um propheta, venerei-o; e assim fazendo quiz saber quem commigo o venerava. A physiolatria é uma religião de doutores; numa lista de 200 orthologos, sessenta por cento são bachareis.

As listas são feitas com pompa, e em cada uma eu li : — Drs. Toledo de Loyola, Tavares Bastos, Jango Fischer, Flavio de Moura, Luiz Caetano de Oliveira, Antonio Ribeiro da Silva Braga, Adolpho Gomes de Albuquerque, Floripes Rosas Junior, José Vicente Valentim, Ulysses Faro, Barbosa Rodrigues Junior... Uma série interminavel de bachareis!

Tantos doutores devem assegurar a doutrina doutissima. Fui então procurar o *hierophante* no seu templo, que tem percorrido varias casas na Cidade Nova. Magnus Sondhal recebeu-me com o seu inalteravel sorriso e o seu inalteravel *pince-nez*.

— Ha tantos doutores na sua religião, *hierophante*, que eu a considero.

— Pois, *ergonte*, uma das idéas da minha religião é acabar com os doutores!

Sentámo-nos divinamente e eu o interroguei:

— A sua religião tem qualquer cousa de positivismo?

— Fui apostolo da Humanidade seis annos. Só depois é que comecei a propaganda da União Universal, a principio com um philosopho dinamarquez, depois com os Drs. Adolpho de Albuquerque, Silva Braga e outros Areopagitas. A physiolatria transforma as palavras e expressões das outras linguas, transformando as instituições humanas existentes e inexistentes em factos positivos. Os phenomenos sobrenaturaes tornam-se até sensiveis.

— A reforma é então geral?

— Até no vestuario. Acredita o senhor que no futuro continuaremos a usar sobrecasaca? Pois, não!

As roupas dos *ergontes* serão determinadas pelas estações do anno com um cunho symbolico e as côres tiradas da figura universal. No verão, por exemplo, 1ª estação, *macrophysica* e que representa o dia da vida, usar-se-ão as tres côres fundamentaes; no outono, 2ª estação, a tarde da vida, côres sombrias; no inverno, 3ª estação, *microphysição*, a noite da vida, roupas negras, e na primavera, a 4ª estação, roupas brancas para corresponder ao albor da existencia...

— Muito poetico. As nossas casacas passarão a ser empregadas apenas nos bailes de mascaras, como fantasias de gosto. Tambem, que seria do vestido de Maria Stuart se não fosse o Carnaval? Consolemo-nos com a homenagem dos futuros *ergontes!*

Emquanto essas loucuras eram ditas, Magnus Sondhal sorria.

— Uma religião tão nova deve ter o seu culto especial.

— Tem, com effeito : o *kratu*, ou culto publico, a *magia*, ou culto intimo.

O *Kratu* tem um quadro sypnotico.

Eil-o :

Karma

(Ou : — a Creação e Transformação Eterna, geradas e contempladas pelo AMOR).

KOSMOS	ONTOS	ETHOS e ESTHETOS
EIDONOMIA e EIMOLOGIA		ERGONOMIA e EROSTERGIA
1° Gráo	2° Gráo	3° Gráo

Physiolatria

	IDOLATRIA	BIOLATRIA	PSYCHOLATRIA	
1° Dia	SOL	Fecundação	Sentir	Amor
2° »	LUA	Gestação	Conceber	Sabedoria
3° »	TERRA	Procreação	Construir	Poesia
4° »	MAR	Nutrição	Mecanica	Sensualismo
5° »	AR	Respiração	Kimica	Vitalismo
6° »	CE'O	Lhômição	Al-Kimia	Animismo
7° »	NOITE	Subjectivação	Hyper-Kimia	Idealismo
Donde	REFLEXÃO...	CONSCIENCIA...	MAGIA	

A palavra MAGIA é empregada no sentido de sua etymologia *Altaica*, isto é, derivada de MAC—Força ou Acção e I— sobre ou para o Futuro. Representa o estado superior da Vida, em que o Espirito ou a Razão dirige a *Força Inconsciente*.

A magia começa a revelar-se nas proprias inicia-

ções maçonicas pela adopção de um nome esoterico que liberta das más influencias. Só eu a posso empregar, porque sou o unico a conhecer a hyperkimica orthologica, ou as leis naturaes das influencias psychicas.

A hiperkimica, de *hyper* e da lingua universal *kim*, que significa a parte invisivel e indestructivel da materia, tem duas sciencias preliminares : a alkimia, ou tratado da reacção das materias em estado das correntes puras, e a kimia. O principio alkimico é que a materia é una, vive, evolue e se transforma. O principio unitario *Lhôma* entra como causa em todas as reacções e por elle se explicam o phenomeno microphysico das funcções cerebraes, a funcção das imagens interiores e a influencia da moral sobre o physico.

Mas tudo isso está nos nossos livros :—*A Reforma Sociocratica e a maior evolução do mundo*, o *Catecismo Orthologico* a *Arte de Enriquecer ou extincção do pauperismo pela instituição da plutometria em substituição á plutocracia*, a *Explicação de Deus ao Papa*, a *Prehistoria segundo a Orthologia* e outros volumes. O essencial acha-se porém num livro manuscripto, que não se imprime :—o *Catecismo Esoterico*.

Depois paternalmente o *hierophante* disse :

— Venha hoje ver uma sessão de magia. Nós commemoramos a morte de um iniciado. O templo é uma sala, mas é de dever deduzil-o da figura da Lei Universal ou Al-Miz : ao norte a loja azul, ou do 1° gráo ; a éste a loja amarella, ou do 2° gráo ; ao sul a loja rubra, ou do 3° gráo ; a oéste o *dumma*, ou sala negra, no canto o templo ou empyreo. O

umma e o empyreo significam o branco e o negro, ous elementos antitheticos do Binario Universal... enha ás 11 1/2.

Eu fui. Era uma noite humida, de chuva, no dia 5 e agosto. O iniciado que morrera, meu amigo, um enio musical, passara pela vida agarrado a todas as antasias. Eu fui e delirei tranquillamente. Tinhanos combinado estar na pensão de Sondhal. Quando á cheguei, encontrei treze homens de chapelão deabado e manto negro. Pareciam conspiradores. Abri o manto de um delles e vi que estava forrado le seda roxa; abri o de outro, tambem, e todos tinham varrinhas na mão, onde brillhavam amethistas, pedra da magia! Reparei então que o *hierophante* era um delles.

— De que é feita essa bagueta? inquiri.

— De uma liga metallica que é um segredo alkimico! respondeu uma voz. E com o *hierophante* á frente, todos deslisaram pelo corredor escuro. Eu os seguia como a sombra dos seus mantos. De repente, pararam a um signal secco e eu retive um grito. Na extremidade superior do sceptro do *hierophante*, começava a bruxoaler uma luz phosphorescente.

— Meu Deus!

— Cala-te, é a luz physica, e o *au-lis!*

Todos os magos ergueram verticalmente as baguetas estendendo o braço direito para o ar, e na extremidade de cada uma, como uma mysteriosa gambiarra de vagalumes, o *au-lis* accendia a sua fulguração indizivel. Nas copas dos chapéos dos magos vibrava o *telegormo*, que transmitte as palavras pensadas. A luz porém cessou, as varas abate-

ram-se e os treze sahiram para a rua como simples transeuntes.

No curto trajecto do hotel á sala do templo, eu tive a impressão de um ser á parte num mundo á parte, e quando cavamente a porta se fechou num cavo rebôo e subimos aos tropeços as escadas, pareceu-me cahir outra vez na amada vida. A luz reapparecera.

Na sala, cheia dessa luz, o *hierophante* subiu os tres degráos do altar, voltou-se para os magos, deu na ara tres pancadas e fallou. Era a prece da Evocação. Agarrei-me a um portal, tremendo. Com toda a solemnidade o homem foi ao outro canto e fez a segunda prece, a Invocação. Depois, voltado para o oriente disse a Effusão. Terminado que foi, sentou-se. Reparei então que havia um estrado e em cada canto sentavam-se quatro magos.

— Aquelle estrado? fiz num sopro.

— E' o palco dos Phantasmas, ou o *lig-ôma!*

De nôvo tres pancadas bateram. O *hierophante*, em pé, fez o gesto sagrado, collocando a mão esquerda sobre o coração, fonte do Viver e do Sentir, e a direita, ou da acção, na fronte, centro psychico. Depois um gesto para o ar e para a fronte indicou o porvir e o ideal.

Todos os magos bradaram:

— *Au-ár! An-ár!*

E a voz do *hierophante* abriu na treva:

— « Pobre e triste humanidade de mortos!... Presentiste o poder da alma humana, e inventaste a invocação, o culto e a prece!... Mas, a quem te dirigias tu? — A ficções impotentes!

« Não conhecias a materia no seu estado unita-

o de *Lhôma*, embora teus grandes philosophos negassem quasi a determinar sua existencia.

« Que era o culto do *Lhôma* na Persia antiga e o do *Sôma*, na India, senão o grande vislumbre da grande magia physiolatrica!...

« Mas agora o Universo nos está revelado, em todas as suas maravilhosas manifestações : — *alkimicas*, *kimicas* e *hyperkimicas!*...

« Pelo Cerebro, abalamos o Lhôma, que penetra toda a Materia organica ou inorganica!...

« E o Cerebro é um universo microphysico, onde os atomos valem os astros do espaço sideral!...

« E lá dentro do craneo ha luz, porque é do Lhôma tenebroso que, por toda parte, ella se gera?...

« Que mais póde surprehender ao Orthologo?!... Onde póde haver um canto no Universo que sua Vontade não penetre?!... Onde um Ser ou Facto que sua Microtagia não desvende?!...

« Homens mortos!... Victimas da Feitiçaria theolatrica e da negra magia das forças brutas e inconscientes da Materia!... Sêde eternamente maldidos!... Mostrai-vos alli! no palco dos phantasmas, em toda a nudez do vosso hediondo Soffrimento!... »

Eu bati as dentes com um frio que traspassava os ossos. A luz accendia de vez em quando, e naquelle estrado, onde os espiritos mais deviam estar, eu via o vazio, o vazio horrivel, o vazio doloroso.

— « Surgi. Vós tambem, ó Heróes do Bem, continuára o mago, que vivereis eternamente, impulsionando os Progressos que só a Razão inspira!

« Eil-os!...

« Eis os quadros da vida humana!... torpe, miseravel!...

« Quem é aquelle sublime LIC-UR, cercado de Amores e de Harmonias, e cuja presença de Luz dissipa e dissolve os tenebrosos e estupidos NUROS corruptores?!...

« E' o SAN-A'R...

« Eil-o, sorridente e victorioso!... victorioso da propria Morte!

« Eil-o sublime que nos aponta o Futuro, onde fulgura tambem a nossa suprema Victoria!

« Assim como elle annullou a corrupção dos Mortos, nos quadros *telephenicos* do Espaço sideral, nós tambem annullaremos a corrupção dos Vivos decadentes, que são *de mais* na superficie do Planeta!... »

De mais! os que são de mais! eu alli dentro estava de mais! Então abri a porta, sahi, olhando para traz, aterrado do *san-ár*, *dos nuros*, desci agarrado aos balaustres da escada e quando sentei na soleira da porta, fatigado, com o cerebro vazio, senti que suava e que me ardiam as faces...

No outro dia encontrei o physiolatra Magnus acompanhado de varios iniciados.

— Vou fundar uma Universidade no Lycêo de Artes e Officios. Não deixo de ir assistir ás conferencia preparatorias.

— Mas hontem, hontem que fizeram vocês?

Houve uma pausa.

— Meditámos até de manhã á beira da Sabedoria para que a Sabedoria viesse.

E Magnus Sondhal, com um volume de Nietzsche debaixo do braço, seguio com os iniciados pela rua afóra, como se fosse um ser natural...

O MOVIMENTO EVANGELICO

A IGREJA FLUMINENSE

— A Igreja Fluminense data de 1858. Foi a primeira congregação evangelica estabelecida no Brasil, graças ao espirito de um homem rico e feliz.

O Sr. Robert Reid Kalley trabalhava na ilha da Madeira, quando, em 1855, lembrou-se de vir ao Rio de Janeiro. Era escossez, medico, ministro evangelico e possuia bens da fortuna. Ao deixar o clima delicioso da ilha por esta cidade, naquelle tempo pouco de algumas molestias terriveis, não o enviava nenhum *board* estrangeiro, vinha espontaneamente apenas por amor do evangelho de Jesus Christo.

O Brasil sempre foi um centro de reunião de colonias diversas praticando as suas crenças com a mais inteira liberdade.

Entre a pratica da religião, porém, e a prégação á grande massa vai uma differença radical. Robert Kalley vinha para uma monarchia catholica, em que a Egreja era um desdobramento do Estado; aportava a uma terra em que cada data festiva fazia repicar no ar os sinos das cathedraes e desdobrava por sobre

a cidade os pallios e as sedas rôxas dos paramentos sacros; vinha prégar ao povo, amante de procissões que rojava na poeira das ruas quando passavam as imagens seguidas de soldados. E Kalley veiu e prégou contra os pallios, contra as imagens e contra o povo a rojar, escudado na doce crença de Jesus...

Iamos os dous, eu e o Rev. Marques, pelo asphalto do campo da Acclamação. Muito cedo ainda, os passaros cantavam indifferentes ao bulicio da grande praça, e eu, cada vez mais encantado, ia a ouvir tão suave conversa.

— Era o dilettantismo da evangelisação.

— Era o conforto moral que a religião dá. Se até hoje os nossos evangelisadores são apedrejados, se nos fecham as igrejas, imagine a impressão do *protestante* naquelle tempo. Kalley, o ousado capaz de affirmar meia duzia de idéas desconhecidas, teve uma série infindavel de inimigos.

— O protestante! Que recordação de épocas historicas. Carlos IX, os huguenotes, o exodo para a America, o horror das imagens...

— Os populares naquelle tempo não admittiam o funccionamento regular, com entrada franca, das igrejas evangelicas. Kalley, tres annos depois da sua chegada, fundava sem bulha, com alguns adeptos, o primeiro templo evangelico, que chamou Fluminense.

Ha temperamentos de missionarios. Kalley era um desses. Olhe que podia viver muito bem na Escossia, á beira dos lagos, entre os verdes lindos dos valles. Preferiu a nossa cidade de ha meio seculo, barbara, feia, cheia de calor; esteve vinte annos no Rio, e só voltou á patria quando teve a certeza

e deixar uma egreja completamente organisada.

— E deixou?

— Ao partir, em 1876, a igreja tinha uns cem membros, havia um pastor substituto, João Manuel Gonçalves dos Sanctos, eram presbyteros Francisco da Gama, Francisco da Silva Jardim e Bernardo Guilherme da Silva e diaconos João Severo de Carvalho, Antonio Soares de Oliveira, Manuel Antonio Pires de Mello, José Antonio Dias França, Manuel Joaquim Rodrigues, Manuel José da Silva Vianna e Antonio Vieira de Andrade. O esforço fôra recompensado. Frutificara a semente, e já outras egrejas iam nascendo.

— A Egreja Fluminense tem muitas filiaes?

— Tem. Ha outras Egrejas organisadas por ella, e a essas seria mais apropriado chamar igrejas congregacionaes. São essas a de Nictheroy, cujo pastor é o Rev. Leonidas da Silva, e que possue um bello edificio na rua da Praia, tendo cerca de cem membros; a de Pernambuco, a de Passa-Tres, a de S. José de Bomjardim e a que eu pastoreio no Encantado, organisada a 10 de maio, com 56 membros.

Antonio Marques terminara a sua phrase com tal carinho que o interrompi:

— Vejo que ama o seu rebanho!

— Não ha melhor!... gente simples, boa, capaz de ouvir a palavra do Senhor...

Fez uma pausa, sorriu.

— Devo-lhe dizer que essas igrejas têm tambem as suas missões. Só a de Passa-Tres tem no Cipó, no Arrozal de S. João Baptista e em toda a zona mais proxima do Estado do Rio.

— A Igreja Fluminense é só de nacionaes?

— E' a unica no Brasil que não tem protecção estrangeira, que vive dos seus proprios recursos apenas;—é o completo attestado do nosso esforço moral. Já educou tres jovens para o ministerio, sustenta tres missionarios, acabou de construir um templo e, apezar disso, ainda o anno passado teve no seu « budget » um saldo de oito contos. Sendo nacional, recebe entretanto na sua communhão pessoas de ambos os sexos crentes em Christo.

— E tem uma escola?

— Tem duas : a dominical, de leitura biblica, e uma outra diaria para as creanças, dirigida pelo Sr. Joaquim Alves e D. Carlota Pires. A caracteristica da igreja é a evangelisação da cidade, uma evangelização que vai de porta em porta, levando auxillios, carinhos, paz moral. Ha a Sociedade de Evangelisação, a União Biblica Auxiliadora de Moços, a União das Senhoras, a União das Moças, das Creanças... Os templos congregacionaes tambem têm identicas sociedades.

No Encantado, além de duas outras, nós, que estamos em caminho de ter um templo, vamos organizar agora o Esforço Christão Juvenil.

— Mas uma evangelisação assim constante?

— Os rapazes distribuem folhetos, fazem a expedição pelo Correio, vão de porta em porta com subscripções para mandar companheiros estudar na Europa. Eu lhe posso citar os nomes de João Menezes, Isaac Gonçalves, Luiz Fernandes Braga, Antonio Maria de Oliveira... São tantos! E todos brasileiros.

Havia na voz do pastor um justo orgulho. Eu emmudeci um instante, acompanhando-o. Nesta cidade de commercio, em que o dinheiro parece o unico deus,

homens moços e fortes prégam a bondade de porta em porta, como os pobresinhos pedem pão! Ou eu delirava, ou aquelle cavalheiro calmo, de redingote de alpaca, dava-me o favo da illusão, como outr'ora Platão entre arvores mais bellas e discipulos mais argutos.

— A egreja tem hoje um patrimonio grande? fiz com o desejo de voltar á realidade.

— Sempre augmentado, mas regulado ainda pelos estatutos de 1886, approvados pelo governo imperial, quando ministro o barão Homem de Mello. O patrimonio creado com donativos e legados consiste em predios e titulos da divida publica. A administração é eleita annualmente dentre os membros da egreja, compõe-se de um presidente, dous secretarios, um thesoureiro e um procurador, que têm a seu cargo representar a egreja em todos os seus negocios. Deus tem abençoado a nossa obra.

— As egrejas evangelicas abundam entre nós, pastor. Fallam-me agora numa seita, os miguelistas, que dizem ter Jesus Christo voltado ao mundo, encarnado no Dr. Miguel Vieira Ferreira...

— As verdadeiras igrejas evangelicas do Rio são a Fluminense, a Methodista, a Presbyteriana, a Baptista e a Episcopal para os inglezes e os allemães. Nós propriamente, filhos da Fluminense, somos congregacionistas. A religião é uma só, havendo apenas differença no ritual e na fórma do governo ecclesiastico

O nosso governo é congregacionista, composto de pastor, presbytero e diaconos. Actualmente na Egreja Fluminense o pastor é Gonçalves dos Santos, os presbyteros José Novaes, José Fernandes Braga e

Gonçalves Lopes, os diaconos Antonio de Assumpção, Guilherme Tanner, José Valença e José Martins.

— Ha uma tal subdivisão de ritos entre os evangelistas...

— Nós nos regulamos por 28 artigos de fé. Cremos na existencia de um Deus, na trindade de pessoas, na divindade de Jesus Christo, na sua encarnação, nascendo de Maria e sendo verdadeiro Deus e homem.

Estavamos á esquina da rua Floriano Peixoto. Verdadeiro homem! la perguntar, aprofundar a intenção da phrase. O pastor, porém, continuava.

— A Biblia foi escripta por inspiração divina.

— Não ha duvida.

— Só acreditamos em doutrinas que por ella possa ser provada. E por isso cremos na immortalidade da alma, na vida futura, na punição eterna dos que não pensam em Jesus, na resurreição dos mortos, no julgamento do tribunal de Deus.

Antonio Marques parára defronte da egreja, um casarão que tem em lettras grandes este appello convidativo. — Vinde e vêde!

— Custou muito?

— Uns setenta contos.

— E o pastor ainda é o substituto de Kelley?

— Ainda. Conhece-o?

— E' um ancião de maneiras seccas.

— Oh! tem-se esforçado tanto! Ha vinte e sete annos que trabalha sem cessar. Foi a Londres estudar o ministerio, voltou e nunca mais nos deixou. E' o mais antigo ministro evangelico do Brasil, e hoje os seus sessenta e dois annos curvam-se a um trabalho insano. Entre; hoje é o dia da communhão.

Entrei. Uma sombra tranquilla aquietava-se na ala. Os ruidos de fóra, da alegria movimentada da ua, chegavam apagados. No côro, nem viva alma; elos bancos, alguns perfis emergindo da sombra, uitos attentos e calmos; ao fundo, em derredor de ma mesa onde havia garrafas e pratos de prata, arios senhores. E naquella paz vozes cantavam :

Disposta a mesa, ó Salvador,
Vem presidir aqui,
Ministra o vinho, parte o pão
Typos, Jesus, de ti!

Depois, no silencio que se fizera, o pastor disse :
— Bemdito Deus! e a prece evoluio-se directa, edindo para que se rectificasse o facto em memoria a morte de Christo. Era a consagração.

Gonçalves dos Santos tomou do pão e o partiu, os resbyteros foram pela sala com os pratos lavrados e prata, onde branquejavam os pedaços do bolo sem ermento.

— Tomai isso e comei!

Sentei-me humilde no ultimo banco. Como nos vangelhos, eu via os homens darem de comer o ão de Deus, e darem a beber o sangue de Jesus. Era tocante, naquelle mysterio, na paz da vasta sala, uasi deserta. E, com gula, a cada um que eu seguia o goso da suprema felicidade, parecia-me ver o seu lhar, — o olhar, a janella da alma! — voltar-se para o céo na certeza tranquilla de um repouso celeste.

Quando a ceremonia terminou, como um ruflo de azas brancas, de novo as vozes sussurraram.

Eu trouxe a salvação
Dos altos céos louvor,
E' livre o meu perdão,
E' grande o meu amor.

— Que faz tão triste ahi? disse-me o pastor Antonio. Aos moços quer Deus alegres! E eu que lhe fôra buscar uma Biblia e o *Christão*, o nosso jornalzinho! Venha fallar ao pastor.

Ergui-me. Manuel Gonçalves dos Santos, com a sua barba alvadia e o seu duro olhar, fitava-me.

Voltei do sonho para lhe reflorir uma lisonja. Eu já o sabia um probo, praticando o ministerio sem remuneração de especie alguma. Santos conservava-se de gelo. Fallei da cohesão das igrejas, da propaganda, do evidente progresso do evangelismo no Brasil, com a sua simples essencia de fé, gabei o hospital que estão a concluir.

O pastor então discorreu. A unica religião compativel com a nossa Republica é exactamente o evangelismo christão. Submette-se ás leis, préga o casamento civil, obedece ao codigo e é, pela sua pureza, um esteio moral. A propaganda torna cada vez mais claras essas idéas, no espirito publico aos poucos se crystalliza a nitida comprehensão do dever religioso. Os evangelistas serão muito brevemente uma força nacional, com chefes intellectuaes, dispondo de uma grande massa. E, de repente, com convicção, o velho reverendo concluiu:

— Havemos de ter muito breve na representação nacional um deputado evangelista.

Apertei a mão do mais antigo ministro evangelico

do Brasil. Diante dos esforços que me contára Antonio Marques, a minha alma se extasiára; durante a communhão, vendo o grave grupo beber o sangue de Jesus, eu sentira o balsamo do sonho. Mas emquanto meus olhos olhavam com inveja o outro lado da vida, a margem diamantina da Crença, o pastor sonhava com o dominio temporal e a Camara dos Deputados...

Eterna contradicção humana, que não se explicará nunca, nem mesmo com o auxilio daquelle que no Apocalypo sonda o coração e os rins e anda entre sete candieiros d'ouro!

Eterna contradicção, que captiva a alma de uns e faz as religiões triumpharem através dos seculos!

A IGREJA PRESBYTERIANA

A séde da Egreja Presbyteriana fica na rua Silva ardim n. 15. E' um dos mais lindos templos evangelicos do Rio. A sala póde conter oitocentas pessoas. Tudo reluz, as paredes banhadas de sol, as portas envernizadas, as fechaduras nickeladas, o pulpito severo. Pelas aléas do jardim, brunidas, anda-se sob o desfolhar das rosas e da montanha a pique que lhe fica aos fundos, desce um intenso perfume de jasmatta. A primeira vez que eu lá estive, a sala estava apinhada, não havia um logar; e, por traz de sobrecasacas severas, de fatos sombrios, na luz crua dos bicos, eu via apenas o gesto de um homem de larga fronte, descrevendo a delicia da moral impeccavel. Perguntei a um cavalheiro que o ouvia embevecido, quasi nas escadas.

— Quem é?

O cavalheiro passou o lenço pela testa alagada.

— Admira não o conhecer: é o Dr. Alvaro Reis.

Alvaro Reis é o pastor actual da Egreja Presbyteriana do Rio, essa egreja producto de uma propaganda tenaz e de um longo esforço de quasi meio seculo. Não ha de certo na historia dos nossos cul-

tos exemplo tão frisante de quanto vale o querer como essa vasta igreja. Fundada em 1861 pelos Revs Green Simonton, Alexandre Blackford e Francisco Shneider, tres missionarios mandados pelo *board* da igreja Presbyteriana dos Estados Unidos para a evangelisação do Brasil, quarenta e tantos annos depois tornou-se realidade; e a semente guardada no celeiro do Senhor, sob o seu divino olhar, brotou e floriu em arvore estrondosa. Quanto custou isso Simonton ensinava gratis o inglez para, aprendendo o portuguez, inocular nos discipulos os sãos principios da Biblia; cada sermão era um acontecimento, marcava-se com carinho o dia em que professava um novo sympathico. Os puritanos prégavam em salas estreitas e sem conforto. Algumas vezes, um padre catholico surgia intolerante, protestava; os pastores interrompiam-se e as duas egrejas combatiam, a ver quem pela palavra melhor parecia estar com Deus.

Como a seita Positivista, a propaganda começou numa sala da rua Nova do Ouvidor, com dezeseis ouvintes. Passou depois á rua do Cano, desceu á rua do Regente, á praça da Acclamação, á rua de Sancta Anna, comprou com sacrificios e recursos americanos o barracão da fabrica de velas de cêra da travessa da Barreira, e ahi orou, pediu a Deus e continuou a propagar. Os meios eram os usuaes de toda a fé que quer predominar. Os evangelicos faziam versos, faziam o bem e eram tenazes. Foi um evolução segura e lenta.

A Egreja teve martyres. O sabio padre romano Manuel da Conceição abjurou e ordenou-se presbytero.

Era uma alma antiga. Ordenou-se e logo começou

evangelizar a pé pelas estradas. Não levava uma moeda na bolsa, e de porta em porta, com a Biblia na mão, revelava aos homens a verdade. Atravessou Minas assim, tropeçando pelos caminhos ardentes, quasi sem comer, e, onde parava, o seu labio abria falando do prazer de ser puro. Em Campanha correram-no á pedra. Conceição, com a Biblia de encontro ao peito, tropeçando, fugia sob a saraivada, e a turba só o deixou fóra da cidade, quando o viu em sangue cambalear e cahir. Ao chegar a Sorocaba, o martyr estava andrajoso, quasi a morrer, e, morto, os seus ossos foram exhumados, por ordem do bispo D. Lacerda, para serem atirados fóra do cemiterio, ao vento...

Os pastores trabalhavam tanto que Simonton morrera, aos trinta e quatro annos, de cansaço. Eram os primeiros tempos! A adhesão religiosa vem da tenacidade. A tenacidade dessas creaturas de aço attrahiu os fiéis, desde os analphabetos aos homens illustres; a igreja recebeu no seu seio medicos, engenheiros, litteratos, architectos, professoras publicas, homens rudes, lentes de escolas superiores e cada um que daqui sahia, levava para as igrejas dos Estados com a carta demissoria um elemento de propaganda. Por ultimo, os pastores foram brasileiros, a derradeira etapa estava ganha, a igreja, ponto inicial da evangelização brasileira, foi construida luxuosamente, e o Rev. Trajano, com verdade e poesia, o affirmou: — depois de peregrinar por seis tectos estrangeiros, só no setimo a nossa igreja descançou.

Foi nesse descanço que eu dias depois voltei a conversar com o Dr. Alvaro Reis. A casa do pastor

fica ao lado esquerdo do templo, occulta nos roseiraes. O protestantismo trouxe para os nossos costumes latino-americanos não sei se a pureza da alma, de que o mundo sempre desconfia, mas o asseio inglez, o regimen inglez, a satisfação de bem cumprir os deveres religiosos e de viver com conforto.

Logo que vieram abrir a porta, eu tive essa impressão.

— O Pastor?

O pastor não estava, mas isso não impedia que um homem de Deus entrasse a refrescar das raguras do sol. O Dr. Alvaro Reis é paulista : na sua residencia encontrei alguns amigos seus, paulistas, que me receberam entre as cortinas e os tapetes, com uma franqueza encantadora. Quando me sentei na doce paz de uma poltrona, como um velho camarada irmão em Christo, estava convencido de que ia beber café e conversar largamente. Não ha como os evangelistas e os evangelistas brasileiros, para gentilezas. A' bondade ordenada pela escriptura reunem essa especial e intima caricia do brasileiro, que, quando quer ser bom, é sempre mais que bom.

— A Igreja Presbyteriana, disse-me o substituto do Dr. Alvaro Reis, realisa, como sabe, o trabalho de propaganda nesta cidade, ha 42 annos. Actualmente, além do templo, tem congregações prosperas na rua da Passagem, em Botafogo, na rua do Riachuelo e na Ponta do Cajú, onde existem salas de culto muito frequentadas. Foi com elementos nossos que se organisou a igreja de Nictheroy.

— E nos Estados?

— A Igreja Presbyteriana do Rio ramificou-se por todos os Estados do Brasil. Ha presbyterianos no

io Grande do Sul, no Pará, em Minas, em Goyaz, o Piauhy a até nos confins de Matto Grosso. A ropaganda ficou ao cuidado da Igreja Evangelica piscopal. O numero de congregações e de templos ue se organizaram depois do nosso, sobe a 300.

— E ha varios collegios?

— Varios? Ha muitos. A Igreja Presbyteriana onseguiu estabelecer no Brasil os seguintes colleios: o Mackenz e a Escola Americana, em S. Paulo; Collegio de Lavas, em Minas; o de Curityba, no 'araná; o da Bahia, da Freira de Santa Anna e o a Cachoeira, na Bahia; o das Laranjeiras, em Seripe; o do Natal, no Rio Grande do Norte; e ainda arias escholas gratuitas.

— E' natural que uma tão copiosa propaganda enha uma fórma de governo? fiz vagamente.

— Tem. A igreja é governada por uma sessão de greja, presidida pelo pastor e composta de seis offiiaes, que têm o titulo de presbyteros. A sessão da greja apresenta annualmente actas e relatorios ao resbyterio do Rio, concilio superior composto de toos os ministros presbyterianos que trabalham no Rio, o sul de Minas e no Espirito-Santo.

No Presbyterio, cada sessão se faz representar elo pastor e um presbytero. Além do Presbyterio lo Rio ha o de São Paulo, o de Minas, o do oéste de S. Paulo, o de Pernambuco e o do Sul do Brasil. Esses seis presbyterios, reunidos de tres em tres annos em uma só assembléa, formam o supremo conilio da igreja, com o nome de Synodo Presbyteriano Brasileiro. E' ahi que se discutem os interesses geraes la causa.

— A defesa tem jornaes?

— Alguns. Venha vêr.

Entrámos na bibliotheca de Alvaro Reis, uma sala confortavel, forrada de altas estantes de canella. Por toda a parte, em ordem, livros, papeis, brochuras, cartas, photographias.

— Veja. Aqui no Rio temos o *Presbyteriano* e o *Puritano*. Ha em S. Paulo a *Revista das Missões Nacionaes*, em Araquaty o *Evangelista*, o *Despertador* em Rio Claro, a *Vida* em Florianopolis e o *Seculo* no Natal.

— E com tantos jornaes os senhores não vivem em guerra constante?

— Contra quem?

— Contra as outras igrejas, os baptistas, os methodistas... Um jornal só basta para fazer a discordia; dez jornaes fazem o conflicto universal!

— Não, fez o meu interlocutor a sorrir, não. Reina completa harmonia. A Igreja Fluminense já existia quando começámos a nossa campanha. As relações conservam-se cordiaes. O pastor Santos ministra aqui a palavra de Deus sempre que é convidado. Emquanto o templo esteve em construcção, a Igreja Fluminense permittiu-nos o uso da sua vasta sala para o nosso serviço religioso. Com os methodistas e baptistas a mesma cordialidade existe. Os pastores de lá fallam no nosso pulpito, como nós fallamos no seus.

Depois, com tristeza :

— Talvez entre os de casa não existisse essa harmonia ha bem pouco tempo... E' bem simples. Na ultima reunião do Synodo Presbyteriano houve uma scisão que se reflectiu francamente na igreja do Rio. Um membro do concilio imaginou que a maçonaria

izia pressão nas deliberações do Synodo, propondo go que a igreja banisse do seu seio a *heresia ma-onica*. Não era verdade a pressão. O concilio dis-utiu largamente e approvou a seguinte resolução. — « O Synodo julga inconveniente legislar sobre o ssumpto! » A tolerante approvação deu em resul-ado separarem-se sete ministros, que formaram uma greja independente e antimaçonica. A'nova igreja garam-se ex-membros da nossa.

Elle fallava simplesmente. Em torno, faces tran-uillas approvavam e naquella atmosphera agradavel u não pude deixar de dizer :

— Como o grande publico os ignora, como a po-ulação, a verdadeira, a massa, os confunde numa omplicada reunião de cultos!

Todos sorriam perdoando.

— Sabemos disso. E' natural! Oh! os protes-antes! Passam pela porta, pensam cousas incri-eis... Mas alguns entram e encontram a tranquilli-ade. Qual é, afinal, seccamente, em poucas alavras, o modo por que a Igreja Presbyteriana dif-ere da Egreja Romana? Não considera o Papa omo chefe, nem tolera a sua infallibilidade, não rê na intercessão dos sanctos, que estão na gloria e enhum poder têm neste mundo, não acceita o celi-ato clerical, considerando uma innovação funesta...

— Oh! Funestissima!

— ... de Gregorio VII, no seculo XI; não admitte culto das imagens, uma infracção ao 2º andamento lo Decalogo; crê que Jesus Christo resuscitou e está ivo e reina como unico chefe da sua egreja; crê o unico fundamento, na unica regra da Religião hristã, a Palavra de Deus, a Biblia, e préga que

Deus, omnipotente, omnisciente e omnipresente, é unico apto a ouvir as orações dos homens. Só acceita dous sacramentos, o Baptismo e a Communhão, os unicos instituidos por Jesus Christo; só reconhece o casamento civil, sobre o qual impetra a benção de Deus; não admitte o purgatorio...

— O absurdo purgatorio!

— Deante das sanctas escripturas.

— Ah!

— Prohibe as missas em suffragio das almas, porque Jesus nunca rezou missas, e crê que o homem é salvo de graça pela fé viva, como crê na resurreição, na regeneração, na vida eterna e no juizo final. Todo o seu culto se resume na leitura das escripturas, em sermões explicativos, em orações a Deus, e no primeiro domingo de cada mez na celebração da Eucharistia...

— Ha sociedades na igreja?

— Ha o Esforço Christão e uma de accôrdo com todas as igrejas, o Hospital Evangelico.

Nessa mesma noite eu ouvi, no templo cheio, Alvaro Reis. A sua larga fronte parecia inspirada e elle, desfazendo subtilmente as phrases diamantinas da Biblia, num polvilho de bem, falava da Caridade, da Caridade que sustenta todos os que crêem em Jesus, — da Caridade suavemente doce que protege e esquece.

A IGREJA METHODISTA

— Amados irmãos, estamos reunidos aqui á vista de Deus, e na presença destas testemunhas, para unir este homem e esta mulher em santo matrimonio, que é um estado honroso, instituido por Deus no tempo da innocencia do homem, significando-nos a união mystica que existe entre Christo e a sua Igreja. Esse estado santo, Christo adornou-o com a belleza da sua presença, fazendo o primeiro milagre em Cananêa da Galiléa; S. Paulo o recommenda como um estado honroso entre os homens; e por isso não deve ser emprehendido ou contrahido sem reflexão, mas, sim, reverente, discreta, reflectidamente e no temor de Deus.

No ar pairava um suave perfume, senhoras de rara elegancia tinham physionomias immoveis, cavalheiros graves pareciam ouvir com attenção a palavra do pastor e tudo scintillava ao brilho dos focos luminosos. Era um casamento na Igreja Methodista, na praça José de Alencar. Ao fundo, via-se, á mão direita do pastor, o noivo, á esquerda a noiva, e por traz dos vitraes, lá fóra, naquelle recanto onde corre de vagar um rio, a turba dos curiosos que não entram nunca.

— Estas duas pessoas apresentam-se, continuava o ministro evangelico, para serem unidas nesse estado santo. Se alguem sabe cousa que possa ser provada como causa justa, pela qual estas pessoas não devam legalmente ser unidas, queira dizer agora, ou do contrario—nunca mais falle sobre isso.

Houve um sussurro como se entrasse pela porta ogival uma lufada de ar. O pastor voltou-se para as pessoas que casavam.

— Exijo e ordeno de vós ambos (como respondereis no terrivel dia do juizo, quando os segredos de todos os corações fôrem desvendados) que se algum de vós souber de impedimento pelo qual não podeis legalmente ser unidos pelos laços do matrimonio, queira dizer agora, pois, ficai bem certo disto, que aquelles que se unem de um modo differente daquelle que é auctorisado pela palavra de Deus não são unidos por Deus, nem o seu matrimonio é legal.

Nem o noivo nem a noiva responderam. Ella parecia tranquilla, elle sorria um sorriso mais ou menos ironico entre as cerdas do bigode. O ministro então disse ao noivo :

— Queres casar com esta mulher para viverdes juntos, segundo a ordenação de Deus, no estado santo do matrimonio? Amal-a-ás, confortal-a-ás, honral-a-ás e guardal-a-ás na doença e na saúde; e deixando tudo o mais guardar-te-ás para ella sómente, emquanto ambos viverem ?

— Sim! fez o noivo.

— Queres casar com este homem para viver, segundo a ordenação de Deus, no estado santo do matrimonio? Obedecel-o-ás, servil-o-ás, honral-o-ás

guardal-o-ás na doença e na saude, e deixando odos os outros guardar-te-ás sómente para elle, emquanto ambos viverdes?

— Quero, disse a linda senhora.

Houve a cerimonia do annel, emquanto os assistentes abanavam-se. O ministro tomou-o, deu-o ao noivo, que o enfiou no quarto dedo da mão esquerda da noiva, repetindo as palavras do pastor :

— Com este annel eu me caso comtigo e doto-te de todos os meus bens terrestres : em nome do Pai, do Filho e do Espirito Santo, Amen!

— Oremos! Pai nosso que estás no céo... Era um Padre-nosso... Depois, juntando as mãos do noivo, o ministro disse :

— O que Deus ajuntou não o separe o homem. Visto como têm consentido unir-se, e têm assim testemunhado diante de Deus e das pessoas aqui presentes, e portanto têm promettido fidelidade um ao outro e assim declarado, juntando as mãos, eu os declaro casados no nome do Pai, do Filho, e do Espirito Santo.

Deus o pai, Deus o filho, Deus o Espirito abençôe, preserve e guarde-vos; o Senhor misericordiosamente com o seu favor olhe para vós; e assim vos encha de todas as bençãos e graças espirituaes, para que no mundo por vir tenhais vida eterna. *Amen!*

Estava terminada a cerimonia. Houve um movimento, como nos templos catholicos, para felicitar o feliz par, capaz de jurar em tão pouco tempo tantos juramentos de eternidade. As senhoras afiavam um sorrisinho e os homens iam em fila tocantemente indifferentes.

E da *féerie* do templo, por cima d'agua, do mais

lindo templo evangelista, onde as luzes ardiam por trás dos vitraes numa confusa irradiação de côres, começaram a sair os convidados. Carros estacionavam na escuridão da praça com os pharóes accesos carbunculando... Eu assistira a um casamento sensacional.

No dia seguinte fui á residencia do pastor Camargo.

No anno de 1739 fallaram com John Wesley, em Londres, oito pessoas que estavam convencidas do peccado e anciosas pela redempção. Essas creaturas tementes da ira futura desejavam que com ellas John gastasse algum tempo em oração. Wesley marcou um dia na semana e dahi surgiu a sociedade unida. Aos que desejam entrar para a sociedade só se exige uma condição : o desejo de fugirem da ira vindoura e de serem salvos de seus peccados.

Muita gente ha no Brasil receiosa da dita ira. A Igreja Methodista, que é um desdobramento da episcopal, começou os seus trabalhos, ha vinte e sete annos, no Cattete, na casa onde está hoje installada a pensão Almeida. Tinha apenas sete membros e os missionarios mandados pelo *board* americano, os Revs. Ransom, Cowber, Tarbou Kennedy, sabiam que desses sete já quatro eram methodistas nos Estados Unidos. Hoje a Igreja conta cinco mil membros, todos os annos o numero augmenta, as igrejas surgem, fundam-se collegios, e as missões levam aos recessos do paiz, perseguidas, corridas á pedra, a palavra de Christo. Só o templo da praça José de Alencar custou 107 contos ; ha missões e igrejas em Petropolis, na Parahyba, em S. Paulo, em Itapecerica, S. Roque, Piracicaba, Capivary, Taubaté, Cunha, Amparo; todo o Estado de

Minas e o Rio Grande estão cheios de methodistas, e os missionarios chegaram até Cruz Alta e Forqueta, no desejo tenaz de prolongar a fé.

Os methodistas têm um grande dispendio annual. No Rio contribuem para as despesas do pastor em cargo, presbytero-presidente, bispos, missões domesticas, missões estrangeiras, educação de pensionarios, Sociedade Biblica Americana, pobres, actas, construcções, casa publicadora, ligas Epworth, escholas dominicaes, sociedade auxiliadora de senhoras, de modo que, sendo a média de cada contribuinte de vinte e nove mil réis, a despesa geral eleva-se annualmente a quantia superior a vinte contos. Ha cincoenta e seis sociedades e dezeseis casas de culto, cujo valor é de tresentos e dezenove contos, oito residencias e nove collegios, e o valor desses é de quatrocentos e sessenta contos.

Quando cheguei á residencia de Jovelino Camargo, ordenado presbytero ha dous annos, estava edificado da situação financeira da igreja, dessa excellente situação. Camargo é paulista, simples e amavel. Recebeu-me no seu gabinete de trabalho, donde se descortina todo um trecho bello da praia de Botafogo.

— Ha quanto tempo está aqui?

— Ha dous annos; os prégadores methodistas não levam mais de quatro annos em cada igreja.

— Quaes são os prégadores actualmente no Rio?

— Revd. Parker, da Igreja Evangelica; Guilherme da Costa, que préga em Villa Isabel e no Jardim Botanico, e eu.

Os methodistas têm uma grande quantidade de ministros e de officiaes de igreja, bispos, presbyteros, prégadores em cargo e em circuito, diaconos

itinerantes, presbyteros itinerantes, prégadores supra-numerarios, locaes, exhortadores, economos, depositarios...

— Para cada districto; na cidade propriamente ha apenas os prégadores locaes e os economos que tratam das questões financeiras, uma junta de sete membros, que actualmente é composta dos Srs. Joaquim Dias, João Medeiros, Manuel Esteves de Almeida, José Pinto de Castro, Antonio Joaquim e Elesbão Sampaio.

— Ha varios jornaes methodistas?

— A *Revista da Eschola Dominical*, em S. Paulo; *O Expositor Christão*, orgão da conferencia annual brasileira, dirigido pelos Srs. Kennedy e Guilherme da Costa; *O Juvenil*, *O Testemunho*. Como as outras igrejas evangelicas, a Methodista tem sociedades internas que a propagam; a Sociedade Missionaria das Senhoras no Estrangeiro, a Sociedade de Missões Domesticas das Senhoras...

— A liga Epworth...

— A liga Epworth é um meio de graça como o culto, a oração, as escolas dominicaes, as festas do amor. Temos 34 ligas Epworth. As ligas organisam-se em nossas congregações para a promoção da piedade e lealdade á nossa igreja entre a mocidade, para a sua instrucção na Biblia, na litteratura christã, no trabalho missionario da igreja.

A junta compõe-se de um bispo, seis pregadores itinerantes e seis leigos, sendo todos eleites de quatro em quatro annos pela conferencia geral, sob a nomeação da commissão permanente das ligas Epworth. As ligas locaes estão sob a direcção do pastor e da conferencia trimensal.

— Mas o meio da propaganda?

— E' quasi todo litterario; a liga é propriamente diffusão da litteratura evangelica.

— O mais admiravel entre os methodistas é o achinismo, o funccionamento da sua igreja.

— Que é governada por conferencias, póde-se izer. Ha conferencias da igreja, mensaes, trimenaes, districtaes, annuaes e geraes de quatro em uatro annos.

Nessa occasião, Jovelino Camargo offereceu-me afé, e sorvendo o nectar precioso, eu indaguei:

— Muitos casamentos na capella do Cattete?

— Alguns. Para esses actos os pastores procuram empre os templos mais bellos.

— Ha muita gente que acredita o vosso casaiento uma valvula que a nossa lei não permitte...

— Mas é absolutamente falso, é uma calumnia ormidavel. Os evangelistas respeitam antes de tudo lei do paiz em que estão. A totalidade dos nossos astores não casam sem vêr antes a certidão do cto civil. Ah! meu caro, a calumnia tem corrido, s pedidos são frequentes aos ministros evangelicos ara a realização do casamento de pessoas divoriadas, mas nós nos furtamos sempre; e ainda este nez C. Tacker, Alvaro dos Reis, Antonio Marques e Franklin do Nascimento fizeram publico pelos jorıaes que não podiam lançar a benção religiosa sobre ıenhum casal que não tenha antes contrahido matrinonio.

Os meus companheiros Kennedy e Guilherme da Costa commentaram esse manifesto que o momento exigia. Nós temos uma lei que nos inhibe esse crime. Quer vêr?

Ergueu-se, foi á estante, abriu um pequeno livro de capa preta.

— Esta é nossa disciplina, leia.

Ambos curvámos a cabeça, procurando os caracteres á luz fugace do anoitecer e ambos na mesma pagina lemos : — « Os ministros de nossa igreja serão prohibidos de celebrarem os ritos do matrimonio entre pessoas divorciadas, salvo o caso de pessoas innocentes, que têm sido divorciadas pela unica causa de que falla a Escriptura... »

Houve um longo silencio. As sombras da noite entravam pelas janellas.

— A causa unica de que falla a Biblia...

— E' preciso afinal comprehender que nem todas as igrejas denominadas christãs e protestantes, pertencem á Alliança Evangelica Brasileira e que nós não podemos em nome de Christo pregar, por assim dizer, a dissolução moral.

Ergui-me.

— Apesar das injustiças dos homens, a Igreja Methodista caminha.

— E os casamentos honestos são em grande numero.

Jovelino Camargo desceu commigo a praia de Botafogo. Vinha, como sempre, calmo, intelligente e simples.

— Onde vai?

— A uma festa de amor.

Estaquei. Mas, Senhor Deus, os methodistas davam-me uma excessiva quota de amor. No dia anterior um casamento, minutos antes o casamento de novo, e agora alli, na sombra da noite, o pastor que me dizia, como um velho *noceur*, o logar perigoso para onde ia!

— A uma festa de amor? interroguei, feroz.

— Sim, é uma festa nossa, trimensal, fez a sorrir puro moço. Vou fazer oração e participar do pão da agua em signal de amor fraternal.

E simplesmente Jovelino Camargo desappareceu a sombra, emquanto eu, olhando o céo, onde as strellas palpitavam, rendia graças a Deus por haver inda neste tormentoso mundo quem, por seu amor, me, respeite e seja honesto.

OS BAPTISTAS

E disse o eunucho: Eis aqui está a agua. Que mbaraço ha para que eu não seja baptirado? E isse Felippe: Se crês de todo o teu coração, bem ódes... E desceram os dous, Felippe e o eunucho, agua, e o baptizou...

Estava na rua de Sant'Anna, no templo baptista, evero e rigido nas suas linhas gothicas. Era de noite. A'porta um certo movimento, caras curiosas, gente a sahir, gente a entrar, e um velho blandicioso distribuindo folhetos.

— Os baptistas?

— Exactamante.

Pégo de um folheto, emquanto lá de dentro parte um côro louvando a gloria de Deus. Trata do purgatorio perante as Escripturas Sagradas e está na 2ª edição. Leio na primeira pagina: « Entre as differentes religiões existentes distinguem-se a religião de Jesus, que nos offerece o céo, e a religião do Papa, que aponta o purgatorio. O Papa préga o purgatorio porque ama o nosso dinheiro... » Com um pouco mais teriamos a *Velhice do Padre Eterno!*

A Igreja Baptista é, entretanto, um dos ramos

em que se divide o que o vulgo geralmente cham: protestantismo, é uma das muitas divergentes interpretações dos Evangelhos.

Ha seis seculos chamava-se anabaptista.

Seita antiquissima, com grandes soluções de continuidade, desapparecendo muita vez na historia sob o martyrio das perseguições, sem deixar documentos, mas nunca de todo se perdeu.

Hoje, como as outras seitas que asseguram ser as unicas e verdadeiras interpretes da Biblia, o seu fóco principal são os Estados Unidos, mas o mundo está cheio de anabaptistas e um magnifico serviço de propaganda na China, no Japão, na Africa, na Italia, no Mexico e no Brasil augmenta diariamente o numero de adeptos.

O movimento das missões é tão intenso que até tem um jornal informativo: *The Yorking Mission Journal.*

Isso não impede que a controversia os seleccione e que a critica os divida. Nos Estados Unidos a igreja está dividida em baptistas christãos, novos baptistas, baptistas rigorosos, baptistas separados, baptistas liberaes, baptistas livres, anabaptistas baptistas, creanças baptistas geraes, baptistas particulares, baptistas escossezes, baptistas nova communhão geral, baptistas negros, baptistas do braço de ferro, baptistas do setimo dia e baptistas pacificos.

Aos baptistas daqui, pacificos, christãos e misturados, bem se póde chamar: — do braço de ferro, desde que braço signifique a decisão e a força com que arredam as nuvens da Luz. A historia da igreja do Rio começa em 1884 com a chegada do Sr. e da Sra. Bagby.

O Sr. Bagby foi o patriarcha. Quatro dias depois e chegar, organizou a igreja na propria casa, com uatro ovelhas, isto é, com quatro cidadãos. Um nno depois mudava-se para a rua do Senado já om outros recursos, passava a prégar na rua Frei aneca, na rua Barão de Capanema, quasi sem abanonar o rebanho, durante annos a fio, e, passado o ecimo primeiro, installava-se num templo proprio, dificio que custou cincoenta e um contos.

Era nesse templo que eu estava, defronte da greja da Senhora Sant'Anna, lendo trechos do tal *urgatorio*, em que uma igreja solapa a outra por mor do mesmo Christo misericordioso. O velho landicioso, porém, apertando um maço de *Purgatoios* debaixo do braço, empurrava-me com um ar de ambista depois do 2º acto.

— Entre, entre, o senhor vai perder!

Foi então que eu entrei. Todos os bicos de gaz ilvavam, enchendo de luz amarella as paredes uas. No fundo, em lettras largas, que pareciam longar-se na cal da parede, esta inscripção solemne egrejava: — « Deus amou o mundo de tal maneira que deu a seu filho unigenito para que todo aquelle que nelle crer não pereça, mas tenha vida eterna. » Na cathedra ninguem. Do lado esquerdo, o orgão e deante delle uma senhora com a physionomia paciente, e um cavalheiro irreprehensivel, sem uma ruga no fato, sem um cabello fóra da pasta severa. Pelos bancos uma sociedade complexa, uma parcella de multidão, isto é, o resumo de todas as classes. Ha senhoras que parecem da vizinhança, em cabello e de *matinée*, creanças trefegas, burguezes convictos, serios e limpos, nas primeiras filas, operarios, ma-

landrins de tamancos de bico revirado, com o cabello empastado em cheiros suspeitos, soldados de policia, um bombeiro de *cavaignac*, velhas pretas a dormir, negros attentos, uma dama de chapéo com uma capa crispante de lentejoulas, cabeças sem expressão, e para o fim, na porta, gente que subitamente entra, olha e sai sem comprehender. O templo está cheio.

O pastor parece concentrado, olhando o rebanho de ovelhas, a maior parte ignorante do aprisco. Nessa noite não se perde em erudições theologicas; nessa noite chama com o orgão do Senhor os carneiros sem fé. E é uma cousa que se nota logo. A propaganda, a attracção da Igreja é a musica. Ganham-se mais fieis entoando um hymno que fazendo um sabio discurso cheio de virtudes. O Sr. Soren, o pastor calmo, irreprehensivel, parece comprehender os que o frequentam, sem esquecer sua missão evangelica. E' positivamente o professor. Sem o perfume dos hymnarios e sem aquellas lettras negras na parede, a gente está como se estivesse numa aula de canto do Instituto de Musica, ouvindo o ensaio de um côro para qualquer *crêche* mundana...

— Vamos mais uma vez, diz elle com um leve assento inglez. Este hymno é muito bonito! Cantado por duzentas vozes faz um effeito! Sabem a lettra? Vamos... A dama, com um ar de bondade indifferente, corre o teclado, accordando no orgão graves e profundos sons que se perdem no ar vagarosamente. Depois, receiosa, acompanhando cada accorde, a sua voz, seguida da do pastor, começa:

Oh! Se-e-e-nhor!...

Muitos lêm os versos, acompanhando a voz do pastor, outros, nervosos, precipitam o andamento. Mas naquelle ensaio, logo me prende a attenção um preto de casaco de brim sem collarinho. O orgão domina-o como um som de violino domina os crocodilos. Nos seus dentes brancos, nos olhos brancos, de um branco albuminoso, correm risos de prazer. Sentado na ponta do banco, os longos braços escorrendo entre os joelhos, a cabeça marcando o compasso, elle segue, com as mandibulas abertas, os sons e as vozes que os acompanham. Depois, como o Sr. Soren diz :

— Vamos repetir. Já se adiantaram. Um, dous, tres!

Oh! Se-e-e-nhor!...

o negro tambem, abrindo a fauce num repuxamento da face inteira, cantou :

Oh! Se-e-e-nhor!

E todo o seu ser irradiou no contentamento de ter decorado o verso bonito.

Eu curvei-me para o velho, que passava com outro maço de *Purgatorios* debaixo do braço :

— Vem sempre aqui, aquelle?

— Vem, sim, é fiel. Eu é que não sou...

E, confidencialmente, desappareceu.

Entretanto o hymno acabara bem. Quasi que houve palmas. Estavam contentes.

O Sr. Soren consultou o relogio e aproveitou a boa vontade dos irmãos.

— Vamos, mais um hymno. E' lindo! Estudemos só a primeira parte. De Deus até Salvador.

A organista tocou primeiro a musica para que os baptistas aprendessem o tom, e todos começaram o novo hymno, as creanças, as senhoras, os homens graves, emquanto o negro abria as mandibulas e uma velha fechava os olhos enlevados e somnolentos. Quando as vozes pararam num ultimo accorde, o Sr Soren disse algumas palavras sobre a gloria do Senhor e estendeu as mãos.

Amen! Estava acabado o estudo. Alguns crentes demoraram-se ainda, o negro sahiu dando grandes pernadas, outros estremunhavam. Mandei então o meu cartão ao Sr. Soren, que se apoiava ao orgão rodeado de damas veneraveis.

Esse homem é amabilissimo. Nascido no Rio, de uma familia franceza que fugia ás perseguições religiosas da França, estudou nos Estados Unidos e é bacharel. No seu gabinete, ao fundo, limpo e brunido, onde se move com pausa, tudo respira asseio e austeridade. Soren mostra a bibliotheca, encadernações americanas de percaline e couro, bate nos livros recordando as difficuldades do estudo, a aridez, o que certos auctores custavam.

— Para tudo isso ha a compensação da verdade que conforta, diz.

A verdade deve confortar como um *beef*. Guardo, porém, essa comparação.

Os baptisas, firmados na Biblia, assim como praticam o baptismo por immersão, não comem carne com sangue... Limito-me a dizer.

— A sua crença?

— Mas nós cremos que a Biblia foi escripta por

lmens, divinamente inspirados, que têm Deus como ıctor e a salvação como fim ; cremos que a salvação ıs peccados é totalmente de graça pelos officios edianeiros do filho de Deus ; cremos que a grande ınção do Evangelho que Christo assegurou é a jusficação; e cremos na perseverança, no Evangelho, ı proposito de graça, na satisfação que começa na ıgeneração e é sustentada no coração dos crentes.

O Sr. Soren pára um instante.

— Cremos tambem, continuou, que o governo vil é de auctoridade divina, para o interesse e boa rdem da sociedade e que devemos orar pelos magisıados...

— E crêm no fim do mundo?

— ... Que se approxima.

Emquanto, porém, o fim não apparece, a propaanda baptista é feita com calor no Brasil : em . Paulo, na Bahia, em Pernambuco, no Pará, no mazonas. No Rio existem os Srs. Entznimger e sposa, Deter e esposa e o Sr. Soren, creaturas de ıureza exemplar. Na cidade ha quatro congregações. ıs pastores, dos quaes foi sempre o principal o r. Bagby, que se retirou em 1900, têm prégado na ıua D. Feliciana, no Estacio de Sá, no Madureira, o morro do Livramento, em S. Christevão, na laeira do Barroso, em Paula Mattos, em Santa Theeza, na Piedade, no Engenho de Dentro, na rua Barão de S. Felix.

O Evangelho caminha.

— E são grandes os progressos?

— Ricamente abençoado o trabalho. Pelos dados que tenho, realisaram-se em 1903 cerca de mil baıtismos, foram organisadas dez igrejas novas, edifi-

caram-se tres templos novos e a contribuição das igrejas foi de 50:000$000. Ha dous annos que estamos no Brasil. Os baptistas augmentaram de 500 a 5.000, de 5 igrejas a 60. A nossa casa publicadora já editou, além do *Jornal Baptista* e do *Infantil*, mais de um milhão de paginas em folhetos.

— Qual a publicação que tem agradado mais?

— O *Cantor Christão!*

A musica, o som que convence, a crença em harmonia!

Os gregos admiraveis já tinham no seu divino saber descoberto a propriedade subtil, e na Lacedemonia os rapazes recebiam o amor da patria ao som das flautas, em odes puras! Já nos iamos despedir. O pastor deu-nos o seu jornal, com um artigo de D. Archimina Barreto, uma erudita senhora.

— Somos todos eguaes perante Deus. No templo póde falar o mais ignorante como o mais sabio. Deus deseja a virtude antes de tudo. D. Archimina allia as virtudes a um grande saber.

— E, a proposito, aquella senhora organista é sua esposa?

— Não, eu ainda me vou casar nos Estados Unidos.

E eu sahi encantado com a clara intelligencia desse pastor, que espera calmo e virtuoso o fim do mundo, emquanto, á porta, o velho blandicioso distribue *Purgatorios* contra os padres e as moças.

A. A. C. M.

— Olhe as terras onde se propaga o Evangelho.

Desde um ao outro polo,
Da China ao Panamá,
Do africano solo
Ao alto Canadá

a A. C. M. conquista, suavisa, prestigia e guia...

Nós acabavamos de jantar e o meu illustre amigo, com um copo d'agua pura na mão, dizia-me cousas excellentes.

— O nosso movimento, continuou, conta entre os seus amigos Eduardo da Inglaterra, o principe Bernadotte da Suecia, o presidente dos Estados Unidos e Guilherme II. Na França, ministros de Estado acceitam cargos de administração da A. C. M.; na Inglaterra os seus edificios erguem-se em todas as cidades como os grandes lares da juventude honesta, e por toda a parte ella reforma os costumes e purifica as almas dos moços, tornando-os symetricos e bons. Você não terá uma idéa integral do movimento das cinco igrejas evangelicas do Rio sem ir apreciar

de perto o capitel magnifico dessa columna de branc marmore. A A. C. M. é o remate admiravel d nossa obra de propaganda.

Finquei os cotovellos na mesa com curiosidade.

— Mas a origem das A. C. M. no mundo?

— Shuman, secretario geral em Buenos Aires disse-nos na convenção de 1903 essa origem. Em 1836 appareceu na cidade de Bridgewater, na Inglaterra, um rapazola de 15 annos, chamado Georg Williams. Mandava-o o pai do campo para aprende um officio. George viu que os seus sessenta companheiros eram de moral duvidosa e sem crença e que de um meio tão grande só dous ou tres oravam a Redemptor. Orou tambem no seu misero quarto por trás da officina, durante uma hora. A principi fazia só esses exercicios, depois convidou os companheiros, e cinco annos depois estava em Londres Londres! a cidade mais populosa do mundo!

Conhece você os perigos das cidades, o desvario a luxuria, a perdição, o jogo, a ambição desmedid dos grandes centros? Onde se congregam mais o homens, ahi entra com mais certeza Satanaz, ah grassa mais terrivel a epidemia da perdição. Williams na fabrica em que se empregou, não encontro um só christão. Ao cabo de um mez, porém, appareceu um novo empregado, Christofer Smith, e os dous ligados pela amizade, resolveram a conversão do companheiros, convidando-os para estudar a Biblia orar. Em pouco tempo as reuniões cresceram, e a 10 d junho de 1844 representantes dessas reuniões effectuaram a organisação da primeira Associação Christ de Moços. Foi seu fundador uma creança de 20 annos mandada pelo Salvador a um meio cheio de vicios

; tentações para lhe dar o balsamo da honestidade.
A pequena associação estendeu-se a todos os paizes
) mundo. Hoje ha mais de 1.500 na Inglaterra, de
351 até agora 1.600 fundaram-se só nos Estados
nidos. A' primeira convenção internacional compa-
:ceram 99 delegados de 38 associações em sete
ıizes; en 1902 em Christiania assistiram 2.508 dele-
ıdos de 31 paizes. Ha 60 annos a A. C. M. iniciou
: seus trabalhos; hoje só na America do Norte ha
ais de 25.000 moços estudando a Biblia nas
asses das associações e num só anno 3.560 profes-
ıram a sua fé convertidos na Associação e 9.600 ou-
os se dedicaram ao serviço do Senhor.

— As A. C. M. não admittem apenas crentes pro-
ssos?

— Não, a Associação de Londres resolveu, em 1848,
:ceber como socios auxiliares os moços de boa moral.
ctualmente metade dos nossos socios, cerca de
50.000, pertence a essa classe. Mas, meu caro, é
sta uma base luminosa da propaganda, chamar a
os olhos do mundo, mostrar a pureza num seculo
) impurezas, tolerar e purificar. Entre os estu-
ıntes das escolas, na profissão borboletante do
ırnalismo, nas raças mais estranhas, entre chins
caboclos selvagens, na classe universalmente
ınhecida pela sua intemperança, nos empréga-
ıs das estradas de ferro da America, a propa-
anda alça por esse meio a branca flammula da
ssociação.

O meu illustre amigo calou-se. No *restaurant* o
ırborinho crescia, senhoras com *toilettes* caras,
ımens contentes, curvavam-se no prazer de comer.
.avia risos, criados passavam com os pratos de

christofle brilhando á luz dos fócos, em baldes de metal as garrafas gelavam e das jarras de crystal as flôres de panno pendiam desoladas ao peso do pó e do tempo. Todos alli conversavam de interesse, de ambição, de amor, de si mesmos... Senti-me superior, anandei vir um copo d'agua, bebi-o com pureza. Naquella grande feira nós conversavamos da alma e do bem universal!

— E a A. C. M. do Rio?

— A nossa Associação tem tambem a sua evolução. Os primeiros moços christãos reuniram-se para ouvir Simonton e Kalley na travessa das Partilhas. Foi ahi que germinou a idéa de uma sociedade evangelica de moços. Em junho de 1866 cerca de vinte crentes organisaram a Sociedade Evangelica Amor á Verdade, que se manteve durante quatro annos.

Em 1871 appareceu uma outra sociedade com fins identicos, funccionando na travessa das Partilhas e na travessa da Barreira. Esta chamava-se o Gremio Evangelico, tinha uma officina de impressão da qual eram typographos e impressores os proprios socios, dirigidos por Antonio Trajano, Azaro de Oliveira, Carvalho Braga e Ricardo Holden.

Myron Clark, que fez o historico desse movimento, conta ainda mais, antes da actual Associação, a Boa Nova, dirigida por A. Seabra, M. Diel e Antonio Meirelles, em 1875; o Grenio Evangelico Fluminense organisado por Antonio de Oliveira, Severo de Carvalho, Noé Rocha e Benjamin da Silva, na rua de S. Pedro 97, com o fim de manter um jornal de propaganda, uma classe de musica, bibliotheca, sessões litterarias; a Associação Christã dos Moços, fundada na mesma rua de S. Pedro com uma directoria composta pelos Srs.

oão dos Santos, Antonio Andrade, José Andrade, osé Luiz Fernandes Braga e Salomão Guisburgo, ue publicaram o *Biblia*, primeiro jornal evangelico occupar-se da mocidade no Brasil; e a Sociedade Evangelica de S. Paulo.

A A. C. M. do Rio foi fundada a 31 de maio e 1893. Vinte e dous moços, representantes das grejas Methodista, Presbyteriana, Fluminense e Baptista, reuniram-se na rua Sete de Setembro 79 e Myron Clark e Tucker expuzeram o fim da reunião. Dias depois approvavam os estatutos e elegiam a irectoria : Nicoláo do Couto, Antonio Meirelles, Luiz de Paula e Silva, Myron Clark e Irvine. Não é ossivel ter feito tanto em tão pouco tempo! Em 8 e agosto a Associação já estava installada na rua da Assembléa e começava a pôr em actividade os iversos departamentos do trabalho social.

Nem a revolta, nem os bombardeios, nem a agiação apavorada da cidade conseguiram esfriar o anto enthusiasmo. Quando os tiros eram muitos, a Associação fechava as suas salas, para no outro dia bril-as; as aulas funccionavam; e no dia 12 de oubro, quando toda a gente só fallava em tiroteios, os moços christãos iam á Copacabana, iniciando um dos seus ramos de trabalho, a excursão social.

— Como se realizou a compra do predio?

O evangelista limpou o labio secco.

— Em 1895, o secretario geral suggerira a conveniencia do projecto. A directoria approvou-o; na reunião da vigilia os Revs. Leonidas da Silva e Domingos Silveira fallaram, pedindo donativos e compromissos mensaes para crear-se um fundo especial, e nesta occasião começaram os trabalhos da com-

missão dos compromissos. A Associação tem tido poderosos auxilios estrangeiros, tem em Fernandes Braga, uma alma pura e nobre, um grande esteio, mas no fim da reunião da commissão verificou-se que a somma total dos compromissos era de 65$000 mensaes.

— Deus do Céo!

— O patrimonio da Associação eleva-se hoje a mais de cem contos. Fernandes Braga comprou o terreno, James Lawson offereceu-se para emprestar o dinheiro das obras, abriu-se uma subscripção, Braga deu dez contos e Lawson dous; a commissão, composta de Fernandes Braga Junior, Lysanias Cerqueira Leite, Luiz Fernandes Braga, Domingos de Oliveira e Oscar José de Marcenes, multiplicou-se. Dous annos depois inaugurava-se edificio, a *casa dos moços*, a obra de Deus, como diz o Rvdm. Trajano. A nossa satisfação, porém, meu caro, não vem apenas da realização desse tentamen.

A A. C. M. do Rio accendeu nos evangelistas do Brasil o desejo de associações identicas. Eu, só, posso citar a Associação Christã de Moços de Bello Horizonte, a Sociedade de Moços Christãos de Castro (do Paraná), a A. C. M. de Sorocaba, a Associação Educadora da Bahia, a de Taubaté, a Legião da Cruz, a Milicia Christã, a Associação de Santo André no Rio Grande, a Associação Christã dos Estudantes no Brasil, filiada á Federação dos Estudantes no Universo, de S. Paulo, a do Natal e a de Nova Friburgo.

Dentro em pouco estaremos como os Estados Unidos.

— Prouvera a Deus!

Tinhamo-nos erguido.

— Onde vai?

— Por ahi, passear, vêr.

— Pois venha commigo á Associação, agora. São horas, estão funccionando as aulas. Venha e terá uma impressão do que é o centro do evangelismo no Brasil.

E. sahimos pelas ruas pouco illuminadas, em que a chuva miuda punha um véo de nevoas.

A Associação não é nem uma igreja nem uma sociedade mundana, embora possua caracteristicos profanos e seculares: é a casa dos moços, o segundo lar que suppre as necessidades intellectuaes com bibliotheca, cursos, aulas, conferencias; mantem a sociabilidade da juventude em salões de diversões, desenvolve-lhe o physico com gymnasticas, jogos athleticos, passeios, *pic-nics* e, conjunctamente, lhe faz sentir a necessidade da religião. Ha nessa instituição de fonte ingleza o desejo de um equilibrio, a vontade de crear o moço symetrico, o desenvolvimento harmonioso, num ser vivo, da intelligencia, do physico, da natureza social e da alma.

O homem nas grandes cidades perde-se. A Associação ampara-o, serve-lhe de escola, de club, de lar, de templo, dá-lhe banho, conversas moraes, *ping-pong*, danças, aulas nocturnas, ensina-lhe a Biblia, põe-lhe á disposição os jornaes do mundo, fal-o assistir a conferencias sobre assumptos diversos. O moço deixa o lar paterno e, emquanto por sua vez não fórma outro lar, fica nesse ambiente de honestidade, não só se tornando o typo admiravel do equilibrio, como preservando das avarias e dos soffrimentos a prole futura.

A Associação é o conforto, a paz e broquel da

honestidade por estes turvos tempos. Tudo quanto ensina é util, tudo quanto diz é honesto, tudo quanto faz é para o bem.

Ao subir as altas escadarias, recordei a phrase do meu amigo. A Associação é o capitel, é a razão de ser da futura propaganda, é o centro do evangelismo, a maneira efficaz por que todas as igrejas evangelistas demonstram na sua perfeita integridade a vida do christão.

Quando chegámos lá em cima, funccionavam as aulas: na sala de diversões jogava-se o *crokinole* e o *carroms;* a um canto conversava-se. Todos estavam bem dispostos e riam com prazer. O meu illustre amigo apresentou-me ao presidente, Braga Junior, um moço intelligente, extremamente modesto; ao secretario, de uma distincção perfeita; e os dous mostraram-me, simples e sem exaggeros, os vastos salões, o de gymnastica, o das conferencias, o de estudos biblicos, aulas, a secretaria, a bibliotheca.

A gentileza peculiar aos evangelistas captivava naquelle vasto predio, cheio de vida e de mocidade. Cada phrase do secretario era uma noção exacta, cada reflexão do presidente tinha um grande ar de bondade e de modestia. As mobilias eram novas e por toda a parte os conselhos christãos abundavam.

— Não admire aqui, disse o meu amigo, senão a vida do civilisado e do honesto. Você conversou com os pastores, esteve com os missionarios, assistiu ao culto nas nossas igrejas, viu o esforço das missões. Veja agora apenas a vida. Estes que aqui estão, meu amigo, livres estão dos tres horrendos animaes da visão dantesca. Não os aterram a panthera da littera-

ura pornographica, o leão do jogo e a loba da lasivia. E, por isto, salvos por Christo, serão maiores manhã e mais fortes.

Senhor! parecia uma conversão! Apertei-lhe a mão, leixei-o jogando *ping-pong*, desci os dous andares. Na rua ventava uma chuva fria e penetrante. A loba, a lascivia, a panthera, a pornographia, o leão, o ogo, a eterna vida! Quantos neste mundo se salvaram dos animaes symbolicos na grande banalidade la existencia, quantos?

Como apertasse a chuva, embrulhei-me mais no paletot, atravessei as ruas escuras recordando a apparição que fizéra recuar o Dante até *lá dove'l sol tace*.

Mas sem gritar e sem ver o vulto da salvação, porque talvez a tivesse deixado no salão de divertimentos, na doce paz daquellas almas fortes e tranquillas.

IRMÃOS E ADVENTISTAS

Na propria A. C. M. eu soube que o evangelismo ainda tinha duas igrejas no Rio, os irmãos e os sabbatistas. Dos irmãos, apezar dessa classificação tão paternal, o meu informante só conhecia um probo negociante da rua do Hospicio.

Esse negociante era um homem baixo, simples e modesto, vendendo relogios e amando a Deus. Recebeu-me por trás do mostrador, e quando soube que tinha sob os olhos um curioso, pasmou.

— Interessa-lhe muito saber o que são os christãos?

— Os irmãos...

— Perdão, os christãos.

— Era para mim um grande favor.

Elle coçou a cabeça, allegou uma grande ignorancia, com humildade. Depois, como eu continuava diante delle, resolvido a não sahir, resignou-se.

— Os irmãos que se reunem á rua Senador Pompeu n. 121 denominam-se christãos.

Não precisa perguntar porque. Leia os actos dos Apostolos capitulo 11, versiculo 26. Existem no Rio, ha vinte e cinco annos. Não têm templo proprio,

reunem-se em casa de um irmão como deve ser. Leia a Epistola de S. Paulo aos Romanos, capitulo 16, versiculo 5. Os seus estatutos, a sua regra de fé são as Escripturas e a sua divisa é não ir além dellas. Leia a 1ª Epistola aos Corinthios, capitulo 4, versiculo 6.

— E o pastor, quem é?

— Reconhecemos como unico pastor a Jesus Christo. Leia S. João, capitulo 10, versiculos 11 et 16. O governo da igreja está ao cuidado dos anciãos ou mais velhos, que fazem esse serviço sem outra remuneração que não sejam o respeito e a honra da igreja. Leia os Actos... Como não nos achamos auctorizados pelas escripturas, não celebramos casamentos, reconhecemos o instituido pelas potestades legalmente constituidas, a quem buscamos obedecer, desde que não contrariem as determinações de Deus. Leia a Epistola aos Romanos versiculos 1 a 6. Naturalmente cuidamos dos pobres e dos enfermos, fazendo collectas e seguindo o ensino das Escripturas. Veja a Epistola aos Corinthios.

— Como se pratica o culto?

— No primeiro dia da semana congregamo-nos para celebrar a festa da Paschoa christã, ou a ceia do Senhor, ás 11 da manhã com pão e vinho. Nessa occasião adoramos a Deus, entoando hymnos e lendo as Escripturas, interpretando-as e edificando a alma com muitos outros dons do Espirito Santo. Basta ler a este respeito S. Paulo e os Actos e o Evangelho segundo S. Matheus. Reunimon-os tambem aos domingos das 5 1/2 ás 6 1/2 da tarde para estudar as Escripturas. Das 6 1/2 ás 7 1/2 préga-se o Evangelho.

Era simples, puro, primitivo. Aquelle relojoeiro, ue a cada palavra parecia amparar a sua auctoriade na palavra da Biblia, enternecia.

— E que se diz nessa hora de domingo aos pobres eccadores e irmãos?

— Vêde os Actos, S. Paulo, S. João... Só ha um alvador, só ha um meio para o perdão dos peccaos e só existe um mediador entre Deus e os homens — é nascer de novo, é nascer do Espirito Santo. Esperemos a sua chegada.

— Então, Christo está para chegar.

Gravemente o honesto irmão olhou-me.

— Talvez demore. Talvez venha ahi... A corrupção é tanta que só elle a póde extinguir.

Sahi meio afflicto. E' possivel que ainda se encontre um christão de conto catholico em plena cidade do vicio, é possivel essa candura?

Estava de tal fórma nervoso que, sabendo obter de um crente em Nictheroy informações sobre os adventistas, escrevi logo uma carta espectaculosa, pedindo-lhe uma nota de effeito.

No dia seguinte lia esta resposta laconica e secca:

— « Illm. Sr. — Se quizer comprehender a verdade de Deus, venha V. S. até ao nosso templo, em Castadura. »

Era uma recusa? Era uma licção? Guardei a carta humilhado, porque grande crime é para mim naguar a crença de qualquer, e estava, domingo, cristemente lendo, quando á porta surgiu um homem de negra barba cerrada, vestido numa roupa de xadrez. Olhou-me fixamente, limpamente, e a sua voz, de uma inedita doçura, disse:

— Eu sou o crente a quem ha tempos escreveu!

Levantei-me nervoso. A tarde de inverno, cahindo, punha pela sala uma aragem algida, e a minha pobre alma estava num desses momentos de sensibilidade em que se crê no maravilhoso e nos espaços. Fui excessivo de gentileza. Pedia perdão de não ter obedecido ao convite, mas era tão longe, tão vago, em Cascadura...

O crente fervoroso sentou-se, pousou a sua mala no chão, encostou o velho guarda-chuva á parede.

— Não é bem em Cascadura, fica entre Cupertino e essa estação, deixei de mandar-lhe as notas porque não me achava com competencia para as dar. S. João disse: Temei a Deus e dai-lhe Gloria. Eu sou muito humilde, só lhe posso dar a minha crença.

— Mas uma simples informação?

— Era preciso consultar os meus irmãos.

Eu ficara na sombra, a luz batia-lhe em cheio no rosto. Reparei então nos traços dessa physionomia. O labio era quasi infantil, os dentes brancos, pequenos, cerrados, e toda aquella espessa barba negra parecia sellar potentemente a ineffavel bondade do seu perfil. De resto o crente era timido, cada palavra sua vinha como um apostolado que se desculpa e a sua voz persuasiva ciciava baixinho a crença do Infinito, com um conhecimento dos livros sagrados extraordinario.

— Mas a origem dos adventistas? indaguei eu.

O crente puxou mais a cadeira.

Uma discussão que se levantou na America em 1840 e na qual Guilherme Miller occupou logar saliente. Os adventistas esperavam o fim do mundo em 1844, porque a prophecia de Daniel, no capitulo 8 versiculo 14, diz que o santuario será justificado

ı purificado ao fim do decurso do periodo prophe-
co de 2.300 dias.

— Deus! em tão pouco tempo?

— Dias propheticos equivalentes a um anno. Os
lventistas julgavam que o 2.300 era o anno de 1844
que a justificação ou purificação do santuario im-
ɔrtaria em ser queimada a terra com a vinda de
hristo.

Esperavam pois a vinda de Jesus.

Olhei o crente. Os seus olhos eram beatos como
s olhos dos puros.

— Ora o tempo passou e Christo não veiu...

— Sim, fez elle, e claro ficou o erro. Ou houvera
lta na contagem dos 2.300 dias ou a purificação do
antuario não era a purificação da terra na segunda
inda de Christo. Mas a questão agitara o estudo. A
ousa foi examinada e duas opiniões se formaram.
ns julgavam que o periodo prophetico ainda não
ecorrera, outros, com lento trabalho, chegaram á
onvicção de que o erro existia na palavra san-
uario.

— Então o santuario?

— Não tem applicação á terra, mas verdadeira-
ıente ao céo, onde Jesus Christo entrou no fim desse
eriodo de tempo, para purifical-o com o seu pro-
rio sangue, conforme está descripto.

A classe que acceitou essa interpretação é a que
e chama adventistas do 7º dia. Não marcamos tempo
ıem cremos que qualquer periodo prophetico assi-
ɡnalado na Biblia se estenda até nós.

— Então acceitam como base da fé?

— A Biblia Sagrada, a palavra de Deus, sem tra-
liçoes, e a auctoridade de qualquer igreja. Christo é

o Messias promettido, só por elle se obtem a salvação. As pessoas salvas observam os dez mandamentos, inclusive o 4º, celebram a santa ceia do Senhor, em connexão com o acto de humildade praticado por Jesus Christo, crêem na resurreição, que os mortos dormem até esse momento, conforme as palavras do Salvador em S. João...

— A resurreição?

— Sim, a dos justos far-se-á na segunda vinda de Christo, a dos impios mil annos depois, com um grande fogo que os queimará e purificará a terra!

— Então não é tão cedo?...

— Infelizmente, parece. Nós fazemos o bem, temos uma missão medica, que envia facultativos a toda a parte do mundo, fundamos sanatorios, e, crendo que a educação intellectual não basta, conseguimos escolas industriaes.

A' semelhança do christianismo nos tempos apostolicos o adventismo tomou um rapido incremento, elevando-se o numero de crentes a 80.000, segundo as prophecias sagradas.

— E a obra no Brasil?

— A obra no Brasil começou em 1893, contando hoje um numero de membros leigos de 800 a 900 espalhados na maioria pelos Estados de Paraná, Santa Catharina, Rio Grande do Sul, contando o seu corpo ecclesiastico: tres pregadores ordenados, tres licenciados, dous missionarios medicos, dous professores directores de escolas missionarias e onze professores de escolas parochiaes, sete colportores evangelistas, uma revista *O Arauto da Verdade* e um redactor.

Na sua organização outros membros occupam car-

os segundo os dons manifestados e conforme a ecessidade do trabalho na obra de Deus.

Tem quinze egrejas organizadas.

O actual presidente do trabalho é um medico misonario Dr. H. F. Graf, residente em Taquary— io Grande do Sul, e o secretario-thesoureiro o mão A. B. Stauffer, residente no Districto Fedeal, em Cascadura.

Ha ainda uma commissão administrativa composta e sete pessoas, duas escholas missionarias, uma em aquary no Rio Grande do Sul, outra em Brusque, anta Catharina, e onze escolas parochiaes.

Elle levantara-se. Terminada a informação, parta como um personagem de lenda. Pegou da mala, o guardachuva.

— Bernardino Loureiro, quando quizer...

Apertei-lhe a mão com reconhecimento. Se ha o mundo momentos fugazes de sinceridade, a preença desse varão m'os tinha dado com a extrema az que vinha da sua palavra.

— Diga-me uma cousa, uma ultima. E Christo? Quando vem Christo?

— Os signaes que deviam preceder a sua vinda, onforme Elle mesmo predisse em Matheus, cumriram-se. E' de crer que a sua vinda esteja proxima.

— Quando?

— Ainda nesta geração, talvez amanhã, quem sabe?

Tornou a apertar-me a mão, sumiu-se. Passara omo o annunciador, apagara-se como um raio de sol.

A noite cahira de todo. As trevas subiam lentanente pelas paredes, e a brisa humida, entrando peas janellas, sacudia as folhas de papel esparsas, um tremor assustado.

O SATANISMO

OS SATANISTAS

— Satanaz! Satanaz!

— *Che vuoi?*

— Não o sabes tu? Quero o amor, a riqueza, a sciencia, o poder.

— Como as creanças, as bruxas e os doidos — sem fazer nada para os conquistar.

O philosophico Tinhoso tem nesta grande cidade um ululante punhado de sacerdotes, e, como sempre que o seu nome apparece, arrasta comsigo o galope da luxuria, a ancia da volupia e do crime, eu, que já o vira *Echú*, pavor dos negros feiticeiros, fui encontral-o poluindo os retabulos com o seu deboche, emquanto a theoria bacchica dos depravados e das demoniacas estorcia-se no paroxismo da orgia... Satanaz é como a flecha de Zenon, parece que partiu, mas está parado—e firme nos corações. Surgem os cultos, desapparecem as crenças, esmaga-se a sua recordação, mas, impalpavel, o Espirito do Mal espalha pelo mundo a mordacidade de seu riso

cynico e resurge quando menos se espera no infinito poder da tentação.

Conheci alguns dos satanistas actuaes na casa de Sayão, o exotico herbanario da rua Larga de S. Joaquim, o tal que tem á porta as armas da Republica. Sayão é um doente. Atordoa-o á loucura sensual. Faceirando entre os molhos de hervas, cuja propriedade quasi sempre desconhece, o ambiguo homem discorre, com gestos megalomanos, das mortes e das curas que tem feito, dos seus amores e do assedio das mulheres em torno da sua graça. A conversa de Sayão é um coleio de lesmas com urtigas. Quando fala cuspinhando, os olhitos atacados de satyriasis, tem a gente vontade de espancal-o. A casa de Sayão é, porém, um centro de observação. Lá vão ter as cartomantes, os magos, os negros dos *ebós*, as mulheres que partejam, todas as gammas do crime religioso, do sacerdocio lugubre.

Como, uma certa vez, uma negra estivesse a contar-me as propriedades mysteriosas da cabeça do pavão, eu recordei que o pavão no Kurdistan é venerado, é o passaro maravilhoso, cuja cauda em leque reproduz o schema secreto do deus unico dos iniciados pagãos.

— O senhor conhece a magia? fez a meu lado um homem esqualido, com as abas da sobrecasaca a adejar.

Immediatamente Sayão apresentou-nos.

— O Dr. Justino de Moura.

O homem abancou, olhando com desprezo para o herbanario, limpou a testa inundada de suor e murmurou lyricamente.

— Oh! a Asia! a Asia...

Eu não conhecia a magia, a não ser algumas fórmas de satanismo. O Dr. Justino puxou mais o seu banco e conversámos. Dias depois estava relacionado com quatro ou cinco frustes, mais ou menos instruidos, que confessavam com descaro vicios horrendos. Justino, o mais exquisito e o mais sincero, guarda avaramente o dinheiro para comprar carneiros e chupar-lhes o sangue; outro rapaz magrissimo, que foi empregado dos Correios, satisfaz appetites mais inconfessaveis ainda, quasi sempre cheirando a alcool; um outro moreno, de grandes bigodes, é uma figura das praças, que se póde encontrar ás horas mortas... Se de Satanaz elles fallavam muito, quando lhes pedia para assistir á missa negra, os homens tomavam attitudes de romance e exigiam o pacto e a cumplicidade.

A religião do Diabo sempre existiu entre nós, mais ou menos. Nas chronicas documentativas dos satanistas actuaes encontrei casos de *envoûtement* e de maleficios, anteriores aos feitiços dos negros e a Pedro I. A Europa do seculo XVII praticava a missa negra e a missa branca. E' natural que algum feiticeiro fugido plantasse aqui a semente da adoração do mal. Os documentos — documentos esparsos sem concatenação que o Dr. Justino me mostrava de vez em quando — contam as evocações do papa Aviano em 1745. Os avianistas deviam ser nesse tempo apenas clientes, como é hoje a maioria dos frequentadores dos espiritas dos magos e das cartomantes. No seculo passado o numero dos fanaticos cresceu, o avianismo transformou-se, adaptando correntes estrangeiras. A principio surgiram os palladistas, os luciferistas que admiravam Lucifer,

igual de Adonai, inicial do Bem e deus da Luz.

Esses faziam uma franco-maçonaria, com um culto particular, que explicava a vida de Jesus dolorosamente. Guardam ainda os satanistas contemporaneos alguns nomes da confraria que insultava a Virgem com palavras estercorarias :—Eduardo de Campos, Hamilcar Figueiredo, Theopompo de Souza, Teixeira Werneck e outros, usando pseudonymos e compondo um rosario de nomes com significações occultistas e symbolicas. Os palladistas não morreram de todo, antes se transfusaram em fórmas poeticas. No Paraná, onde ha um movimento occultista accentuado—como ha todas as fórmas da crença, sendo o povo de poetas impressionaveis, — existem actualmente escriptores luciferistas que estão *dans le train* dos processos da crença na Europa. A franco-maçonaria, morto o seu antigo chefe, um padre italiano Victorio Sengambo, fugido da Italia por crimes contra a moral, desappareceu. No Brasil não andam assim os apostatas e, apesar do desejo de fortuna e de satisfações mundanas, é difficil se encontrar um caso de apostasia no clero brasileiro. Os luciferistas ficaram apenas curiosos relacionados com o supremo directorio de Charleston, donde partirá o novo dominio do mundo e a sua deschristianisação.

Os satanistas ao contrario imperam, sendo como são mais modestos.

Sabem que Satan é o proscripto, o infame, o mal, o conspurcador, fazem apenas o catholicismo inverso, e são supersticiosos, depravados mentaes, ou ignorantes apavorados das forças occultas. O numero de crentes convictos é curto; o numero de crentes inconscientes é infinito.

Seria curioso, neste accordar do espiritualismo em que os philosophos materialistas são abandonados pelos mysticos, vêr como vive Satan, como gosa saude o Tentador.

Nunca esse espirito interessante deixou de ser adorado. No inicio dos seculos, na idade-media, nos tempos modernos contemporaneamente, os cultos e os incultos veneram-no como a encarnação dos deuses pagãos, como o poder contrario á cata de almas, como o Renegado. As almas das mulheres tremem ao ouvir-lhe o nome, as creações litterarias fazem-no de idéas frias e brilhantes como floretes d'aço, no tempo do romantismo o Sr. Diabo foi saliente. Hoje Satanaz dirige as litteraturas perversas, as pornographias, as philosophias avariadas, os mysticismos perigosos, assusta a Egreja Catholica, e cada homem, cada mulher, por momentos ao menos, tem o desejo de o chamar para ter amor, riqueza, sciencia e o poder. Bem dizem os padres: Satanaz é o Tentador; bem o pintou Tintoreto na Tentação, bonito e loiro como um anjo...

A nossa terra soffre crelmente da crendice dos negros, agarra-se aos feiticeiros e faz a prosperidade das seitas desde que estabeleçam o milagre. Satanaz faz milagres a troco d'almas. Quem entre nós ainda não teve a esperança ingenua de fallar ao Diabo, á meia-noite, mesmo acreditando em Deus e crendo na trapaça de Fausto? Quantos, por conselhos de magos falsos, em noites de trovoada, não se agitaram em logares desertos á espera de vêr sugir o Grande Rebelde? Ha no ambiente uma predisposição para o satanismo, e como, segundo o Apocalypse, é talvez neste seculo que Satanaz vai apparecer, o

numero dos satanistas authenticos, conhecedores da Kabbala, dos fios imantados, prostituidores da missa, augmentou. Ha hoje para mais de cincoenta.

Quarta-feira santa encontrei o Dr. Justino no Sayão. O pobre estava mais pallido, mais magro e mais sujo, levando sempre o lenço á bocca, como se sentisse gosto de sangue.

— Continua nas suas scenas de vampirismo? sussurrei eu.

Nos olhos do Dr. Justino uma luz de odio brilhou.

— Infelizmente o senhor não sabe o que diz! Déu dous passos agitados, voltou-se, repetiu: infelizmente não sabe o que diz! O vampirismo! alguem sabe o que isto é? Não se faça de sceptico. Emquanto ri, a morte o envolve. Agora mesmo está sentado num molho de solanéas.

Eu o deixara dizer, subitamente penalisado. Nunca o vira tão nervoso e com um cheiro tão pronunciado de alcool.

— Não ria muito. O vampirismo como a sua philosophia cooperam para a victoria definitiva de Satan... Conhece o Diabo?

A pergunta feita num *restaurant* bem illuminado seria engraçada. N'aquelle ambiente de herbanario, e na noite em que Jesus soffria, fez-me mal.

— Não. Tambem como o conhecer, sem o pacto?

— O pacto é o conhecimento de causa.

Passeou febrilmente, olhando-me como a relutar com um desejo sinistro. Por fim agarrou-me o pulso.

— E se lhe mostrasse o Diabo, guardaria segredo?

— Guardaria! murmurei.

— Então venha.

E bruscamente sahimos para o luar fantastico da

ua. Esta scena abriu-me de repente um mundo de horrores. O Dr. Justino, medico instruido, era simplesmente um louco. No bond, aconchegando-se a mim, a extranha creatura disse o que estivera a fazer antes do nosso encontro. Fora beber o seu sanguesinho, ao escurecer, num açouque conhecido. Como todos os degenerados, abundou nos detalhes. Mandava sempre o carneiro antes; depois, quando as estrellas luziam, entrava no pateo, fazia uma incisão no pescoço do bicho e chupava, sorvia gulosamente todo o sangue, olhando os olhos vitreos do animal agonisante.

Não teria eu lido nunca o livro sobre o vampirismo, a possessão dos corpos? Pois o vampirismo era uma consequencia fatal dessa legião de antigos douses pagãos, os satyros e os faunos, que Satan atirava ao mundo com a fórma de succubos e incubos. O Dr. Justino era perseguido pelos incubos, não podia resistir, entregava-se... Já não tinha espinha, já não podia respirar, já não podia mais e sentia-se varado pelos symbolos fecundos dos incubos como as feiticeiras em extase, nos grandes dias de sabbat.

Sacudi a cabeça como quem faz um supremo esforço para não sossobrar tambem.

O cidadão com que fallava, era um doido atacado do solitario vicio astral! Elle, entretanto, febril, continuava a descrever o poder de Satan sobre os cadaveres, a legião que acompanhou o Supremo e o inebriamento sabbatico.

— Mas, doutor, comprehendamos. O sabbat em plena cidade? As feiticeiras de Shakespeare no Engenho Novo?

— Satan continua cultuado, por mais que o

mundo se transforme. O sabbat já se fez até nos telhados. Os gatos e os morcegos, animaes de Satan, vivem entre as telhas.

Lembrei-me de um caso de loucura, um estudante que recebia o diabo pelos telhados, e morrera furioso. Não me pareceu de todo falso. O sabbat, porém, o sabbat classico, a festa horrenda da noite, o delirio nos bosques em que as arvores parecem demonios, a ronda detestavel das mulheres núas, subindo aos montes, descendo as montanhas, a furia necrophila que desenterrava cadaveres e bebia alcool com sangue extinguiu-se. A antiga orgia, a communicação immunda com o Diabo não passa de contos de demographos, de fantasias de curiosos. Satan vive hoje em casa como qualquer burguez. Esse cavalheiro poderoso, o Tinhoso, não vai mais para traz das ermidas officiar, as furias desnudas não espremem mais o suco da vida, rolando nas pedras, sob a ventania do cio. Todo o mal que a Deus fazem é em casa, nos deboches e na prostituição da missa.

E que vida a delles! Agora que o bond passava pelo canal do Mangue e a lua batia na coma das palmeiras, o pobre homem, tremendo, contava-me as suas noites de agonia. Sim, o Dr. Justino temia os lémuras e as larvas, dormia com uma navalha debaixo do travesseiro, a navalha do Cambucá, um assassino que morrera de um tiro. As larvas são fragmentos de idéas, embryões de coleras e odios, restos de raivas damnadas que sobem do sangue dos criminosos e do sangue regular das esposas e virgens aos astros para envolver as creaturas, são os desesperos que se transformam em toiros e elephantes, são os animaes da luxuria. E esses animaes esmagavam-no,

preparando-o para o grande escandalo dos incubos.

— Mas certamente, fiz para acalmal-o, Satan, desde que se faz com o inferno um pacto e uma aliança com a morte, dá o supremo poder de magia, o quebranto, a bruxaria, o maleficio, o envolver das vontades...

Elle sorriu tristemente, tiritando de febre.

— A magia está muito decaida, eivada de costumes africanos e misturadas de pagés. Conhece o maleficio do odio, a boneca de cera virgem? Esmagava-se a cera, modelava-se um boneco parecido com o odiado, com um dente, unhas e cabellos seus. Depois vestiam-lhe as roupas da pessoa e no baptismo dava-se-lhe o seu proprio nome. Por sobre a boneca o mago estendia uma corda com um nó, symbolo da sua resolução e exclamava :—Arator, Lepidator, Tentador, Somniator, Ductor, Comestor, Devorator, Seductor, companheiros da destruição e do odio, semeadores da discordia que agitam livremente os maleficios, peço-vos e conjuro-vos que admittais e consagreis esta imagem...

— E a cera morria...

— Animado do seu odio, o mago dominava as particulas fluidicas do odiado, e praguejando acabava atirando a boneca ao fogo, depois de trespassal-a com uma faca. Nessa occasião o odiado morria.

— E o choque de volta?

— Quando o enfeitiçado percebia, em logar de consentir nas perturbações profundas do seu ser, aproveitava os fluidos contra o assassino e havia conflagração.

O magico, porém, podia envevenar o dente da pessoa, distender-se no ether e ir tocal-a.

Havia ainda o *envoûtement* rectangular...

Hoje, os feiticeiros são negros, os fluidos de uma raça inferior destinados a um dominio rapido. Os maleficios satanicos estão inundados de azeite de dendê e de hervas de caboclos.

Então, encostados a mim, com máo halito, emquanto o bond corria, o Dr. Justino deu-me varias receitas. Como se estuda nesse receituario macabro o temor de varias raças, desde os ciganos bohemios até os brancos assustadiços! O sangue é o seu grande factor : cada feitiço é um mixto de immundicie e de infamia. Para possuir, para amar, para vencer, os satanistas usam, além das receitas da clavicula, de morcegos, porcos da India, pós, hervas, sangue mensal das mulheres, ratos brancos, producto de espasmos, camondongos, rabos de gatos, moedas de ouro, fluidos, carnes, bolos de farinha com oleos, e para abrir uma chaga empregam, por exemplo, o acido sulphurico...

— Com o poder do Horrendo, fez subitamente o medico numa nova crise, é lá possivel temer esse idiota que morreu na cruz? Sabe que os talmudistas negam a resurreição?

Levantou-se titubeante, saltámos. O bond desappareceu. Em baixo, no leito do caminho de ferro, os *rails* d'aço branquejavam, e, no ar, morcegos faziam curvas sinistras. O Dr. Justino ardia em febre. De repente ergueu os pulsos.

— Impostor! Torpe! Salafrario! ganiu aos céos estrellados.

— Onde vamos?

— A' missa negra...

— Onde?

— Alli.

Estendeu a mão, veiu-lhe um vomito, emborcou no meu braço que o amparava, golphando num estertor pedaços de sangue coagulado.

Ao longe ouviu-se o silvo da locomotiva.

Então, como possuido do Diabo nos braços eu bati á porta dos satanistas, ouvindo a sua desgraçada vida e a dôr infindavel da morte.

Á MISSA NEGRA

Atravessámos uma aléa de sapucaias. O terreno enlameado pegava na sóla dos sapatos. Justino ia á frente, com um preto que assobiava dous cães sujos e magros. Por entre os canteiros incultos crescia a herva damninha, e os troncos das arvores, molhados de luar, pareciam curvar-se.

— Entramos no inferno?

— Vamos ao sabbat moderno.

Tinhamos chegado ao velho predio, que emergia da sombra. O negro empurrou a porta e todos tres, mysteriosamente, penetrámos numa saleta quasi escura, onde não havia ninguem. Justino lavou as mãos, respirou forte e, abrindo uma outra porta, sussurrou:

— Entre.

Dei numa vasta sala cheia de gente. Candieiros de kerosene com reflectores de folha pregados ás paredes pareciam uma fileira de olhos, de fócos de locomotiva golpeando as trevas numa pertinaz interrogação. A atmosphera, impregnada de cheiros máos de pó de arroz e de suor, suffocava. Encostei-me ao portal indeciso. Remexia e ganía entre aquel-

las quatro paredes o mundo estercorario do Rio. Velhos viciados á procura de emoções novas, fufias hystericas e nymphomaniacas, mulatas perdidas, a ralé da prostituição, typos ambiguos de calças largas e meneios de quadris, caras lividas de *rôdeurs* das praças, homens desbriados, toda essa massa heteroclita cacarejava impaciente para que começasse a orgia. Os velhos tinham olhares cupidos, melosos, os typos dubios tratavam-se entre si de comadres, com as faces pintadas, e a um canto o empregado dos Correios, esticando o pescoço depennado de condor, fixava na penumbra a presa futura. Não era uma religião; era um começo de saturnal.

Senti que me tocavam no braço. Voltei-me. Era um poeta muito vermelho, que cultivára outr'ora, numa revista de arte, o satanismo litterario. Desequilibrado, mattoide, o Carolino estava alli em parada intima de perversão poetica.

— Tambem tu? fez apertando-me a mão entre as suas viscosas de suor. Curioso, hein? Mas palhaçada, filho, palhaçada! E' a segunda a que eu assisto. Uma missa negra de jornal de Paris com illustrações ao vivo... Imagina que nem ha padres. O officiante é o degenerado que anda á noite pelas praças.

— E as hostias?

— As hostias, essas ao menos são authenticas, roubadas ás egrejas. Dizem até... Esticou-se, collou a bocca ao meu ouvido como quem vai fazer uma espantosa revelação : dizem até que ha um sacristão na cidade a mercadejal-as. E' para quem quer... hostias a dez tostões. E' boa!

Mas que differença, meu caro, da missa antiga, da verdadeira!

— Não se mata ninguem?

— E' lá possivel! E a policia? Já não estamos no tempo de Gilles de Rais nem da Montespan... Bom tempo esse!

Pousou os dedos no peito, revirou os olhos saudosos. Era como se tivesse tido relações pessoaes com o Gilles e a Montespan.

A turba entretanto continuava a piar. Todas as janellas fechadas faziam da sala um forno. Carolino encostou-se tambem e deu-me informações curiosas. Estava vendo eu uma rapariga loura, com uma fistula no queixo e oculos azues? Era uma *troteuse* da praça Tiradentes. Certo homem pallido, que corcovava abanando-se, era artista peladanista, outro gordo e flacido fazia milagres e intitulava-se membro da Sociedade de Estudos Psychicos. Havia de tudo... Uma senhora, vestida de negro, passou por nós grave, como cançada.

— E esta?

— E' a princeza... Uma mulher original, estranha, que já adorou o fogo...

— Mas você está fazendo romance. Isso é litteratura.

— Tudo é litteratura! A litteratura é o mirifico agente do vicio. Porque estou eu aqui? A litteratura, Huysmans, o conego Docre do *Là-Bas*, os livros enervadores. Os que arranjaram estas scenas, o rapaz dos Correios, o Justino, o Bóde...

— O Bóde?

— E' o nome satanico do sacerdote... têm o cerebro como uma sandwiche de litteratura.

— Mas o resto, estas quarenta pessôas que eu vejo, tenho a certeza de vêr e que encontrarei talvez amanhã nas ruas?

— Em ruas más... São depavrados, pervertidos, doentes, endemoinhados! Satan, meu amigo, Satan, que os padres arrancam dos corpos das mulheres no Rio de Janeiro, a varadas.

— E' sempre o melhor meio.

— O unico efficaz—mas que nos tira a illusão e a fantasia... Confesse. E' um goso a descida ao abysmo da perdição como Deus do Mal, este banho de gosma em que, de irreaes as scenas, não as acreditam os nossos olhos, ao vêl-as, nem os nossos ouvidos ouvindo-as. Começa a cerimonia... Entremos. Só falta aqui o fallecido coronel...

Abrira-se uma porta, a da casa de jantar, e a crápula entrava aos encontrões dando-se biliscões, com o olhar guloso e devasso. Entrámos tambem.

Como era razoavel a desillusão de Carolino! A missa negra a que eu assisti, era uma parodia carnavalesca e sadica, uma mistura de varias missas com invenções pessoaes do sacerdote. Havia phrases do officio da Observancia, trechos sacrilegos do abbade Guibourg, a missa de Vintras, esse doido formidavel, aparatos copiados aos Ansariés da Syria e um desmedido deboche, o deboche do theatro S. Pedro em noite de carnaval, se a policia não contivesse o desejo e as portas se fechassem. Carolino tinha razão.

O erotismo ambicioso de outr'ora devia ser mais interessante. Guibourg aspergindo d'agua benta o corpo nú da Montespan deitada nos evangelhos dos reis, os pombos queimados, a paixão de Nossa Senhora lida com os pés dentro d'agua, o ciborio cheio de sangue innocente no centro das sensações, tinham um fim. A missa de Ezequiel, o officio supremo em que, além de Satan, apparecem Belzebuth, Astarob,

asmodeu, Belial, Moloch e Baal-Phagor, era religioamente terrivel. A que os meus olhos viam, não passava de phantasia de debochadas e hystericas necessitando do refle policial e do chicote.

A casa de jantar estava transformada numa capella. Ao fundo levantava-se o altar-mór, ladeado de um pavão empalhado com a cauda aberta—o pavão symbolo do Vicio Triumphal. Nos quatro cantos do tecto, morcegos, deitados em corações de papelão vermelho, pareciam assustados. Pannos pretos com cruzes de prata voltadas cobriam as janellas e as portas.

Do altar-mór, que tinha tres degráus cobertos por um pellego encarnado, descia, abrindo em fórma de leque, um duplo renque de castiçaes altos, sustentando tochas accesas de cèra vermelha. Era essa toda a luz da sala. O bando tomou posições. Alguns riam; outros, porém, tinham as faces pallidas, olheirentas, dos apavorados. Nós, eu e o poeta, ficámos no fim. Um silencio cahiu. Do alto, pregado a cruz tosca, uma esculptura infame pretendia representar Christo, o doce Jesus! Era um boneco torpe, de bigodes retorcidos, totalmente excitado, que olhava os fieis com um olhar trocista e o beicinho revirado.

— E' horrendo.

— Se estamos na casa do horrendo! Guarde a sua emoção. Tudo isso é religião. O mesmo fazem com Iskariote no sabbado de Alleluia os meninos catholicos.

Guardei. Vinham apparecendo aos saltinhos, num andar de marrecos presos, quatro sacristaes com as sotainas em cima da pelle. Esses ephebos diabolicos, de faces carminadas e sorrisinhos equivocos, passeavam pela sala como *ménagères* preoccupadas

com um jantar de cerimonia, dando a ultima de mão á mesa. Depois surgiu um negrinho de batina amarella, com os pés nús e as unhas pintadas de oiro. Trazia os brazeiros para o incenso e quando passava pelos homens erguia de vagar o balandrau côr de enxofre. A princeza, adoradora do fogo, olhou-o com gula e ia talvez falar, quando appareceu o sacerdote acompanhado de um outro sacristão exotico. A' luz dos cirios que estalidavam, nessa luz vacillante e agonica, o mulato era theatral. Alto, grosso, com o bigode trincado, as olheiras papudas, os beiços sensuaes pendentes, fez a apparição de capa encarnada e baculo de prata, com os symbolos de Shiva potente.

— Esse homem é doido?

— Um sadico intelligente. Tem como prazer unico o crime de um principe que ha um anno agitou a moral archiduvidosa de Londres... Ainda não conversou com elle? Muito interessante. Ha tempos inventou a divina juncção dos sexos num typo unico, o androgyno satanico. E' admiravel...

— A litteratura! fiz.

— O Mal! retrucou o poeta cynico, e apontou o Dr. Justino.

O pobre medico encostado a uma das cruzes batia palmas clamando.

— Satanaz! Satanaz! Nosso Senhor! Acode!

O sacerdote virou-se. A cauda estrellada de um pavão cobria-lhe o peito da tunica.

Curvou-se, juntou as mãos, e a parodia da missa catholica começou, em latim, mudando apenas Deus pelo Diabo. Era tal qual, curvaturas, gestos, toques de campainha, respostas de sacristães, tudo. De

repente, porém, o homem desceu os tres degráus, os sacristães surgiram com thurybulos enormes, e elle, despregando a casula surgiu inteiramente nú, com o cavaignac revirado, a mão na anca, cruel como o proprio Rebelde. As mulheres, os pequenos equivocos, o occultista arrancaram as roupas, rasgaram-se emquanto o seu dorso reluzente e suado curvava-se deante dos incensos. Depois de novo, com uma voz do metal bradou :

— Senhor ! Satan ! Gloria da terra ! Tu que aclaras os pobres homem, Fonte do ouro, mysterioso Guarda das criptas e dos antros ; Tu que moras na terra onde o ouro vive ; Causa dos peccados ; Amparo da carne ; Delirio unico ; Fim da vida ; — deixa que te adoremos ! Não te exterminaram as soitanas baratas, não te perdeu o Outro, não se acabará nunca o teu poderoso imperio, ó Logica da Existencia ! Satanaz, estás em toda a parte ; és o Desejo, a Razão de Ser, o Espasmo ! Ouve-nos, apparece, impéra !

Não vês na cruz o larapio que roubou a tua labia e o teu saber ?

— Deus ! murmurei.

— Guarde a sua emoção, meu amigo. E' do rito. Elles dizem que Jesus foi a principio, de Lucifer...

— E' preciso encarnar o magico, continuava o homem, neste pedaço de pão ; é preciso magual-o, fazel-o soffrer, mostrar-lhe que és unico, impassivel e admiravel. Que seria da humanidade se não fosse o teu Auxilio, ó Portador dos gozos, ó Desmascarador das hypocrisias ? Todo o mundo soluça o teu Nome, a Persia, a Chaldéa, o Egypto, a Grecia, a Roma dos roubadores da tua Pompa. Olha pelo

mundo a victoria, os philosophos, os sabios, os medicos, as mulheres. Os philosophos desviam o amor do Outro, os sabios alugam a crença, os medicos arrancam dos ventres a maternidade, fazem as asexuadas delirantes, esmagam as creanças, as mulheres escorrem a lascivia e o ouro! Nós todos prostrados adoramos-te, diante do impostor, do mentiroso, desse que aconselha a renunciar á Carne! Que venha o dinheiro, que venha a Carne! que se esmage os seios das mulheres e se lhes crave o punhal da luxuria em frente ao impostor... Jesus ha de descer á hostia; tu queres!

Deixou cahir o braço. Na face dos erotomanos a loucura punha rictus de angustia.

O sacerdote espumava, e a fumaça dos incensarios de tão espessa parecia envolver-lhe a indecorosa nudez n'uma chlamyde de cinza, estrellada de cirios.

— O' Rei poderoso das satisfações, os que te acreditam, abandonam as cobardias da vergonha, as pregas do pavor e a estupidez da resignação. Envia-nos Astaroh, dá-nos o amor, faze-nos gosar o prazer, faze-nos...

Um palavrão silvou, sagrado como na Biblia. Houve um complexo de urros e guinchos.

— *Amen!* cacarejaram os pequenos.

— Tu que és o Vicio Amplo, ajuda-nos a violar o Nazareno para a gloria immensa.

Outro palavrão estalou. Metade do grupo não comprehendia o *galimatias* blasphemo, mas as phrases indignas eram como varadas accendendo a lubricidade, e a gentalha então, com o gesto lubrico dos macacos, cuspinhava improperios.

O sacerdote não descançou. Atirada a palavra, trepou os degráos, collocou uma mitra immoral no craneo, e, estendendo entre os dedos uma hostia branca de neve, encostou-se ao altar vacillante.

— Que vai elle fazer?

— Vai ao sinistro banal...

Que Deus seria esse? Ia perguntar ao poeta, mas não tive tempo. Um dos sacristães trepara ao altar, com o calice na mão. Como coroado pelos pés do Christo, o pequeno com tremores pelo corpo, tics bruscos, garrões de nervos, o olhar embaciado sujeitava-se á extripação do baptismo da hostia, e emquanto o braço do sacerdote num movimento cruel sacudia-o, a sua voz ia dizendo :

— Que Satan o faça encarnar...

De repente o braço estacou. O pequeno tombara babando. Houve então a apotheose. Com a hostia poluida, o homem nú desceu gritando; os brazeiros cahiram por terra, os homens ambiguos com gargalhadas infames rolavam; mulheres estrabicas trepavam pelo altar do quatro pés, querendo comer as migalhas da hostia humida. A rapariga de oculos azues com os cabellos presos a um cirio estendia o corpo convulsionado; o occultista gordo ganía, em torno do malandro nú, o *sacerdos;* uma theoria de satyros e furias hydrophobas mastigava enojada os pedaços da hostia que o rapaz de pescoço de condor cuspinhara. A fumaça dos cirios suffocava, alguns castiçaes tinham cahido.

— Hein? fez o poeta, por *pose*. Mas tinha os olhos injectados e tremia.

Então, agarrei-o, passámos á sala em que os corpos redomoinhavam promiscuamente no mais formidavel

dos deboches entre os cirios tombados. Dous synetas puxaram-n'o. Claudino amparou-se no pedestal do pavão, o Vicio Triumphal rolou. Demos na sala dos reflectores, desesperados. A sala parecia na sua solidão uma *gare* de crime deserta. Entrámos na outra em que o Justino rolava num canapé sob a pressão de incubos sufficientes e reaes. O negro abriu meia porta :

— Não querem a agua maldita?

— Não.

— V. S. vai assustado. Não diga nada, meu senhor. Deus lá em cima é que lhes dá esse castigo.

Deixei-o a fallar, deitei a correr como um doudo, na noite enluarada. Ouro, prostituição, infamia, canalhice, sacrilegio, vergonha! Mas que é tudo isso diante da castidade immaculada dos elementos? Dos altos céos immensos que as estrellas cravejavam de gloria, a lua derramava por sobre a calma da noite um manto inconsutil de crystal e ouro, e a terra inteira, cheia de paz e de doçura, abria em perfume sob o sudario de luz, infinitamente casta...

E foi como se, arrancado ao inferno de um pesadelo lobrego de nojo e perversão, eu voltasse á realidade misericordiosa de bondade da vida.

OS EXORCISMOS

— « Houve um grande combate nos céos. Miguel e os anjos combatiam contra o dragão que luctava com os seus. Estes, porém, não tiveram a victoria e desde então foi impossivel reachar o logar nos céos. O dragão, a antiga serpente chamada diabo ou seductor do universo, foi precipitado com os maus anjos sobre a terra. E esse dragão tinha sete cabeças, dez cornos, sete diademas e a sua cauda arrastou a terça parte das estrellas... »

Assim falla S. João de Pathmos. O dragão e as estrellas fazem o mundo diabolico, inspiram o mal, arrastam a theoria furiosa das hystericas e mais do que em qualquer outra terra fazem aqui as endomoninhadas. Pela classe baixa, nas ruas escusas, as possessas abundam. De repente creaturas perfeitamente boas cahem com ataques, escabujam, arquejam, cusparam uma baba espessa, com os cabellos tesos e os olhos ardentes. Vêm os medicos chamam a isso hysteria, vêm os espiritas, dão outra explicação, mas as creaturas só tornam á vida natural quando um sacerdote as exorcisma. Já vi na Gamboa uma mulher que ficava dous palmos acima de sólo,

com os braços em cruz, gargolejando injurias ao Creador; tenho a historia de uma outra que babava verde e passava horas e horas enrodilhada, com soluços seccos, e atirava punhadas aos crucifixos numa ancia incrivel. São sem conta os casos de possessas.

— E toda essa gente é exorcismada?

— A's vezes.

O amigo com quem eu fallava era um medico catholico.

— O exorcismo póde ser feito por qualquer?

— Hoje não. Actualmente é preciso ser um homem destituido das vaidades do mundo, é preciso ser velho e puro, dotado de uma força imperecivel. O bispo faz tocar ao padre exorcista o livro das formulas, dizendo: « Accipe et commenda memoræ, et habem potestatem imponendi manus super energumenos... » Aqui no Rio ha exorcistas falsos, malandros exploradores, ha os jesuitas, alguns lazaristas e o superior da ordem dos Capuchos que têm licença do bispo. Conhece frei Piazza? E' uma excellente creatura, feita de bondade e de paz. Nunca recebe mal. Para cada injuria tem um carinho e guarda como maxima a grande verdade de que um frade vale por um exercito. Que figuras! Elle pelo menos vale por um exercito com a sua caricia e a sua força. E' um desses entes que não param, um militante. Anda, sai, indaga, conversa, protege, ajuda, converte, exorcisma. Já o vi uma vez vaiado por alumnas de uma escola e rapazes grosseiros, á tôa, sem razão de ser, apenas porque era frade. Frei Piazza, muito calmo, agradecia com beijos a vaia e cada beijo seu no ar petrificava a bocca de um dos impudentes insultadores. E' o nosso primeiro exorcista, o grande combatente

dos Diabos... Vá interrogal-o de preferencia a outro qualquer.

— Mas ha diabos?

— Um recrudescimento apenas. O catholicismo explica o inexplicavel. Quem faz a cosmolatria? Satanaz! a necrolatria, o mal de Deus emfim? Satanaz, sempre Satanaz! Qual o meio de acabar com o Diabo? o exorcismo.

O Rio de Janeiro é uma tenda de feiticeiros brancos e negros, de religiões de animaes, de pedras animadas, o rojar de um povo inteiro diante do amanhã,

Spectre toujours masqué qui nous suit côte à côte
Et qu'on nomme Demain..

A's scenas da missa negra, dos satanistas, dos magos, é preciso juntar a missa vermelha, e os exorcismos.

— Mas nos estamos no seculo XX!

— Meu caro, o mundo não varia olhando o invisivel. Ha sempre de um lado os espiritos bons, os anjos que se demonstram pela theurgia, e os espiritos máus, as larvas os demonios, isto é, de um lado as theophanias, de outro as furias. Ultimamente, porém, casos incriveis, lendas antiquissimas deram para reapparecer. Os agentes do Diabo, as sereias, os faunos, os gigantes, os tritões surgem de novo. O João catraeiro, alli do caes dos Mineiros, já viu passeiando na agua uma dama de vermelho com homens de barbas verdes que riam e assobiavam... Porque havemos de banir factos? Eu, e dou-lhe como testemunha o Dr. Raphael Pinheiro e outras pessoas conhecidas,

já tive uma doente que frei Pizza poz boa. A mulher delirava, tinha ataques formidaveis, eu tratava-a segundo Charcot. Uma vez ella disse : eu tenho o diabo no corpo. Pois vá ao Castello! Foi e ficou boa.

Era um medico que me dizia o assombro. Nesse mesmo dia subi ao Castello.

Pelas pedras do morro iam homens carregando baldes de aguas; mulherios estendiam roupas na relva; em baixo, a cidade num vapor branco parecia uma miragem sob o chuveiro de luz. Em torno do convento saltavam cabras. Pendurei-me de um cordão á porta carcomida, como um viajante medieval. Muito tempo depois appareceu um frade italiano de barba negra.

— O Superior?

Abriu a porta, fez-me entrar para uma sala pauperrima, onde havia um altar com imagens grosseiras e paramentos de missa. Pelas paredes, ordens do arcebispo, tabellas dos dias de jejum. Atravez das outras portas abertas viam-se salas abobadadas, onde as alpercatas sacerdotaes punham um brando rumor de intimidade.

Dous minutos depois, frei Piazza apparecia. Muito jovial e muito simples. Eu queria uma informação; elle dava-a. Sempre que Deus lhe fazia a graça de poder ser util, ficava contente. A impressão desse homem, com os floccos de neve de sua barba escorrendo de uma face cheia de vitalidade, é a de um ser definitivamente certo de seu fim, a quem as injurias, as intrigas, os elogios ou os males não attingem. Viu-me um curioso mundano, impoz-me a sua crença com delicadeza.

— O senhor é jornalista! ah! os jornalistas!... Se

elles dissessem apenas o que vêm, seriam os melhores homens do universo... Mas quasi nunca dizem. O principe de Crayemberg tinha um temor muito justo. Olhe o que ainda ha pouco fizeram com a princeza russa.

Estavamos sentados num duro banco, deante de Deus e dos santos, como em poltronas confortaveis. Elle tinha entre as barbas um sorriso de subtil ironia.

— Superior, confessei eu, tenho nestes ultimos tempos visto de perto os males do Diabo.

Disseram-me que frei Pazza exorcisma.

— Sim, filho, ha alguns annos. Todas as sextas-feiras das 4 da manhã ás 4 da tarde, trabalho sem descanço. Só no anno de 1903 exorcismei mais de 300 demoniacas. Esses exorcismos são feitos de preferencia na igreja, mas quando me chamam, vou tambem á casa dos pacientes. Satan mais do que nunca ameaça Deus. Esse macaco do Divino, como diz o padre Goud, arrasta as creaturas para as profundas do inferno, que a sciencia considera um centro de fogo no meio da terra, auctor dos vulcões e do abalo das montanhas... Ah! meu filho, é uma vida bem dura!

— O exorcismo é publico?

— Nem sempre. O diabo pela bocca dos possessos conta a vida de todos, injuria os presentes. Não é conveniente. Ficam alguns amigos que sejam serios e piedosos.

— E como se praticam os exorcismos?

— Segundo o *Rituale*.

— Contam tanta cousa...

— E' bem simples. Leio-lhe a cerimonia.

Foi-se com o seu passo apressado, voltou trazendo os oculos e um livro de marroquim vermelho com lettras de ouro.

— Está escripto que o homem não viverá só de pão, mas das palavras de Deus, disse S. Paulo.

Sentámo-nos. Frei Piazza abriu o *Rituale*, escripto em vermelho e negro...

O officio de exorcismo começa com as litanias normaes e o psalmo LII. Depois, o sacerdote dirige-se ao Energumeno.

— Quem quer que sejas, ordeno-te, espirito immundo, como aos teus companheiros, que obedeçam a este servidor de Deus, em nome dos mysterios da Encarnação, da Paixão, da Resurreição e da Ascensão de Nosso Senhor Jesus Christo, em nome do Espirito Santo, que digas o teu nome e indiques por um signal qualquer o dia e a hora em que entraste neste corpo, ordeno-te que me obedeças, a mim, ministro indigno de Deus, e prohibo-te que offendas esta creatura assim como aos presentes.

Depois o exorcista procede á leitura dos Evangelhos, segundo S. João, S. Marcos, S. Lucas, evoca o Christo, faz os signaes da cruz no possesso, envolve-lhe o pescoço num pedaço de estola e com a mão direita na cabeça do rebelde, diz :

— Eu te exorcismo, immundo espirito, phantasma legião, em nome de N. S. J. C., ordeno-te que abandones, esta creatura feita por Deus com terra. Deus, o mesmo que do alto dos Céos te precipitou nas profundezas, é quem te ordena, Aquelle que manda nos mares, nos ventos e na terra. Ouve e treme de pavor, Satan, inimigo da fé, inimigo do genero humano, mensageiro da morte, ladrão da vida, oppressor da

ustiça, raiz do todos os males, seductor dos homens, raidor de todas as nações, origem da avareza, invenor da inveja, causa das discordias e das dôres. Porque ficas? porque resistes? Temes o que te immoou por Isaac, vendido por José, morto por um anho e que acabou por triumphar do Inferno?

E fazendo signaes da cruz na cabeça, no ventre, no peito e no coração do paciente, o sacerdote, com os paramentos roxos, continúa :

— Adjuro-te, serpente antiga, em nome dos julgamentos dos vivos e em nome dos mortos, em nome do teu Creador e do Creador dos mundos, d'Aquelle que tem o poder de te enviar ao Inferno, — de sahir immediatamente com o teu furor desse servidor de N. S., refugiado no seio da Egreja. Esconjuro-te de novo, não em nome da minha fraqueza, mas em nome do Espirito Santo. Sai desse servidor de Deus, creado á sua imagem; obdece, não a mim, mas ao ministro de Christo. A força d'Aquelle que te submetteu á sua cruz, ordena-te. Teme o braço do que conduz as almas á luz, após ter vencido os gemidos do inferno. Que o corpo dessa creatura te cause medo, que a imagem de Deus te apavore. Não resistas. Apressa-te, porque Christo deseja habital-o. Deus, a magestade do Senhor, o Espirito Santo, o sacramento da cruz, a fé dos sanctos apostolos Pedro e Paulo e dos outros sanctos, o sangue dos martyres, a intervenção dos sanctos e das sanctas, os mysterios da fé cristã, ordenam-te que obedeças. Sai, violador da lei, sai, seductor cheio de manhas e de enganos, inimigo da virtude, perseguidor dos innocentes. Porque resistes? Porque temerariamente recusas?

A imprecação continúa formidavel até o hiato suave

de uma nova oração. Depois o padre lê o ultimo e mais tremendo exorcismo.

— Adjuro-te, *omnis immundissime*, *dirissime*, fantasma, enviado de Satan, em nome de J. C. o Nazareno, que foi conduzido ao Deserto depois do Baptismo de S. João e que te venceu na tua habitação. Cessa de obsedar esta creatura, que Deus, para sua honra, tirou do limo da terra. Treme, não da sua fragilidade humana, mas da imagem do Todo Poderoso. Cede a Deus que te precipitou no abysmo a ti e a tua infamia, na pessoa de Pharaó, por intermedio do seu servidor Moysés ; cede a Deus que te condemnou no traidor Iskariote...

A imprecação torna-se de uma solemnidade colossal. O sacerdote ergue o livro sobre o desventurado possuido :

— Os vermes esperam-te a ti e aos teus. Um fogo devorador está preparado por toda a eternidade, porque tu és a causa do homicidio maldito, o organizador do incesto, o organizador dos sacrilegios, o instigador das peiores acções, o que ensina a heresia, o inventor de tudo quanto é obsceno. Sai, impio, sai, scelerado, sai com as tuas mentiras, porque Deus quiz fazer seu templo deste corpo. Obdece ao Deus deante do qual se a joelham os homens : cede o logar a N. S. J. C. que derramou o seu sangue sagrado pela humanidade ; cede ao Espirito Sancto, que pelos seus bemaventurados apostolos venceu-te no mago Simon, que condemnou as tuas infamias em Ananias e Saphira, que te curvou em Herodes, que te cegou no mago Elyma. Sai agora, sai, seductor. O deserto é a tua morada, a serpente a tua habitação. Eis que apparece Deus, o Senhor; o fogo arderá os inimigos se

não fugirem. Se pudeste enganar um homem, não poderás embair Deus. Escorraçar-te-á O que tem tudo em seu poder, far-te-á sahir O que preparou a gehenna eterna, Aquelle de cuja bocca sai o gladio agudo, que virá julgar os vivos, os mortos e o seculo pelo fogo.

E, emquanto as endemoninhadas, flexuosas, praguejando, batendo com o craneo, espectoram Satanaz, os *pater*, os psalmos envolvem-na. Quando ella cai prostrada, salva, o triumphador grita :

— Eis-te refeita sancta. Deixa de peccar para que te não aconteçam outros desastres. Vai para casa e annuncia aos teus as grandes cousas que Deus fez por ti e toda a sua misericordia...

Eu tinha acabado de ler o latim illuminado. Frei Piazza, muito doce, murmurava :

— Ha outras fórmas de exorcismo que invocam os sanctos, a Virgem...

— Mas, Superior, ha mesmo muitos casos aqui?

— Não imagina! Principalmente nas classes baixas, sem limpeza. O diabo ama a immundicie. E' quasi incrivel. Esses phenomenos, que a espiritolatria tem por novos, são nossos conhecidos, ha muito tempo explicados. Ha creaturas que se dobram em dous, que se tornam sabias de repente, gritam em linguas desconhecidas, têm uma força enorme. Ainda ha dias tive dous casos. Não acredita ?

— Se eu conheço o caso da Gamboa em que um sacerdote não se poude approximar da possessa, de tal modo ella colleava!

— A mim aconteceu facto identico. Era uma virgem. Cuspia no Cruxificado, com os braços em cruz, dobrava em dous, dizia a vida dos outros e de re-

pente começou a arregalar os olhos... Ficaram como duas brazas os olhos, a spalpebras a dilatarem-se, dilatarem-se. Eu estava-as vendo arrebentar, mas tão horrivel era o quadro que não tive coragem... Cada palavra do *Ritual* arregalava-lhe mais o olhar pavoroso. E' um capitulo infindavel a peregrinação pelos bairros pobres. Casos estranhos! Não conhece a *Cabloca*, uma mulher que commanda 250 espiritos? Esta creatura, onde está, os moveis cahem, ha rumores, quebram-se os vasos. Tambem não pára. Ella diz que já nasceu com os espiritos e não os quer tirar. Ainda outro dia encontrei-a em Catumby...

Eu já conhecia esse ser satanico e inedito, a *Cabocla*, já a vira escabujando emquanto os moveis cahiam e as portas fechadas abriam-se com estridor. Era verdade.

— Mas ha amuletos perservativos do Diabo? perguntei tremendo.

— Basta a cruz de S. Bento, As iniciaes da medalha dizem ao alto : *Ipse Venena Bibus ;* do lado esquerdo : *sunt mal, quæ libas;* do lado direito : *vade retro, Satanas;* em baixo : *non suads mihi vana.* Ao centro a phrase : *non draco sit mihi dux* —da esquerda para a direita, em fórma vertical, de cima para baixo : *crux sancta mihi lux*, e nos quatro cantos : *crux, sanctis, patris, benedicti...*

Estava dando uma hora. Atravéz do convento os relogios repetiam interminavelmente a hora solitaria. Erguemo-nos, e ainda algum tempo ouvi embevecido a pureza da crença.

Na sexta-feira, porém, de madrugada, fui outra vez ao Castello certificar-me. Vinha nascendo o dia. No ether puro os sinos desfiavam as notas claras e

era como se os sons fossem accordando pela montanha os echos da vida. Cabras surgiam das sombras, mastigando a relva humida, e no alto uma estrella ardia a morrer. Vi então subindo a encosta, desde essa hora, a theoria das beatas, homens amparando mulheres de face maceradas, mantilhas pretas escondendo rostos dolorosos, corpos dobrados em dous, tremendo, o bando das possessas modernas galgando o cimo do monte para arrancar a alma a Satanaz; o delirio diabolico, a fé, a angustia, o mal... E na côr suave da aurora, aquelle convento simples, donde sahia a harmonia dos sinos, surgiu-me como o balsamo do Bem, o gladio do Senhor solitario e unico em meio da Descrença Universal,—ultimo auxilio de Deus ás almas do Diabo...

Quando descia, outros crentes, outras demoniacas iam subindo na luz do sol para a Lourdes espiritual que os sinos proclamavam. E, recordando a visão tenebrosa desse turbilhão angustioso que escabuja nas casas espiritas e nas igrejas sob o dominio de Satanaz, ergui os olhos ao céo, e louvei a gloria de Deus no seu imperecivel fulgor...

AS SACERDOTIZAS DO FUTURO

O futuro é o deus vago e polymorpho que preside aos nossos destinos entre as estrellas, o incomprehensivel e assustador deus dos bohemios nas caravanas da Asia, a Força occulta, o perigo invisivel. Hugo e Alencar acreditavam nessa divindade, e não ha entre os deuses quem maior numero tenha de sacerdotes e de sacerdotizas.

Só os cultores do Futuro pódem modificar a fatalidade, afastar a morte, sacudir o sacco de ouro da fortuna, soltar o riso da alegria na tristeza dos seculos. As sacerdotisas do Deus tremendo infestam a nossa cidade, tomam conta de todos os bairros, predizem a sorte aos ricos, compõem um mundo exotico e complexo de cartomantes, nigromantes, somnambulas videntes, chiromantes, graphologas, feiticeiras e bruxas.

Esse gente cura, salva, desfaz as desgraças, ergue o véo da fortuna, faz esperar, faz crer, vive em predios lindos, em tapéras, em casinholas — é o conjuncto das pithonisas modernas, as distribuidoras de oraculos. Em meio tão variado ha de haver ignorantes — a maioria — cartomantes que vêm nas cartas cami-

nhos estreitos e caminhos largos e não sabem nem distribuir o baralho, somnambulas falsificadas, portuguezas e mulatas que se apropriam dos moldes dos africanos, e mulheres intelligentes que conversam e discutem.

Frequentei os templos do futuro. Só em uma semana visitei oitenta, encontrando-os sempre cheios de fieis. O kaleidoscopio allucinante das adivinhas faz a vida livremente. Em algumas casas encontrei tres e quatro, gyrando sob uma unica firma.

Só na rua do Hospicio, por exemplo, ha cinco ou seis. Nos outros pontos conversei com Mme. Jorge na rua da Ajuda, a Liberata na rua da Alfandega, a Joanna Maria da Conceição na rua Figueira de Mello, a Amelia de Aragão, a Luiza Barbada na rua Barão de S. Felix, a Amelia do Pedregulho, a Amelia Portugueza, a Candida, a Mme... da rua dos Arcos 4, a Ximenes na rua da Prainha 19, Maria de Jesus na rua Dr. Maciel 7, Castorina Pires em S. Diogo, a Amelia da rua do Lavradio, *doña* Martins na rua Mariz e Barros, a Alexandrina na rua da America, Mme. Herminie na rua Senador Pompeu, Maria Bahiana na rua do Costa, a Genoveva da rua do Visconde de Itauna, Dona Z... da rua da Imperatriz 15, a *Corcundinha* celebre adivinha de actores e de reporters na deixa um ror infindavel. Todas falam do seu desinteresse exigindo dinheiro e algumas vendo o futuro nas mãos, nem ao menos sabem as linhas essenciaes segundo o engraçadissimo Desbarolles. A observação nessas casinholas é incolor. Fica-se entre os feitiços dos minas e a magia medieva, numa atmosphera de burla.

Mas é lá possivel não acertar ás vezes? A vida humana tem uma linha geral. Tanto amam as heroinas

de Bourget como as lavadeiras, gosam e gostam de ser gosados os frequentadores da *haute-gomme* com os dançarinos dos beccos esconsos. As vidas têm uma parecença em bloco, uma uniformidade de sentimentos. Por mais ignorantes que sejam, as sacerdotisas tem o habito da observação, indagam da vida antes, em conversa. Muitas chegam a perguntar:

— Vem por dôr ou por amor?

E como sabem perfeitamente quando se dirigem a um cavalheiro, a uma dama, ás *coccottes* ou aos rufiões, as suas respostas acertam. E' um exercicio de attenção, antes de tudo, com scenarios e pedidos suggestivos. Uma dellas recebe velas de sebo, terminada a consulta; outras, peças de chita. A turba dá-lhes dinheiro, e sussurra os seus segredos nos ouvidos dessa gente que são como abysmos de discreto silencio.

Na peregrinação pelos templos do Deus Futuro guardo como originaes uma casa de cartomancia na rua do Ouvidor entre as modistas do tom e a elegancia maxima, a Ceguinha vidente de rua da Misericordia, a Rosa que olha n'agua e é astrologa, Mme. de F. somnambula numa rua parallela á praia de Botafogo, a Corcundinha da rua General Camara e a exquisita Mme. Mathilde do Cattete.

A Ceguinha tem a face macerada e é a exploração de quatro ou cinco. Vive numa cadeira, com os olhos cheios de pús. O grande Deus fez-lhe a treva em torno, para melhor ler a sorte dos outros nos meandros do céo. Dizem que os agentes do policia vão lá para saber o paradeiro dos gatunos e que os gatunos tambem vão a vêr se escapam. Immovel como um santo indiano á porta da immortalidade, a

Ceguinha, com a mesma ductilidade, desvenda-lhes o Futuro. A's vezes apparecem senhoras. A Ceguinha curva-se, e pinta o Destino com a mesma calma dolorosa.

A Rosa, com as fontes saltadas, o que em magia se chama cornos de Moysés, é um assombro de observação. Esse exemplar unico de astrolatria conhece mesmo algumas praticas antigas. Quando a fomos procurar, olhou-nos bem.

— Porque veio, se nunca acreditará?

— Estou numa situação difficil.

— Ouça a voz de Deus.

— Mas a minha alma soffre.

— O homem tem muitas almas...

— Mas se posso saber o futuro n'agua?

— A agua é onde se se miram os astros que têm a vida da gente.

— Como se consulta?

— Vendo... Alguns astros de outr'ora não têm mais importancia hoje: outros receberam-lhe a força. Os meus horoscopos são certos; o Destino ordena-me. Mas eu só fallo com os homens que a dór faz tristes e crentes.

A Corcundinha, discipula de uma Josephina, tem uma fama tão grande que chega a deitar cartas por dia, ás vezes para mais de cincoenta pessoas. Cada consulta custa cinco mil réis e ella só annuncia cousas lugubres.

Mme. de F... esteve na Inglaterra; em estado natural discute o psychismo, e quando somnambulizada apparece numa tunica preta. Dizem que predisse os acontecimentos da nossa policia e prevê um futuro desagradavel da pendencia brasileira com o

Perú. E' lugubre. A roda que a frequenta, dá-se como ultra chic.

Mme. Mathilde, a cartomante do high-life, já teve criados de casaca e possue uma linda galeria de quadros. De todos os templos, o dessa senhora é o mais excentrico. Mme. Mathilde, para os intimos a princeza Mathilde, é uma creatura que falla com volubilidade.

Ha alguns annos foi a Paris, onde estudou com Papus e Mme. de Thèbes. Conhece a cartomancia, a telepathia, o somnambulismo, a metaphysica das estrellas, a chiromancia, cousas complicadas de que faz uma interessante confusão. Além de tudo isso, a princeza é critica de pintura e interessa-se pelo movimento universal. Quando me annunciei, a agradavel dama mandou illuminar o seu salão de visitas, e entre as colchas japonezas, os quadros de valor, os *bibelots* do Oriente e as pelles de tigres, fez a sua apparição.

Vinha de vestido vermelho, um vestido de mangas perdidas, donde os seus braços surgiam côr de ouro, e vinha com ella a essencia capitosa de vinte frascos de perfume. Mme. Mathilde embalsamava. Deixou-se cahir num divan, passeou com as mãos pelo ar e disse :

— Estou cançadissima. Se não me mandasse dizer quem era, não o teria recebido. Sympathizo com o seu ser.

Curvei-me commovido.

— Não podia falar das sacerdotizas do Futuro, sem ouvil-a.

— Já tem percorrido os templos do grande Deus?

— Alguns. Visitei oitenta, e ha para mais de duzentos.

— Ha templos de ouro, de prata, de cobre e de latão.

— Guardei para o fim o melhor.

— Meu caro, os verdadeiros templos do Futuro são de data recente entre nós. A sorte começou a ser descoberta aqui por negros da Africa imbecis e por ciganos exploradores. Depois appareceram as variações espiritas, os adivinhos que montavam casinholas receiosas, reunindo ao estudo das cartas a necessidade dos despachos africanos. Uma crendice! As verdadeiras sacerdotizas datam de pouco tempo, são de importação e annunciam. Essas não se occultam mais e dão consultas claramente.

— Como em Pariz?

— Como em Pariz. Não lhe falo de Papus, de quatro ou cinco somnambulas de fama universal, mas apenas da minha illustre professora Mme de Thèbes. Mme de Thèbes em Pariz é uma necessidade mundana como o club, as *premières*, o *grand prix*.

Vai-se a Mme de Thèbes como se joga uma partida de boston. E' uma necessidade elegante. Mme de Thèbes tem hoje uma fortuna.

— E erra sempre.

— Nunca.

— E' sacerdotisa por vocação?

— Sempre estudei as sciencias occultas por dilettantismo. Das sciencias occultas sahiram as sciencias exactas, disse um grande mestre. Desde creança amei a antiguidade, tive o desejo de remontar o Zoroastro, ao Zend-Avesta e aos Magos, com o prazer de descançar á beira do Nilo, de conhecer Plotino e os livros hermeticos.

Depois, sempre fui dotada de uma grande força

nervosa. Uma vez, levando amigas á casa de uma somnambula, resolvi estudar os *trucs* das mercadoras e d'ahi a minha conversão.

N'esse momento, como a prophetiza ria, estendendo as mãos, vi-lhe na sinistra varios anneis complicados, e prendi-lhe os dedos, curioso das joias e da mão.

— Está vendo os meus anneis? Este é africano, partido. Tem os signos do zodiaco—o tempo. Este outro guarda no fundo um beryllo, por onde se enxerga a alma. Naturalmente é descrente?

— Sou filho de uma civilização muito parecida com a d'aquelle imperador que precavidamente levantava templo aos deuses desconhecidos. Ha em tudo alguma cousa a temer—o inexplicavel. A historia é uma affirmação de oraculos, de somnambulismo, de predicções...

Eu guardára com religião a mão da pithonisa; Mme Mathilde, porém, ergue-se, agitando os seus perfumes.

— E não teme? e não lhe parece suggestivo este interior? Não receia que d'aquelle canto escuro surjam phantasmas, que, agarrando a sua mão, leia n'essas linhas a desgraça irremediavel?

— Se fôr assim, disse docemente, que se ha de fazer? E' a vontade do Futuro...

— Pois, meu caro, póde ter a certeza de que não somos só as sacerdotisas do terrivel Destino, somos as Consoladoras, a Theoria do Bem, as Soffredoras da Illusão. Não sorria.

Sem nós, que seria das cidades? Os senhores andam á cata do documento humano. Nós temos á mão, todos os dias, as tragedias, os dramas e as comedias de que se faz o mundo. A' nossa casa vêm as mulhe-

res ciumentas, os que desejam a morte e os que desejam amor. Os adulterios, os crimes, os remorsos, a luxuria, as vergonhas fervilham. Nós consolamos.

Diariamente, nas casas de que tomou o numero para indical-as á policia, encontram-se os conquistadores, os homens bem vestidos de que a policia ignora os meios de vida; os senadores, os deputados, as pessoas notaveis, as actrizes, as *cocottes*, as senhoras casadas, os imbecis propondo cousas indecorosas e as almas dolorisadas.

Nós a todos damos o favo da illusão... Quando morre meu pai? Meu marido abandona-me? Será minha a mulher de Sicrano? Fulana é fiel? Realiza-se o negocio? E nós aquietamos os instinctos com o lenitivo do bem. Ainda ha pouco tempo, entrou por esta sala uma menina em prantos. Era domingo. Não deito cartas aos domingos.

Neguei-me. Soluçou, pediu, ajoelhou. Logo que a vi, percebendo a sua agitação, espalhei as cartas ao acaso. A menina vai commetter um desatino! Ella olhou-me espantada. Sim, ia dalli suicidar-se, porque a abandonára o amante, gravida e sem trabalho. Fiz as cartas dizerem que o amante voltava e a pequena não morreu.

— Cartas salvadoras!

— Dias antes apparecera um marido a interrogar-me a respeito do seu *ménage*, derruido por incompatibilidade de genios. Ella escrevia-lhe cartas pedindo para voltar. Que devo fezer? Voltar! Mas teve amantes! E' boa. Abandonada sem saber trabalhar e sem recursos queria o senhor que a pobre morresse? Depois foi-lhe o Sr. fiel? Não! Era lá possivel a ella deixar de ter um amante?...

— Ou mesmo dous?

— Ou tres, não vai ao caso. Elle reflectiu e vivem os dous bem. Quantos desmandos evitamos, quantas desgraças, quantos escandalos! Recorda-se da historia do oraculo de Delphos? E' a historia da prudencia, de ser ambiguo para não se enganar. A nossa é muito mais difficil.

— Mente com franqueza.

— Diz verdades e consola: Muitas das minhas clientes vêm aqui apenas como um consolo. Contam as maguas e vão-se.

— Que trabalho deve ter!

— Faço experiencias até altas horas com o meu criado Julio, e vou ás estalagens, aos cortiços, ler gratis nas mãos dos pobres. Não imagina como sou recebida!

Deito cartas, leio nas mãos. E' o estudo em que procedo sem perguntar para ter a certeza. E é certo! Adivinho cousas de ha quatro e cinco annos passados, chego a descrever as roupas das pessoas distantes e prevejo. A previsão é de resto uma faculdade que desenvolvi.

— E' feliz?

— Tudo quanto quero, faço.

— Tem talvez a alma de algum magico antigo...

Mme Mathilde recostou o seu corpo elegante.

— Não: tive tres vidas apenas. Da primeira fui physico, da segunda advogado e na terceira odalisca...

Oh! mysterio! A sacerdotiza possuia o saber dos physicos, fallava como um advogado e naquelle momento tinha a inebriante doçura das odaliscas.

Peguei-lhe a mão e disse baixinho:

— Já um occultista me affirmou que fui Nero e depois Ponce de Leon...

Ella riu um riso perlado.

— Ponce attrahido pelo mysterio das mãos.

— Pela belleza...

— Todos nós temos a attracção das mãos. A mão é um resumo do Céo. Cada astro tem a sua parte. Jupiter é o index, Saturno o médio, o Sol o annular, Mercurio Hermés o minimo. A Lua tem a região do Sul, Marte todo o meio, onde se dão os combates da vida e Venus o grande monte.

— E' este o mais trabalhoso ?

— Quasi sempre.

Ergui-me, e vi numa outra sala, forrada de esteiras da India, um oratorio onde ardiam lamparinas. Os santos, sob o halo de luz, que a sciencia explica pelos raios *n*, como o esforço da attenção—tinham um olharzinho redondo e inexpressivo. Que diriam os coitados, sancto Deus do Futuro?

— Neste meio de adivinhas, chiromantes e somnambulas é melhor ser impassivel, dizia Mme. Mathilde. A's vezes protegem amores, são casas ambiguas.

— Mas as suas experiencias ?

— Pratico o somnambulismo como as cartas, a telepathia e a chiromancia, indo directamente á alma a alma que nós temos no fundo. Tudo é dominio. As ultimas experiencias do meu dominio tive-as com o conhecido pintor Helios Seellinger. Curei-o uma vez com agua magnetizada. Desde então dizia-lhes : ás 2 horas de tal dia o senhor soffrerá um choque. Era tal qual. Noutro dia soffria o choque. Fui eu de resto que lhe desvendei o futuro e a sorte nas mãos.

— E a transmissão do pensamento?

— Já em Botafogo transmitti idéas a creaturas o Engenho Novo. Conhecem essas experiencias oetas como Luiz Edmundo, o padre Severiano de tezende, pintores como Amoedo. A minha amiga ı. Adelina Lopes Vieira tambem as conhece.

Lembrei-me então de que Mme. Mathilde era ambem litterata.

— Mas as cartas?

— Quer vêl-as?

Tocou o tympano, appareceu um pequeno loiro com m sarcophago de prata em relevo. Mme. Mathilde —a princeza para os intimos—abriu-o com cuilado, e de dentro numa sombria apotheose de oiros : côres, as cartas do *tarot*, *a papesse*, o doido, o az de iro, o enforcado, o *bateleur* escamoteador surgiam tenebrosamente.

Mãos estendiam moedas d'oiro, o oiro scintillava, m altos montes figuras sinistras appareciam. E esava alli a consolação universal, a consolação dos obres e dos potentados! Nas mãos delicadas da feiiceira ultimo grito rolava numa serie de illuminuras ı miragem enganadora do Futuro. Ella estendia as artas nas luzes e eu recordava a origem antiga lessa doce illusão, a vinda dos Bohemios.

— Quem sois vós?

— Sou o duque do Egypto e venho com os condes barões.

— Quem vos traz?

— A que precede o nosso cortejo e lê nos livros coloridos de Hermés o destino do mundo, a rainha las Kabbalas, a sublime senhora do fogo e do metal! E em frente á multidão abriam o *tarot* como quem rasga o céo, o consolo infinito dos bohemios.

Eu estava alli como os camponezes da época de Carlos VI diante da senhora do metal,—apenas tanto a rainha como eu, um tanto mais descrentes.

Então curvei-me, depuz o beijo que ha muito sentia nos labios, o beijo da devoção, na sua mão perfumada.

— Como em Pariz!—fez ella, deixando que os meus labios roçassem a extremidade dos seus dedos.

— Como na hora de sempre, murmurei, o Medo deante do Futuro.

A NOVA JERUSALÉM

A séde da nova Jerusalém, annunciada pelo Apocalypse, fica na rua Maria José n. 10. E' uma casa de dous pavimentos, muito alta, pintada de vermelho escuro, que assenta á beira da rua Collina como uma fortaleza.

De longe parece formidavel aos reflexos do sol, que queima todas as vidraças, e reverbera nas escadas de pedra; de perto é solemne. Abre-se um portão, sobe-se uma das escadas, abre-se outro portão, dá-se num pateo que termina para a frente em estreitas arcarias ogivaes e perde-se ao fundo num jardim obumbroso. Desse pateo vê-se o declive das ruas que descem, e vagos trechos da cidade.

Antes de bater, olhámos ainda a casa alta. Detrar daquelles muros viceja a religião de Swedenborg, a nova egreja, a verdadeira comprehensão da Biblia; detrás daquelles muros, illuminados da luz da tarde, guarda-se a chave com que tudo se póde explicar neste mundo. « Eu sou o Deus, disse Jesus a Swedenborg, o Senhor, o Creador e o Redemptor, e te elegi para explicares aos homens o sentido interior

e espiritual das Escripturas Sanctas. Dictar-te-ei que escreveres! »

Subimos mais uma escada de pedra núa, no patamar da qual nos recebe o sr. Frederico Braga. Esse cavalheiro amavel é uma especie de « dilettante » dos cultos. Dizem que já foi até fakir, fazendo crescer bananeiras de um momento para outro. Neste momento porém limita-se a fazer-nos entrar para uma sala simples e, emquanto nós vagamente o interrogamos, passeia da porta para a janella.

— O pastor está ahi, diz de repente. Ninguem melhor do que elle póde informar.

O pastor é o sr. Levindo Castro de la Fayette, que apparece logo. Homem de physionomia intelligente, fallando bem, com o ar de quem está sempre na peroração de um discurso interrompido por apartes, o pastor agrada. Ha de certo nos seus gestos um pouco de *morgue*, o intimo orgulho de ser o propheta de uma religião de intellectuaes, de espalhar pela terra a palavra do maior homem do mundo, que tudo descobrira na sciencia terrestre e vira Deus na terra celeste.

O sr. la Fayette consulta o oculo brilhante, falla da conquista da Nova Igreja através do mundo, falla torrencialmente. E' a historia do *swedenborgismo* desde a morte de grande visionario, desde a defesa de Thomaz Wright e Roberto Hindmarsh, que demonstraram o perfeito estado mental do mestre, até á reunião dos adeptos de Swedenborg em Londres em 1788, donde começou a expansão do culto novo que agora augmenta diariamente na Austria, na França, na Inglaterra, na Australia, nos Estados Unidos, com egrejas novas e novos adeptos. Póde-se

calcular em cento e vinte mil o numero de crentes.

O Sr. Frederico Braga mostra-nos as revistas allemães e inglezas, o *New Church Messenger*, a *New Church Review*, onde vêm reproduzidas em photogravura as fachadas dos novos templos através do mundo.

— A verdade caminha! diz o pastor, e leva-nos á sala onde se realizam as reuniões dos *swedenborgeanos*. E' no 1° pavimento, na frente, uma sala núa. Ao centro uma grande mesa, rodeada de cadeiras com uma cadeira mais alta para o pastor. Ao lado a bibliotheca, onde se empilha a obra interminavel de Swedenborg desde os *Arcania Cœlestia* até o *Tratado do Cavallo Branco do Apocalypse*.

A Nova Jerusalém do Brasil data de 1898. Foi seu fundador o proprio Sr. de la Fayette, e isto devido a revelações que recebera em Pariz alguns annos antes. E' o caso que o pastor, nesse tempo simples professor de portuguez num instituto pariziense, foi nomeado chanceller do consulado geral do Brasil na França. Essa funcção fel-o desejoso de conhecer a verdade espiritual, e, para que a verdade brilhasse, de la Fayette observou logo um rigoroso regimen de temperança em todas as cousas... Swedenborg, cavalleiro da ordem equestre da Suecia, que de tudo escrevera e fallara, só em 1745 teve a revelação de que estava talhado para explicar os symbolos da Biblia. Mas Swedenborg comia muito. A primeira vez que os espiritos invisiveis lhe falaram foi durante um jantar. O philosopho engulia vorazmente no quarto reservado de um hotel, onde á vontade devorava e pensava, quando sentiu a vista se lhe empanar e reptis horriveis arrastarem-se pelo soalho. Os olhos pouco tempo depois reco-

braram a visão perfeita e Swedenborg viu, distinctamente, no angulo da sala, um homem com o seio em luz, que lhe dizia, paternalmente :

— Não comas tanto, meu filho !

De la Fayette não precisou desse celeste conselho. Praticou-o antes da revelação ; — e foi por isso que, mezes depois, começou, durante o somno, a receber ensinamentos do mundo espiritual a respeito da palavra de Deus. Desde esse tempo o Sr. Levindo foi guiado pelo céo, e chegou até á Bibliotheca Nacional.

— Que livro hei de pedir? interrogou aos seus botões o homem feliz.

— Pede Swedenborg ! bradaram os espiritos bons de dentro do sr. Levindo.

O illuminado pediu os *Arcania Cœlestia*, em latim, porque além de cinco linguas vivas, lê correntemente a lingua em que Catullo escreveu tão bellos versos e tão suggestivas patifarias. Leu os *Arcania*, foi á igreja da rua Thouin, conversou com Mme. Humann que o recebeu ineffavelmente doce, e mezes depois, era baptizado na nova egreja.

Em agosto de 1893, o sr. de la Fayette, que é mineiro, veiu para o Rio, mas quando aqui chegou a revolta estalára, havia estado de sitio, e não teve remedio senão abalar para as montanhas do seu Estado. A cidade de Lamim, em Minas, foi onde primeiro se fallou no Brasil da Nova Jerusalém.

De volta ao Rio, o pastor fez um adepto, o sr. Carlos Frederico Braga, tambem mineiro. A adhesão foi rapida. O sr. Carlos concordou logo com o sr. de la Fayette, como concordava naquelle instante em que eu os ouvia. Dahi por diante Levindo foi o

texto do credo e Carlos Frederico o commentario enthusiasmado. Esses dous homens atiraram-se pela cidade a explicar a Nova Jerusalém, a fazer comprehender pelos homens intelligentes as sagradas interpretações do prolixo Swedenborg, escriptas sob as vistas de Christo Deus, que é um só. Quatro annos depois reuniram na rua Minervina cincoenta *swedenborgianos*, fundando duas sociedades : — a Associação de Propaganda da Nova Jerusalém, pela imprensa, conferencias e leitura das obras do mestre, e uma sociedade de beneficencia para auxiliar os ermãos brasileiros.

Um jornal, a *Nova Jerusalém*, foi logo publicado e existe ha oito annos; o circulo da propaganda augmentou, amigos em viagem levaram a noticia ao Pará, ao Rio Grande do Sul, á Minas e, afóra esses adeptos, cerca de duzentos *swedenborgianos* reunem-se aos domingos para ouvir de la Fayette narrar o symbolo de Adão, explicar o sentido unico de cada palavra em todos os livros da Biblia e louvar Swedenborg.

— Swedenborg ! eu não preciso dizer-lhe quem foi esse extraordinario espirito que tudo descobriu da terra e do céo. Na sua época, chamou a attenção de grandes cerebros como Gœthe, Kant, Wesley, de Wieland, Klopstock...

Nós batemos as palpebras, gesto que Swedenborg considera signal de entendimento e sabedoria. Gœthe puzera o philosopho no *Fausto* com o pseudonymo de Pater Seraphicus, Kant fallando delle recorda e cumprimento do seu cocheiro a Tycho Brahe : « o Sr. póde ser muito entendido nas cousas do céo, mas neste mundo não passa de um doido » Os outros

não tinham sido mais amaveis. Mas para que discutir ? O ministro da Nova Jerusalém continuava contando a attenção e curiosidade dos povos modernos pelo extraordinario propheta do Norte. Depois parou.

— O que é, em synthese, a Nova Jerusalém ? perguntou.

Swedenborg, ao morrer em casa de um barbeiro, achava desnecessario receber os sacramentos por ser de ha muito cidadão do outro mundo. A respeito dessa região o cidadão escreveu enormes volumes *ex auditis et visis*, isto é, sobre o que vira e ouvira.

Os *Arcania*, o tratado do Céo e do Inferno, o tratado das Representações e Correspondencias, a Sabedoria Angelica sobre o divino Amor e a divina Sabedoria, a *Doutrina Novæ Hierrosalymæ*, as terras do nosso mundo solar e no céo astral, até o *Amor Conjugal*, com umas maximas arriscadas sobre o amor scortatorio, explicaram bem as suas extraordinarias viagens.

Swedenborg esteve no inferno e conversou comtanta gente que Matter para simplificar fez uma lista chronologica desde os deuses gregos até os contemporaneos; teve relações intimas com os espiritos de Jupiter, de Mercurio, de Marte e até da Lua, apezar de não sympathisar muito com esses que eram pequenos e faziam barulho. Não foi só. O extraordinario homen vio o paraiso, ouviu os anjos, esteve com Deus em pessoa. Era natural que comprehendesse o sentido das correspondencias entre os espiritos dos planetas e o maximo homem, que revelasse ao mundo o sentido intimo espiritual ou

eleste das revelações que até então ficara ignorado.

« A doutrina da Egreja actual é viciosa, deve esapparecer » e Swoedenborg, com os olhos espirituaes abertos, não innovou, elucidou os textos sagrados.

A nova egreja tem um catecismo que explica e resume a Nova Jerusalém e a sua doutrina celeste. Assim o homem foi creado por Deus para amar a Deus e fazer o bem ao proximo. Quem faz mal, vai para o inferno, quem faz bem, vive com luxo e conforto no reino do céo que, segundo Swedenborg, em edificios magnificos, parques encantadores e vestidos bonitos. O homem aprende a fazer o bem nos dez mandamentos. E' simples e facil.

O Senhor, deve o homem julgal-o o unico Deus, em que está encarnada a Sanctissima Trindade do Pai, do Filho e do Espirito Sancto. A trindade perfaz numa só pessôa a alma, o corpo e o acto da obra. Na Trindade Divina, o Pai é a alma, o Filho o corpo, o Espirito Sancto a operação condensados numa só pessôa :—Jesus. E' esta a divergencia capital do Catholicismo. A Nova Jerusalém é o christianismo primitivo. Os seus membros não têm ambições e ajudam-se uns aos outros, praticando a caridade, o unico amor capaz de nos desprender de nós mesmos para nos approximar de Deus. A regeneração vem da oração. O homem ora só a Jesus, porque o mais é idolatria. Todas as sciencias e religiões nada são sem o conhecimento de Deus. Possuidores desse conhecimento, os *swedenborgeanos* têm a chave da interpretação exacta de tudo e explicam com harmonia espiritual todas as sciencias e todas as religiões...

— Não se podia voltar ao Christianismo, ao

tempo em que começou a ser falsificado, diz-nos o sr. de la Fayette. Seria desconhecer as leis da ordem divina, que teria desse modo perdido quinze seculos, quando esse periodo serviu para a execução das suas obras sempre misericordiosas. O Senhor annunciou que, na consumação dos seculos, isto é, no fim da egreja actual, viria, « nas nuvens do céo, com poder e gloria » fundar outra egreja que não terá fim. Esta egreja é a Nova Jerusalém, que o Senhor instaurou, retirando o véo que occultava o Verbo...

Escurecia. As trevas entravam pela sala onde o Verbo é revelado. Em der redor, quanto abrangia o olhar, via-se a cidade reclinada por valles e monte, preguiçosamente. No céo purissimo as estrellas palpitavam devagar; pela terra estrellavam os combustores um infinito recamo de luzes.

— Vou aos Estados Unidos, disse o ministro, comprar livros, editar obras minhas para franquear a bibliotheca ao povo. A regeneração far-se-á!

E nós descemos o monte, onde, naquella casa de pedra, duzentos homens, compenetrados do secreto sentido das correspondencias, louvam todos os domingos Swedenborg que gozou o Céo, e Jesus, que é a caridade e o supremo Amor.

O CULTO DO MAR

O culto do mar é praticado pelos pescadores das nossas praias. E' um culto variado, cosmolatra e fantasista, em que entram a lua e alguns elementos divinisados.

— Não conheces os nossos pescadores? Gente tranquilla. Raramente se aggridem e sempre por questão de pesca.

Os pescadores formam um corpo distincto, diverso dos catraeiros, dos maritimos, dessa população ambigua e viciada que anda no cáes á beira das ondas pertubadoras. Não ha canto da nossa bahia que não tenha uma colonia de pescadores. Vivem todos muito calmos, sem saber do resto do mundo. Emfim, uma classe á parte, com festas proprias, que não se afasta do oceano e é unida pelo culto do mar. Os pescadores são os ultimos idolatras das vagas. Conversar com elles é ter impressões absolutamente ineditas de moral, de philosophia e de religião.

— Mas essas colonias são brasileiras? indaguei do meu informante.

— Não. Ha colonias só de portuguezes, como a de Santa Luzia e do Santo Christo, de portuguezes e

brasileiros, como em Sepetiba, de italianos apenas, de brasileiros só. Uma série de nucleos ligados pela crença. São outros homens. Nascem de mais pescadoras, partejadas quasi sempre por curiosas, vivem nas praias, nunca as abandonam. Aos quatro annos nadam, aos dez remam e acompanham os parentes ás pescarias, e assim passam a existencia, familiarizados apenas com as rêdes, os apetrechos de pesca e o calão, o pittoresco calão maritimo.

O oceano imprime-lhes um cunho especial, são propriedades domar. Nunca reparaste nos pescadores? Têm os pés differente de todos, uns pés contracteis que se crispam nas pranchas como os dos macacos; andam a bambolear, balouçando como um barco, e a sua pelle lustrosa tem o macio grosso dos velludos. A alma dessa gente conserva-se ondeante, maravilhosa e simples.

— Mas os pescadores são christãos?

— Está claro. Mas christãos puros é difficil encontrar hoje afóra os evangelistas e os syrios.

— Lembro-me da festa de Nossa Senhora, na Lapa.

— E' outra cousa.

— Vi em Sancta Luzia a devoção de S. Pedro.

— Era promessa de um rapaz que, por falta de meios não a continúa. Deixemos N. Senhora e S. Pedro. Falo de um culto que emana no intimo respeito das ondas. Todos os pescadores das praias e das ilhas proximas festejam, sacrificam ao mar e têm um objecto especial de devoção. Não ha nenhum que não tema a Mãi d'Agua, a Sereia, os Tritões e não respeite a Lua. Conheço tres manifestações desse culto. A Mãi d'Agua entre os pescadores de

Santo Christo e de Santa Luzia, a da Lua e do Mar e a do Arco-Iris.

— O arco-iris?

— Em Sepetiba. E' dos mais completos e dos mais bellos, tendo como sacerdote uma mulher.

O arco-iris, a adoração de um deus que se curva nas nuvens polychromo e vago, que ergue das ondas um facho de luzes brandas e desapparece, o terror daquillo que se desfaz, sem que se saiba como! Era uma phantasia! Mas os cosmolatras inventam tanta cousa para perfumar a sua ignorancia, que bem podia ser.

— Não ha duvidas, disse o meu amigo. O arco-iris, é uma antiquissima divindade, um annuncio dos céus. Lembra-te disso e acompanha-me.

Acompanhei-o, durante um inverno, muito humido e muito estrellado. Os pescadores têm um temor incalculavel da policia. Desde que um curioso apparece, guardam segredo das suas crenças e negam toda e qualquer coparticipação em religião que não seja a catholica. Como são primitivos e rudimentares, porém, a bondade que têm é fundamental, transforma-os e não ha nenhum que não acabe confiante e fallador, exaggerando para espantar os mysterios cosmologicos. Esses mysterios são de uma belleza delicada e antiga, de uma belleza de rhapsodos que relembra as fantasias scandinavas e helenas, um montão de lendas e de ritos enervantes. Ha nas praticas e nas idéas trechos de Hesiodo, de Christo e dos pretos minas e a gente afunda-se, quando os quer guardar, num banho de crystal batido pelo sol.

— Quasi sempre os directores das festas, os sacerdotes não são pescadores. Em Sancto Christo é o

padeiro Carvalho, homem de posses, diz o meu amigo. Os sacrificios são feitos geralmente á noite.

Vamos os dous interrogar os pescadores. Essa gente teme a Mai d'Agua, tendo a longinqua recordação de que ella apparece vestida de branco seguida de homens barbados de verde. A apparição feminina grita de repente, apaga as luzes na barca, faz as cerrações, afasta os peixes, e ás vezes canta.

— Como a Darcléc?

— Como as sereias meu caro. Os pescadores têm que cahir no fundo da barca tapando os ouvidos. Ulysses amarrava-se...

Para aplacar a deusa do mar, ser impalpavel e lindo, os pescadores fazem o sacrificio de um carneiro. Matam o bicho á beira do oceano; o sangue cáe numa cova aberta na areia. Depois partem canoas levando pedaços do animal com presentes que deixam cahir no fundo da bahia com uma oração votiva.

Um rapazola, lindo como o Apollo do Belveder, responde ás nossas perguntas :

— Eu fui baptizado, patrão.

— Mas sabe a historia da Mãi d'Agua?

— Sei, sim. Aqui, para Mãi d'Agua ser boa fazem-se despachos. Na ilha do Governador compram tudo do mais fino, põem a mesa á beira da praia, com talheres de prata, copos bonitos, a toalha alva e gallinhas sem cabeça, para a santa comer.

— Que differença ha entre Nossa Senhora e a Mãi d'Agua? indago interessado.

— Nossa Senhora está no céo. Mãi d'Agua é differente ; é a devoção, é como um santo do Mar... E sopra-me na cara uma baforada de fumo máo.

O meu amigo, cheio de litteratura, declama logo:

— Não comprehendes! A agua é em toda a parte uma religião. O Nilo foi feito das lagrimas de Isis, o Ganges é o factor da crença da immortalidade, os gregos povoaram o mar de habitantes sagrados.

Lembra-te dos aryas ao descer do planalto :— « ó mar, grande laboratorio!... » Laboratorio da vida da crença.

E leva-me a uma outra praia, a comprehender como tudo depende do mar e da lua. Elle conhecia um velho pescador, José Belchior. O velho recebe-o com intimidade e conta-me o que pensa deste mundo. E' curiosissimo.

Para José o mar representa o homem, o principio activo. Por isso o mar é superior em tudo á terra, que como a mulher só serve para o descanço. O oceano circumda a terra num longo abraço. O mar só soffre uma influencia, a da lua, que mostra a sua face de trinta em trinta dias e o faz inquieto e a arfar. N'ella mora Nossa Senhora com o seu filho, Jesus, e esse doce alampadario de ouro desencadeia os ventos, faz as tempestades, esconde os peixes, baixa as marés e guia as naves. Se Nossa Senhora quizesse, parava a lua quando ella vem cheia, e tudo seria então magnifico. Como as cousas não são assim, fazem-se promessas, pede-se aos santos para interceder e, nas noites de luar, fazem uma passeata em barcações com velas de cêra accesas na mão e rezando baixinho.

Todas essas pequenas modalidades reunem-se em Sepetiba no culto geral do Arco Iris. Ha festas de tres em tres mezes, despachos simples e uma grande solemnidade, que já foi feita a 2 de fevereiro e actual-

mente se realiza em Junho, no dia de S. Pedro.

Estive lá nesse dia. A sacerdotiza é uma portugueza reforçada, que se chama Maria Mattos da Silva. Só são permittidos na festa pescadores, e os pescadores vão de toda a parte ao culto singular. A casa de Maria da Silva fica mesmo no ponto dos bonds, e nos dias de festa está toda adornada de folhagens e galhardetes Todos, lavados e de roupas claras, a dona da devoção manda buscar os negros feiticeiros para preparar os *ebòs* e fazer a matança dos animaes.

Ella propria deita as cartas para saber quem deve ir levar os sacrificios e os desejos subtis do Arco-Iris.

No interior da casa, onde ardem velas, é prohibida a entrada com excepção das que tomam parte nos sacrificios. Em frente os pescadores bebem, cantam e dansam o cateretê. Se por acaso no céo se curvam as côres do espectro, prosternam-se todos radiosos clamando pelo milagre. O milagre porém, como todo o milagre, é raro.

Maria da Silva tem sempre a seu lado o coronel Rodrigues, velho guarda nacional, que com os pés mettidos em grossos tamancos, sentencia maximas moraes para a assembléa. Os pescadores que apanham na rede um boto, levam-no á mulher do culto para preparo do azeite das festas sagradas.

Vou pela praia, alanhada por um vento algido. No céo apparecem nuvens, na areia descançam tres barcas enfeitadas. Um rapazola guarda-as. E' elle quem nos dá informações a respeito da gente que dansa. Reina entre estas creaturas uma perfeita amoralidade. Como não ha barulhos graves, não se

vai á policia. Conselhos dão os velhos. A mulher serve para procrear, obedece cegamente ao homem, cose, trabalha, é inferior. O macho domina. O respeito aos anciãos existe, porque estes sabem das manhas dos peixes, annunciam as tempestades, ensinam. Quanto ao amor, deve ser muito diverso do nosso...

— E as festas, quem as faz?

— Para as festas concorrem todos.

Das tres barcas que eu via, a primeira era para o Arco-Iris, a segunda para a Mãi d'Agua e a terceira acompanharia as duas formando a trilogia, duas na frente e uma atrás.

O meu amigo, lembrando mythologias diversas, quiz saber a razão desse triangulo. O rapaz respondeu apenas :

— E' costume.

E' costume tambem pagar em todas as religiões. Tanto os feiticeiros como os conductores das barcas recebem dinheiro. Os remadores pertencentes ao Arco-Iris têm seis mil réis, os da Mãi d'Agua tres e os acompanhadores nove. A' noite, já no céo negro o crecente lunar, depois dos buzios e dos baralhos terem indicado os dias em que não se poderá pescar, começa o sacrificio.

Forçado a ficar de longe, embrulhado num paletot em que tiritava, vi sahir da casa da Maria uma theoria de camisolas brancas com as lanternas de azeite de boto na mão, acompanhando dous homens, um vestido de seda, outro de setim.

O primeiro era o voga da canoa do Arco-Iris, o segundo ia dirigir a da Mãi d'Agua. As canoas foram arrastadas para o mar. Na do Arco-Iris iam os mais

finos presentes com os despachos, na da Mãi d'Agua objectos caros e femininos. Quando as canoas partiram em direção ao Norte, levando aquelles estranhos remadores vestidos de morim branco, os que ficaram na praia levantaram os braços, e a Maria da Silva, na turba, sorria como quem se desobriga de uma promessa sagrada.

— E ao voltarem, que ha? indaguei ao rapaz.

— Voltam de costas, de frente para o mar, entram assim em casa; os remadores, menos os do Arco-Iris, batem com a cabeça no chão, e a festa continúa.

— Mas que é o Arco-Iris, afinal?

— O Arco-Iris indica se a gente está bem com Deus. E' um aviso, o signal da união, o unico meio por que o mar se deixa vêr... é a crença.

Olhei mais o oceano soluçante sob o vento algido.

As barcas todas accesas de luzes frouxas perdiam-se na phosphorescencia lunar; os remadores cantavam, e eu ouvia como a copla de uma barcarola nostalgica. Em frente da casa de Maria, o *catereté* delirava e sombras de adolescentes desciam á praia ageis e finas.

A Maria, sentada, sorrindo, era indecifravel.

E para que decifral-a? O seu culto era o culto de todas as épocas e de todos os homens. O mar continúa a ser o grande mysterio. Para os espiritos simples que temem o diabo e guardam na alma crenças accumuladas, só a Lua com a imagem de Nossa Senhora póde explicar a angustia do mar e só as sete côres do arco do céo pódem symbolizar o vago mysterio da união do oceano e do homem.

O ESPIRITISMO

ENTRE OS SINCEROS

O marechal Ewerton Quadros esperava um bond para a cidade, quando um bond passou inteiramente vazio.

— Porque não toma este? perguntaram-lhe.

O marechal mergulhou mais a face adunca nas barbas mathusalemicas:

— Não é possivel. Está cheio de espiritos máos! e, como apparecesse outro inteiramente cheio, agarrou-se ao balaustre e veio de pé até á cidade.

Desde que se deixa a traficancia do baixo espiritismo, que se conversa nas rodas intellectuaes cultivadas, esse estado allucinante torna-se normal.

Ao subirmos as escadas da Federação, o meu amigo ia dizendo.

There are more things in heaven and earth, Horatio,
There are more dreams in your philosophy.

Esses melancolicos versos temerosos, do mundo invisivel, resumem o nosso estado mental.

Muita cousa ha no mundo de que não cuida a nossa vã philosophia, muita cousa ha neste mundo invisivel...

Já não se conta o numero de espiritos orthodoxos, conta-se a attracção dos nossos cerebros mais lucidos pelasciencia da revelação. A marinha, o exercito, a advocacia, a medicina, o professorado, o grande mundo, a imprensa, o commercio têm milhares de espiritas. Ha homens que não fazem mysterio da sua crença. Os generaes Girard e Piragibe, o major Ivo do Prado, o almirante Manhães Barretto, Quintino Bocayuva, Felix Bocayuva, Eduardo Salamonde, os Drs. Geminiano Brasil, Celso dos Reis, Monte Godinho, Alberto Coelho, Maia Barreto, Oliveira Menezes, Alfredo Alexander proclamam a pureza da sua fé. A Federação tem 800 socios e ainda o anno passado expediu 48 mil receitas.

Os que não praticam a moral, acceitam a parte phenomenal. E' ao chegar a essa esphera que se começa a temer a phrase do catholico : « O espiritismo é um abysmo encantador; foge ou de lá nunca mais sahirás .» Se na sociedade baixa, centenas de traficantes enganam a credulidade com uma inconsciente mistura de feitiçaria e catholicismo, entre a gente educada ha um numero talvez maior de salas onde estudam o phenomeno psychico e a adivinhação do futuro, com correspondencia para Londres e um ar superiormente convencido.

De certo, em parte, a frivolidade que faz senhoras elegantes citarem poetas francezes e conversarem de occultismo nos *gutters* invernaes, faz de algumas dessas sessões um divertimento identico á lanterna magica e ao *lann-tennis;* de certo ha entre os mais

convictos Bouvard, Pécuchet e mesmo o conselheiro Accacio; mas, frivolos e tolos foram sempre meios inconscientes de expansão de uma crença, e o espiritismo scientifico delles se serve para triumphar...

Nas rodas mais elegantes, entre *sportsmen* intelligentes, lavra o desespero das communicações espiritas, como em Pariz o automobilismo.

Ainda ha alguns mezes senhores do tom, ao voltarem do Lyrico, encasacados e de gardenia ao peito, communicavam-se no hotel dos Estrangeiros com as almas do outro mundo, por intermedio de uma cantora, *medium* ultra-assombroso.

A'tarde na Colombo, esses senhores combinavam a *partie de plaisir*, e á noite nos corredores do Lyrico, emquanto o Caruso rouxinoleava corpulentamente para encanto das almas sentimentaes, elles prelibavam as revelações somnambulicas da *medium* musical.

Esses factos são raros, porém, e as experiencias assombrosas multiplicam-se; os *mediuns* curam creaturas a morrer. Leoncio de Albuquerque, que tratava caridosamente a Saude em peso, annuncia, sem tocar no doente, o primeiro caso de peste bubonica, e cada vez mais augmenta o numero dos crentes.

O meu amigo dizia-me:

— Nunca se viu uma crença que com tal rapidez assombrasse crentes. Se o *Figaro* dava para Pariz cem mil espiritas, o Rio deve ter quasi igual somma de fieis. O Brasil, pela juncção de uma raça de sonhadores como os portuguezes com a phantasia dos negros e o pavor indiano do invisivel, está fatalmente á beira dos abysmos de onde se entrevê o além. A Federação publicou uma estatistica de jornaes espi-

ritas no mundo inteiro. Pois bem : existem no mundo 96 jornaes e revistas, sendo que 56 em toda a Europa e 19 só no Brasil...

— Como se reconhecem as nossas aptidões litterarias!

— Não ria. Tudo na terra tem a sua dupla significação.

— E quaes são essas revistas e jornaes?

— *Mensageiro*, em Manáos, Amazonas. *Luz e Fé* e *Sophia* em Belém, Pará. *A Cruz*, em Amarante, Piauhy. *Doutrina de Jesus*, em Maranguape, Ceará. *A Semana* (sciencias e lettras), no Recife, Pernambuco. *A Verdade*, em Palmares, Pernambuco. *O Espirita Alagoano*, *A Sciencia*, em Maceió, Alagoas. *Revista Espirita*, em S. Salvador, Bahia. *Reformador*, no Rio de Janeiro. *Fraternização*, *Verdade e Luz*, *A Nova Revelação*, *O Alvião* e *A Doutrina*, em Curityba, Paraná. *Revista Espirita*, em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. *A Reencarnação*, no Rio Grande. *O Allan Kardec*, em Cataguazes, Minas Geraes.

— Como começou esta propaganda no Brasil?

— Homem, o Sr. Catão da Cunha diz que os primeiros espiritas brasileiros appareceram no Ceará ao mesmo tempo que em França. A propaganda propriamente só começou na Bahia, no anno de 1865, com o Grupo Familiar do Espiritismo.

Era o espiritismo em familia, *ab ovo*, porque aos quatro annos depois surgiu o primeiro jornal, dirigido pelo Dr. Luiz Olympio Telles de Menezes, membro do Instituto Historico da Bahia. Esse jornal intitulava-se *O Echo de Além Tumulo*. A propaganda tem sido rapida.

Ainda em 1900 no seu relatorio ao Congresso Espirita e Espiritualista de Pariz, a Federação accusava adhesões de setenta e nove associações e o apparecimento de trinta e dous jornaes e revistas de propaganda, entre os quaes o *Reformador*, que conta vinte e quatro annos de existencia.

Basta esse relatorio para affirmar a força latente da crença.

— Vamos á Federação, o centro onde se praticam todas as virtudes do espiritismo. Verá com os seus proprios olhos.

A Federação fica na rua do Rosario 97. E' um grande predio, cheio de luz e de claridade. Cumprem-se ahi os preceitos da orthodoxia espirita; não ha remuneração de trabalho e nada se recebe pelas consultas. A directoria gasta parte do dia a servir os irmãos, tratando da contabilidade, da bibliotheca, do jornal, dos doentes. A installação é magnifica. No primeiro pavimento ficam a bibliotheca, a sala de entrega do receituario, a secretaria, o salão de espera dos consultantes e os consultorios. Seis *mediuns* psychographicos prestam-se duas horas por dia a receitar, e as salas conservam-se sempre cheias de uma multidão de doentes, mulheres, homens, creanças, figuras dolorosas com um laivo de esperança no olhar.

A casa está sonora do rumor continuo, mas tudo é simples, caridoso e sem espalhafato. Quando entramos não se lhe altera a vida nervosa. A Federação parece um banco de caridade, installado á beira do outro mundo. Os homens agitam-se, andam, conversam, os doentes esperam que os espiritas venham receitar pelo braço dos *mediuns*, e os *mediuns*, sob

a acção psychographica, fallam e conversam emquanto o braço escreve.

Atravessamos a sala dos clientes, entramos no consultorio do Sr. Richard. Ha uma hora que esse honrado cavalheiro, espirita convencido, escreve e já receitou para quarenta e sete pessoas.

— Ha curas? perguntamos nós, olhando as fileiras de doentes.

— Muitas. Nós, porém, não tomamos nota.

— Mas o senhor não se lembra de ter curado ninguem?

— A mim me dizem que puz boa uma pessoa da familia do general Argollo. Mas não sei nem devo dizer. E' o preceito de Deus.

Deixamol-o receitando, já perfeitamente normalisados com aquelle ambiente estranho, e interrogamos. Ha milhares de curas. A Sra. Georgina, esposa do Sr. Cesar Pacheco, depois de louca e cega, ficou boa em dez dias; o Sr. Julio Cesar Gonçalves, morador á rua de Sant' Anna n. 26, que tinha o corpo num só darthro, curou-se em dous mezes com passes magneticos; D. Jesuina de Andrade, viuva, quasi tisica, em trinta dias salva, e outros, outros muitos.

Que valor têm essas declarações? Os doentes enfileirados parece crerem e o Sr. Richard é a fé em pessoa. E' quanto basta talvez.

No segundo pavimento, encontramos desenhos de homens ignorantes inspirados pelos grandes pintores. Raphael guia a mão de operarios em movimentados quadros de batalhas, e outros pintores mortos, sob incognito, fazem desenhos extraordinarios por intermedio de machinistas da armada...

Essas cousas nos eram explicadas simplesmente, como se tratassemos de cousas naturaes.

— Quando ha sessão? perguntou o nosso amigo.

— Hoje, ás 7 horas. Pódem vêr, é a sessão de estudo.

Nós ainda olhámos photographias de espiritos, o retrato de D. Romualdo, um sacerdote que de além tumulo vem sempre visitar a Federação, e esperámos a sessão de estudo, attrahidos, querendo vêr, querendo ter a doce paz daquelles entes.

A sessão começou ás 7 1/2, na sala do 2° andar, toda mobiliada de canella *cirée* com frisos de ouro. Nas cadeiras, cavalheiros de sobrecasaca, senhoras, *demoiselles*. Os bicos Auer accesos banhavam de luz clara toda a sala, e pelas janellas abertas ouviam-se na rua o estalar de chicotes e gritos de cocheiros.

Sem as visitas do irmão Samuel, ninguem diria uma sessão espirita. Depois de lida e approvada a acta da sessão anterior, como na Camara dos Deputados, Leopoldo Cirne, o presidente, que ao começo nos dissera um adeusinho, perfeitamente mundano, transfigura-se e a sua voz toma suavidades ineditas.

— Concentremo-nos, irmãos!

Immediatamente todos fechamos os olhos, como querendo concentrar o pensamento numa unica idéa. As senhoras tapam o rosto com o leque e têm os olhos cerrados. De repente, como movida por todas aquellas vontades, a mão do psychographo cai, apanha o papel, o lapis, e escreve rapidamente linhas adelgadas. No silencio ouve-se o lapis roçando o papel de leve; e é nesse silencio que o lapis pára, o *medium* esfrega os olhos e começa a leitura da communicação.

— « Paz! Ermãos. Deus seja comvosco. As palavras do philosopho grego: conhece-te a ti mesmo... »

E' Samuel o espirito que falla, achando que para comprehender a vida e o bem é necessario antes de tudo conhecermo-nos a nós mesmos. Leopoldo Cirne não se move.

Quando Samuel termina, ouve-se então a sua voz delicada, tremula de humildade.

E' elle quem faz o commentario.

— Meus irmãos, essas palavras que Socrates mandou inserir no templo de Delphos...

E esse homem, que nós vemos tão correcto e tão mundano, gostando de Eça de Queiroz e lendo Verlaine, surge-nos o pastor, o rabbi, o iniciador. O seu semblante espiritualisa-se em attitudes extaticas, a sua voz é a blandicia mesma que nos acaricia a alma prégando a bondade e a demolição das vaidades. As senhoras ouvem-no anciosas; ao nosso lado dizem-no inspirado, actuado pelos espiritos. De tal fórma é subtil o seu raciocinio, de tal fórma des faz velhas crenças no incensario de um Deus espiritual que, de certo, se o actuam espiritos, falla pela sua bocca Ponce de Léon.

Elle cala, enxuga a face. Depois, no estudo do Evangelho, no trecho de Jesus com os escribas e phariseus sobre o alimento da alma, de novo a sua voz corre como um fio d'agua entre sombras macias, sorvida por toda aquella gente attenta e sofrega. Leopoldo Cirne acaba num sopro, tão baixo que mais parece uma vaga harmonia.

Em seguida falla o Sr. Richard, que condemna alguns dos nossos males, entre os quaes o patriotismo — porque não se póde amar uns mais do que outros, quando todos são iguaes perante Deus.

— Terminámos o nosso estudo. Não ha mais quem queira fallar?

Leopoldo Cirne ergueu a loira cabeça de Salvador, fixando os olhos na minha pobre pessoa. Era a attracção do abysmo, uma explicação indirecta, feita como quem, muito cansado da travessia por mundos ignorados, viesse a conversar á beira da estrada com o viandante descrente.

« O Espiritismo, fez elle, ou revelação dos espiritos, systematisada em doutrina por Allan Kardec, que recolheu os seus ensinos ácerca do universo e da vida e das leis que os regem, e com os quaes formou as obras ditas fundamentaes *O Livro dos Espiritos* — *O Livro dos mediuns* — *O Céo e o Inferno* — *A Genese* — *O Evangelho segundo o Espiritismo*, reune o triplice aspecto de sciencia, philosophia e moral ou religião.

Como sciencia de observação, estuda, não sómente os phenomenose espiritas, desde os mais simples, como os ruidos e perturbações (casas mal assombradas) e os effeitos physicos (deslocação de objectos sem contacto), etc., até os mais transcendentes, como as materialisações de espiritos (observações de Crookes, Aksakof, Zoellner, Dr. Gibier, etc.), como tambem todos os phenomenos da natureza, investigando a genese de todos os seres, numa vasta synthese, e nelles buscando a origem do principio espiritual, dos estados mais rudimentares aos mais complexos — pois que um germen, um esboço dessa natureza parece constituir a essencia de toda fórma. Em taes condições, relaciona-se com todos os ramos das sciencias humanas : a physica, a chimica, a biologia, a historia natural, etc., sem esquecer a propria

astronomia, por isso que igualmente sonda o universo sideral, « as diversas moradas da casa do Pai » de que fallou Jesus, e que são os mundos habitados, disseminados no infinito.

Ao lado de taes observações, procura fixar as leis do universo e da vida, das quaes a da evolução é a chave, estando tudo submettido ao progresso, na ordem physica, moral e intellectual.

Como philosophia, sobre esses dados da observação desdobra as mais logicas inducções, partindo do infinitamente pequeno e dos raciocinios mais elementares para o infinitamente grande e até ás mais transcendentes consequencias, isto é, até á demonstração da existencia de Deus.

Sobre aquelle principio da evolução universal, prova com a pluralidade dos mundos a pluralidade das existencias da alma, a immanencia da lei eterna de justiça, em virtude da qual o espirito, depois de cada existencia, colhe as lições da experiencia (de resto, permanente na vida quotidiana) e soffre as consequencias de seus actos bons ou máos, sendo assim feliz ou desgraçado, trazendo para a outra existencia, em uma nova encarnação, as suas acquisições do passado, que se denunciam nas tendencias e aptidões innatas, guardando assim latente a reminiscencia *substancial* desse passado, com esquecimento apenas do *circumstancial*, isto é, dos factos concretos e dos incidentes, além de tudo porque no cerebro actual só se acham gravadas as impressões dessa nova vida. Tudo o mais está guardado nas profundezas da sub-consciencia, podendo reapparecer nos estados de somnambulismo e, em geral, em todos os casos de desdobramento — experiencias

do magnetismo e de psychologia transcendental.

Assim prosegue, de vida em vida, a evolução *infinitæ* do espirito, sendo-lhe accessiveis todas as perfeições, que conquistará pelo proprio esforço.

Com a evolução dos individuos e, por conseguinte, das humanidades, coincide a evolução dos mundos physicamente, devendo a nossa terra, como todas as do espaço, ao aperfeiçoamento já assignalado das épocas prehistoricas aos nossos dias accrescentar novos e constantes aperfeiçoamentos, em harmonia com essas maravilhosas leis da creação, que constituem o lado mais bello do estudo philosophico do Espiritismo.

Como moral ou religião e no sentido de favorecer a realisação do seu ideal philosophico, o Espiritismo se propõe o restabelecimento do Evangelho de Jesus, que a igreja deturpou e fez cahir no olvido.

O seu lemma é : « Fóra da caridade não ha salvação ». E' por conseguinte tolerante e, fiel ás maximas christãs fundamentaes : « Não faças aos outros o que não queres que te façam ». — « Ama o teu proximo como a ti mesmo », não hostilisa nenhuma crença, respeitando todas as convicções sinceras.

E', sob qualquer dos seus aspectos, partidario do livre exame, nada recommendando que seja acceito e admittido sem a sancção do raciocinio, porque sabe, com o Mestre Allan Kardec, que « a unica fé inabalavel é aquella que póde encarar a razão face a face, em todas as épocas da humanidade ».

O Espiritismo, em summa, sobre explicar todas as apparentes anomalias da vida, vem offerecer o conforto e a esperança aos que soffrem, aos que erram

e se transviam no mal, cedendo ás suas multiplas ciladas; vem esclarecer ácerca das suas responsabilidades, dando á vida um objectivo alto, nobre e digno, sobranceiro ás torpes materialidades e ás transitorias vicissitudes; aos que procuram lealmente a verdade proporciona um ideal que ultrapassa as mais exigentes aspirações do intelligencia e da razão.

A todos offerece a calma interior, a paz, a resignação, a paciencia e a fé inabalavel no futuro. E', pois, o problema da regeneração e da felicidade humana que vem resolver. »

Houve um longo silencio. Um homem magro levanta-se e conta que veiu da casa de um irmão agonisante. O irmão deseja uma oração e pede aos amigos não o deixem de vêr.

— Concentremo-nos! diz de novo a voz expirante do presidente.

As frontes curvam-se, o *medium* toma o lapis. E' Samuel que volta.

— Paz! diz elle, a vaidade é um monte que nos separa do bem. Entretanto, irmãos...

Com a presença do espirito de Samuel, levantam-se todos e Richard faz a oração pelo irmão agonisante para que o guarde em bons céos.

Depois um arrastar de cadeiras, apertos de mão, riso, conversa. Está acabada a sessão. Leopoldo Cirne volta da sua transfiguração, recobrando a voz habitual e a cortezia de sempre.

Faço, receioso, um cumprimento aos seus dotes sagrados.

— Ah! sim? faz elle, pasmado, como se nunca se tivesse ouvido.

Então peguei no chapéo sorrateiramente. Esse

constante estado fluctuante entre a realidade e o invisivel, essas fugidas ao espaço para conversar com os espiritos, a caridade evangelica do homem á beira do real, eram allucinantes. Desci as escadas devagar, aquellas escadas por onde subia sempre a romaria dos enfermos; na rua enxuguei a fronte, olhando o edificio, menos mysterioso que qualquer club politico. E como passasse um bond inteiramente vazio, reflecti que esse bond podia bem ser como o do marechal Quadros e voltei, a pé, devagar, para não dar encontrões nas pessoas que talvez commigo tivessem passado todo aquelle dia do outro mundo.

OS EXPLORADORES

False Sphinx! False Sphinx! by reedy Styx
Old Charon learning on his oar
Waits for my coin. Go thou before...

Ao chegar á praça Onze, tomámos por uma das ruas transversaes, escura e lobrega. Ventava.

— E' aqui, murmurou cansado o nosso amigo, parando á porta de um sobrado de apparencia duvidosa.

Havia oito dias já andavamos nós em peregrinação pelo baixo espiritismo. Elle, intelligente e esclarecido, dissera :

— Ha pelo menos cem mil espiritas no Rio. E' preciso, porém, não confundir o espiritismo verdadeiro com a exploração, com a falsidade, com a crendice ignorante. O espiritismo data de 1873 entre nós, da creação da Sociedade de Confuncio. Talvez de antes; data de umas curiosas sessões da casa do Dr. Mello Moraes Pai, a bondade personificada, um homem que andava de calções e sapatos com fivelas de prata. Mas, desde esse tempo, a religião soffre da

incomprehensão de quasi todos, substitue a feitiçaria e a magia.

Foi então que começámos ambos a percorrer os centros, os fócos dessa tristeza.

O Rio está minado de casas espiritas, de pequenas salas mysteriosas onde se exploram a morte e o desconhecido. Esta pacata cidade, que ha 50 annos festejava apenas a côrte celeste e tinha como supremo mysterio a mandinga o preto escravo, é hoje como Byzancio, a cidade das cem religiões, lembra a Roma de Heliogabalo, onde todas as seitas e todas as crenças existiam. O espiritismo diffundiu-se na populaça, enraizou-se, substituindo o bruxedo e a feitiçaria. Além dos raros grupos onde se procede com relativa honestidade, os desbriados e os velhacos são os seus agentes. Os *mediuns* exploram a credulidade, as sessões mascaram cousas torpes e de cada um desses viveiros de fetichismo a loucura brota e a hysteria surge. Os ingenuos e os sinceros, que se julgam com qualidades de mediumnidade, acabam presas de patifes com armazens de cura para a exploração dos credulos; e a velhacaria e a sem-vergonhice encobrem as chagas vivas com a capa santa do espiritualismo. Quando se começa a estudar esse mundo de desequilibrados, é como se vagarosamente se descesse um abysmo torturante e sem fundo.

A policia sabe mais ou menos as casas dessa gente suspeita, mas não as observa, não as ataca, porque a maioria das auctoridades têm medo e fé. Ainda ha tempos, um delegado moço frequentava a casa de um espirita da praia Formosa para se curar da syphilis. Se os delegados são assim apavorados do

futuro, reduzindo a mentalidade á crença numa panacéa mysteriosa, o pessoal subalterno delira...

— Veja você, disse-nos o amigo espirita, toda a nossa religião resume-se nas palavras de Christo á Samaritana : « Deus é espirito e em espirito quer ser adorado ». Essa gente não comprehende nada disso, maravilha-se apenas com a parte phenomenal, com a canalhice e a magia. E' horrivel. Os proprietarios dos estabelecimentos de cura animica a preço reduzido exploram ; o povaréo vai todo, alliando as crendices do novo ás bagagens antigas. São catholicos ou perdidos a servirem-se dos espiritos como de um baralho de cartomante.

Com effeito, todas as casas em que entrámos, estavam sempre cheias. Na maioria frequentam-nas pessoas de baixa classe, mas se pudessemos citar as senhoras, as damas do *high-life* que se arriscam até lá, a lista abrangeria talvez metade das creaturas radiosas que frequentam as récitas do Lyrico. Alguns desses logares equivocos não são só engodos da credulidade, servem de mascaras a outras conveniencias. A sessão fica na sala da frente, mas o resto da casa, com camas largas, é alugado por hora a alguns pares de irmãos. O *medium*, nesses momentos, deixa o estado somnambulico para servir o freguez, e um centro espirita revestido de mysterio, com o apparato das portas fechadas, dos passes e das velas accesas, transforma a crença, cuja oblata é a virtude maxima, numa nodoa de descaro sem nome.

Nós visitámos uns cincoenta desses milhares de centros. A cidade destá coalhada delles. Ha em algumas ruas dous e tres. Estivemos no Andarahy

Grande, na rua Formosa, na estação do Rocha, na rua da Imperatriz, no morro do Pinto, na praia Formosa, no Engenho de Dentro, na rua Frei Caneca, na rua Francisco Eugenio, assistindo ás sessões e ouvindo a vizinhança, que é sempre o thermometro da moralidade de qualquer casa.

Um pouco de scepticismo ou de simples crença basta para comprehender a pulhice dessas pantomimas lugubres.

Assim, ha uma tropa de mulheres, a Galdina da rua da Alfandega, a negra Rosalina da rua da America, a Aquilina da rua do Cunha, a Amelia do Aragão, a Zizinha Viuva da rua Senhor de Mattosinhos, a Augusta da rua Presidente Barroso, a Thomazia da rua Torres Homem n. 14, que estabelecem o commercio com consultas de 500 réis para cima e praticam cousas horrendas, abortos, violações a preço fixo e têm trabalhos em que são acompanhadas de secretarias; ha espiritas ambulantes, como o negro Samuel, que já foi cozinheiro, móra na rua Senador Pompeu n. 157 e vai de casa em casa fazer passes; ha mulatos pernosticos, o Zizinho da rua de S. Januario, o Claudino da rua de Sant'Anna, o Joãosinho da rua Sorocaba, com consultas nocturnas; ha portuguezes como um tal Sr. Carneiro, da Praia Formosa, e o Simões, da rua Visconde de Itauna, que exigem 20$ por consulta e mandam os doentes comprar uma vela de cera e tomar um banho de cevada... Ha de tudo, até synetas, rapazes de passinho rebolado, que quando não prestam mais para o commercio publico estabelecem-se nas ruas do meretricio com adivinhações espiritas!

E nesse complexo notam-se os centros familiares,

uma porção de centros, alguns dos quaes dão bailes mensaes e, quando não são casas de fabricação de loucuras levando á hysteria senhoras indefesas, servem para a mais desfaçada immoralidade é a mais ousada exploração.

No morro do Pinto a feitiçaria impera. Numa sala baixa, illuminada a kerosene, assentam-se os fieis, mulheres desgrenhadas, mulatinhas bamboleantes, negras de lenço na cabeça com o olhar alcoolico, homens de calças abombachadas, valentes com medo das almas do outro mundo, que ao sahir dalli ou alli mesmo não trepidariam em enfiar a faca nas entranhas do proximo. As luzes deixam sombras nos cantos sujos. No momento em que entrámos, o *medium*, em chinellas, é presa de um tremor convulso. Deante do estrado, uma portugueza, com o olhar de gazella assustada na face vellutinea, espera. A pobre casou, o marido deu para beber e, desgraça da vida! bate-lhe de manhã, á noite, deixa-a derreada.

E' a mãi dessa mulher que está dentro do *medium*. Todos tremem, de olhos arregalados.

De repente, o *medium* estarrece e por trás dos seus dentes, ouve-se uma voz de palhaço:

— Como estás, minha filha, vais bem?

— A mãi! A mãi! murmura a portuguezita infeliz, aterrada, em meio o palpitante silencio.

— Que deve fazer sua filha? pergunta o evocador.

— Ter confiança em Deus. Eu devia estar no inferno. A *misordia* perdôou a mãi della. Toda a desgraça vem de um bruxedo que puzeram na soleira da porta.

— Quem foi? faz a portugueza, numa voz de medo.

— Uma mulata escura que gosta do seu homem. Elle vai ficar bom. Dê-lhe o remedio que eu receitar e crave um punhal no travesseiro tres noites a fio.

Um homem magro, parecido com o general Quintino, faz uns passes ; o *medium* volta a si num sorriso imbecil.

— Está satisfeita ? pergunta o espertalhão dos passes.

— A mãi ! a pobre da mãi tão boa ! A portugueza rebenta num choro convulso ; uma negra epileptica, velha, esqualida, começa a gritar numa crise tremenda, enquanto o homem magro brada :

— Está com o *espirito* máo ! Está mesmo !

Essas scenas sinistras são compensadas por outras mais alegres. Num dos nossos bairros, o *medium* dá sessões de manhã, evoca os espiritos para saber qual é o bicho que ganha e, como é vidente, vê os espiritos com fórmas de animaes.

— E' o burro, é o burro ! grita em estado somnambulico, e a rodinha toda joga no burro.

No Andarahy Grande o curandeiro é divertido e bailarino. Em vesperas de S. João dá um brodio de estalo com ceia copiosa e vinhaça de primeira. Este tem a especialidade das mulheres baratas. A rua de S. Jorge, a da Conceição, a do Senhor dos Passos, a do Visconde de Itaúna lá extravasam a alma sentimental das meretrizes, dos soldados e dos rufiões. O nosso homem cura tudo : darthros, feridas más, constipações, amores mal retribuidos, odios. E' phantastico ! As mulheres têm-lhe uma fé doida. O espiritismo para ellas é o milagre, a intervenção dos espiritos junto de um poder superior. Antes de ir á

consulta, ajoelham no oratorio e vão com todos os seus bentinhos, as figas de Guiné, o espanta máo olhado das negras minas. Mas o cavalheiro do Andarahy é sagrado. Toda essa fé emana, dizem, de uma sua predicção feliz. Uma mulher que voltava da Misericordia recebeu por seu intermedio communicação de que seria honesta; e tres mezes depois um homem sério levou-a. A suburra do Rio venera-o, frequenta-lhe as festas e sustenta-o.

— São infames. O lemma do espirita é: sem caridade não ha salvação. Seja a caridade delles. Quando não são isso, fazem das sessões, como o Torterolli, sessões de orgia publica... Não posso mais!

Afinal, naquella noite tinhamos resolvido acabar a travessia pelos *bas-fonds* da crença, com a alma entristecida pela visão de salas identicas, onde o espiritismo substituia a bisca, os espiritos servem de feiticeiros e dão remedios para pescar amantes; das salas que, como na rua de S. Diogo, mascaram as casas de quartos por hora. A casa da rua transversal á praça Onze seria a ultima a visitar.

— Entre, disse o meu amigo.

Enfiámos por um corredor escuro, subimos. No patamar um bico de gaz silvava, batido pelo vento da rua.

— Papai, dous homens, bradou uma voz de creança.

Logo appareceu, em mangas de camisa, um mulato de bigodes compridos, que se desmanchou em riso e amabilidades para o meu companheiro.

— A que devo as honras? disse sibilando os *ss*.

— As honras, como diz, deve-as alli ao irmão. E' um sympathico que quer crer e anda, na duvida,

á procura da verdade. Que diz você da verdade?

— Verdade? Ora esta! Verdade é o espirito!

— Bravo!

Fomos entrando para a sala de jantar, com moveis de vinhatico e garrafas por todos os aparadores.

— Nem de *preposito*, fez o cabra. O *medium* está alli proseando com a gente.

O *medium* é um typo de *hébêté*, de quasi cretino. Loirinho, de um loiro de estopa, com a face côr de oca e as gengivas sem dentes, é carteiro de 2ª classe dos Correios. Tem a farda suja e a gravata de lado. Durante todo o tempo em que o mulato nos conta as suas curas, elle sopra monosyllabos e remexe a cabeça, dolorosamente, como se lhe estivessem enterrando alfinetes na nuca.

Um mal estar nos invade, como o annuncio de uma grande desgraça.

— Ha typos que usam hervas para fingir que é espirito, diz o curandeiro. Eu não; cá commigo é a verdade. Um desses *araras* põe noz vomica na agua para os doentes lançarem e diz que é o espirito limpando lá dentro. Peccado! Apre! Eu agora tenho um doentinho. Veiu-lhe uma febre de queimar. A mãi não tem quasi dinheiro, mas não o gasta na pharmacia. Eu o curo logo...

De repente parou. Pela escada subia um tropel, e uma mulher magra, livida, aos soluços, entrou na sala.

— Então que ha?

— O pequeno está mal, muito mal, revirando os olhos. Salve-m'o! Salve-m'o!

— E' o tal que eu lhes dizia. Não se assuste, D. Anninha. Eu já lhe disse que o pequeno ficava

bom; os espiritos querem... E para nós : venham vêr.

Levou-nos ao terraço, ao fundo, mergulhou um litro vazio numa tina d'agua, encheu-o, collocou-o em cima da mesa.

— Durma, Zezé, durma!

E esfregou as mãos na cara do carteiro, subitamente em pranto. O homem revirava os olhos, sacudia a cabeça.

— E' o espirito; veiu, quer que seu filho fique bom... E de repente o diabolico começou a estender as mãos do carteiro choroso ao gargalo do litro.

— Não está vendo o espirito entrar? olhe... No litro cheio bolhas de oxygenio subiam vagarosamente e a pobre mulher, agarrando a mesa, com os olhos já enxutos, seguia anciada o milagre que lhe ia salvar o filho.

De repente, porém, uma voz estalou em baixo, na ventania :

— Mamãi! Mamãi. Depressa! Joãozinho está morrendo, Joãosinho morre!

Essas palavras produziram um tal choque que nós saimos desvairados, de roldão, com o mulato e a mulher, sentindo um travor de morte nos labios, angustiados, lembrando-nos dessa creança que a inconsciencia deixára morrer. E na ventania cortada de chuva, entre as variadas recordações dessa vida de oito dias horrendos pelos antros escuros onde viceja o espiritismo falso, a visão dessa creança perseguia-nos cruciantemente, como o remorso de um grande e infinito mal...

AS SYNAGOGAS

Hontem, 14 de Hadar de 1664, eu assisti ás ceremonias do carnaval nas synagogas da Sion fluminense. O esperto Mardocheu, que tudo conseguira com a perfumada belleza de Esther, ao communicar de Suza a sua luminosa victoria, ordenára para todo o sempre diversões e alegria nesse dia. Os filhos de Israel obedecem e, como a patria de Israel é o mundo, nenhuma cidade ainda soffreu por não festejar data tão preciosa. No Rio, tambem hontem, cerca de quatro mil familias divertiram, riram e beberam. Divertiram com discreção, é certo, beberam sem violencia, riram com calma, exactamente porque a gente do paiz de Judá tem a tristeza n'alma e a tenacidade na vida.

As festas do *peisan* foram copiadas dos persas pelos romanos. Os povos modernos copiaram dos romanos, augmentando os dias de prazer e destruindo a intenção cultual da cerimonia. Quem assistiu á orgia continua dos batuques carnavalescos, talvez não possa comprehender como cerca de dez mil judeus commemoramo 14 de Hadar, com tanta modestia e tanta correcção.

Esses dez mil judeus divertiram-se, trocaram presentes, cantaram, ouviram mais uma vez a historia da linda Esther, lida pelo *hhasan* nos sagrados livros, e cada um recolheu um momento o espirito para pensar em Mardocheu, no rei Assuéro e na maneira por que 60 milhões de antepassados foram salvos da morte e do patibulo.

Entretanto, pela vasta cidade, ninguem desconfiou que tanta gente tivesse a alegria n'alma.

E' que os olhos de Israel são receiosos, sempre curvados ao sopro das perseguições, sembre sabios. Festejaram sem que ninguem désse por tal...

O Rio tem uma vasta colonia semita ligada á nossa vida economica, presa ao alto commercio, com differentes classes sem relações entre ellas e differentes ritos.

Ha os judeus ricos, a colonia densa dos judeus armenios e a parte exotica; a gente ambigua, os centros onde o lenocinio, mulheres da vida airada e *caftens*, cresce e augmenta; ha israelitas francezes, quasi todos da Alsacia Lorena; marroquinos, russos inglezes, turcos, arabes, que se dividem em seitas diversas, e ha os *Asknenazi* communs na Russia, na Allemanha, na Austria, os *falachas* da Africa, os *rabbanitas*, os *Karaitas*, que só admittem o Antigo Testamento, os argonicos e muitos outros.

Os semitas ricos não têm no Rio ligação com os humildes nem os protegem como em Pariz e Londres os grandes banqueiros da força de Hirsch e dos Rottchilds. São todos negociantes, jogam na Bolsa, veranciam em Petropolis, vestem-se bem.

Muitos são joalheiros, com a arte de fazer brilhar mais as joias e de serem amaveis. Francezes,

inglezes, allemães, o culto desses cavalheiros apresentaveis e mundanos reveste-se de uma discreção absoluta. Uns praticam o culto intimo, outros não precisam do *hhasan* e fazem juntos apenas as duas grandes cerimonias : a *Ion-Kipur* ou dia das lamentações e do perdão, e o anno novo ou *Rasch-Haschana*.

Algumas synagogas já têm sido estabelecidas nas salas de predios centraes para receber esses senhores. Actualmente não ha nenhuma, estando na Europa quem mais se preoccupava com isso.

As riquezas das nações estão nas mãos dos judeus, brada o anti-semita Drumont, ao vociferar os seus artigos. A nossa tambem está, não porém nas dos judeus daqui, que são apenas homens ricos bem installados nos bancos e na vida.

O outro meio, extraordinariamente numeroso, é onde vicejam o vicio e a inconsciencia, os rufiões e as simples mulheres que fazem profissão do meretricio. Essa gente vem em grandes levas da Austria, da Russia, de Marselha, de Buenos-Aires, e habita na maior parte na praça Tiradentes, nas ruas Luiz de Camões, Tobias Barreto, Sete de Setembro, Espirito-Sancto, Senhor dos Passos e nas ruellas transversaes á rua da Constituição. Comem quasi todas numas pensões especiaes dessas ruas equivocas, pensões sujas em que se reunem homens e mulheres discutindo, bradando, gritando. O alarido é ás vezes infernal, porque, quasi sempre numa briga de casal, ella explorada por elle, todos intervêm, dão razão, estabelecem contendas. Nestas casas guardam não raro uma sala para costura e outra destinada á synagoga.

Ha mais mulheres do que homens. Os homens são intelligentes, espertos, sabem e explicam com clareza, as mulheres são profundamente ignorantes da propria crença. Quasi nenhuma sabe a data exata das festas, a sua duração, a sua razão de ser. E' interessante interrogal-as, gastar algumas horas visitando as alfurjas apartadas desta babel americana.

— Então vai á synagoga?

— Oh! aqui não ha nada direito; em Buenos-Aires sim.

— Mas você vai sempre a estas reuniões?

— Vou. Então podiar deixar de ir?

— Por que vai?

— Porque tenho que ir. Quando saio de casa, deixo uma vela accesa.

— Porque?

— E' costume.

— A festa do anno novo quantos dias dura?

Uma nos diz trez dias, outra oito, outras respondem vagamente. Entretanto, russas, inglezas, francezas, fazem questão de se dizer judias e obedecem á fé. No dia do *Kipur*, ou dia do perdão, do arrependimento e das lamentações, fecham-se os prostibulos, todas ellas vão ás synagogas improvisadas soluçar os peccados do anno inteiro, os peccados sem conta. As' 4 da tarde fazem uma refeição sem pão, sem carne e desde que no céo palpita a primeira estrella, até ao outro dia, quando de novo Lucifer brilha, não se alimentam mais, limpas de todos os desejos e de todas as necessidades humanas...

Estes judeus reunem-se em qualquer parte, o mais lettrado lê a historia no topico necessario, e choram e riem ou cantam, conforme é necessario, crentes

ignorantes. As synagogas ambulantes estão cada anno numa rua. As ultimas reuniões deram-se na rua do Espirito-Sancto, na rua da Constituição, e na rua do Hospicio. E' chefe do culto, dirigindo os convites e organisando as festas, uma meretriz, a Norma, que ultimamente introduziu no Rio o *entôlage*, o roubo aos freguezes.

A outra sociedade, a mais densa, é a dos armenios e a dos marroquinos. Essa fez-se de grandes levas de immigração para o amanho de terra, em que o Brasil gastou muito dinheiro. Os agentes em Gibraltar acceitavam não só familias como homens solteiros. As colonias não deram resultados; no Iguassú os colonos fugiam aos poucos, e em outros logares foi impossivel estabelecel-os, porque o povo até os julgava com chifres de luz como Moysés.

Os judeus arabes appareceram por aqui na miseria, mas aos poucos, pela propria energia, tomaram o commercio ambulante, viraram *camelots*, montaram armarinhos e acabaram prosperando. Ha ruas inteiras occupadas por elles, naturalmente ligados aos turcos mahometanos, aos gregos scismaticos e a outras religiões e ritos degenerados, que pullulam nos quarteirões centraes.

Nas levas de immigrantes vieram homens intelligentes e cultos. O *hhasan* David Hornstein é um exemplo. Esse homem cursou doze annos a Universidade Talmudica, é polyglotta, professor, correspondente de varios jornaes escriptos em hebreu e rabbino diplomado da religião judaica. David estava na Palestina, na colonia Rishon l' Sion, uma especie de companhia que o fallecido barão B. Rothschild installára em terrenos comprados ao sultão, com grande

odio dos beduinos. Nessa colonia havia medicos, advogados, russos nihilistas. O resultado foi a sublevação, que o amavel barão, depois da morte do administrador, acabou, dispersando os amotinados. Vinte dous desses homens, entre os quaes David e o erudito Kulekóf, que acabou rico em S. Paulo, partiram para Bayreuth, depois para Pariz. Hirsh deu-lhe 500 francos, fazendo um discurso camarario.

Os judeus revolucionarios foram para Gibraltar e ahi embarcaram para o Brasil. Todos acabaram com furtuna, menos o rabbino, que ficou ensinando linguas, porque o sacerdote judeu não vive do seu culto.

E' esta parte densa da colonia judaica que tem duas synagogas estaveis, uma na rua Luiz de Camões 59 e outra na rua da Alfandega 369.

A synagoga da rua Luiz de Camões é do rito argonico. Entra-se num corredor sujo, onde creanças brincam. Aos fundos fica a residencia da familia. Na sala da frente está o templo, que quasi sempre tem camas e rêdes por todos os lados.

As taboas de Moysés negrejam na parede; a um canto está o altar, e na extremidade opposta fica a arca onde se guarda a sagrada historia, resumo de toda a sciencia universal, escripta em pelle de carneiro e enrolada em formidaveis rolos de carvalho. Só nos dias solemnes se transforma o templo. David Hornstein faz as cerimonias no meio da sala, no altar, envolto na sua tunica branca riscada nas extremidades de vivos negros, com um gorro de velludo enterrado na cabeça. Muito myope, o *hhasan* é acompanhado por tres pequenos que entoam o côro.

No altar David retira a capa de velludo roxo dos rolos, abre-os da esquerda para a direita. Ao lado

guiam-lhe a leitura com uma mão de prata. Ahi, immovel, sem se mexer, faz a oração secreta para que Deus o attenda e o perdôe de ser enviado e ousar rogar pelo seu povo.

Jehovah naturalmente attende e perdôa. O *hhasan* infatigavel já tem desenhado cento e cincoenta sepulturas, já praticou a circumcisão em cerca de setecentos pequenos, já baptisou, mergulhando em tres banhos consecutivos, muitas meninas, já casou muitos judeus e prospera fallando dos nossos politicos e citando os deputados com familiariedade.

A synagoga da rua da Alfandega é muito mais interessante. Occupa todo o sobrado do predio 363, que é vulgar e acanhado, como em geral os do fim daquella rua. Sobe-se uma escada ingreme, dá-se num corredor que tem na parede as taboas de Moysés.

Ahi vive outro Moysés, o *hhasan*, com uma face hespanholada e um ar bondoso. Na sala de jantar estão as paredes ornadas de symbolos, representano as doze tribus de Judá, e ahi passam Moysés ella de lenço na cabeça, elle com com um chapéo de palha velho.

A sala da frente é destinada ás cerimonias. Quasi não se póde a gente mover, tão cheia está de bancos. No meio collocam o altar de vinhatico envernizado, em que o *hhasan* fica de pé lendo ou cantando.

Nas paredes apenas as taboas, ao fundo a arca com cortinas de seda, onde se guarda o sagrado livro. Do tecto pendem presos de correntes brancas vasos de vidros, cheios d'agua onde lamparinas colossaes queimam crepitando. Sobre o altar desce o lustre de crystal, chispando luzes nos seus multiplos pin-

gentes. Além de Moysés, ha outro sacerdote, Salomão, tão devoto, que é o *hhassidim*...

Foi nesta synagoga, indicada por um negro falacha, cuja origem vem dos tempos de Salomão e da rainha de Sabá, que eu assisti ao *peisan*.

— Oh! elles são bons e se protegem uns aos outros, dizia o negro assombroso. A vida do judeu pobre é a do pouco comer, do pouco gosar, do muito soffrer. Agora, fizeram a *Irmandade de Protecção Israelista*.

Eu olhava a turba colorida, a serie de perfis exoticos, de caras hespanholas e arabes, de olhos luminosos brilhando á luz dos lampadarios. Havia gente morena, gente clara, mulheres vestidas á moda hebraica de tunica e alpercata, mostrando os pés, homens de chapéos enterrados na cabeça, caras femininas de lenço amarrado na testa e creanças lindas. O *hhasan*, paramentado, lia solemnemente e toda aquella exquisita illuminação de baldes de vidro, fazendo halos de luz e mergulhando n'agua translucida as mechas das lamparinas, aquelle lustre, onde as luzes ardiam, eram como um visão de sonho estranho.

Emquanto o *hhasan* lia, com os pés juntos, sem mover siquer os olhos, com uma voz acida tremendo no ar, todos tinham nas faces sorrisos de satisfação.

As cidades serão destruidas a ferro e fogo se não festejarem este dia do mez de Hadar. Nós festejamos. E deante das lampadas, para aquelle punhado de judeus, a historia desenrolava a maravilha de Assuero, que reinou desde a India até á Ethiopia sobre cento e vinte cidades. Era Suza, a capital maravilhosa, Esther suave e candida, substituindo a rainha Vashi,

Mardocheo sentado á porta do templo sem adorar Aman, a quem Assuero tudo dava, Aman forçado a levar Mardocheo em triumpho, tudo por causa de uma mulher tremula e timida, que desmaiava, salvando 60 milhões de judeus e mandava matar quinhentos inimigos, pedindo concessões identicas para as provincias.

Era a data dessa matança; festejava-se o dia em que Aman foi para o patibulo que preparára para Mardocheo, e o momento em que se espatifara Arisai, Phrasandata, Delphon, Ebhata, Foratha, Adalia, Aridatha, Phermesta, Aridai e Jeratha.

Mas daquelle livro sagrado, entre aquellas illuminações, a fé destillava a suprema delicia. Era como se cada palavra recordasse os banquetes dados aos principes nos atrios do palacio ornado de pavilhões da côr do céo, da côr do jacintho e da côr da assucena; era como se cada periodo abrisse a visão das columnas de marmore, dos leitos de prata e ouro e dos pavimentos embutidos, onde esmeraldas rolavam...

Nós estavamos apenas numa sala estreita que fingia de synagoga, no fim da rua da Alfandega.

Paris. — Tip. Garnier Hermanos, 6, rue des Saints-Pères.

EXTRACTO DO CATALOGO

DA

LIVRARIA DE H. GARNIER

71, rua do Ouvidor, 71	6, rue des Saints-Pères 6
RIO DE JANEIRO	PARIS

I. — LITTERATURA

1.° — PROSA

Ancia eterna. Romance de JULIA LOPEZ DE ALMEIDA. 1 vol. in-18 enc. br. . . . . .

Alfarrabios. Chronica dos tempos coloniaes, por J. M. DE ALENCAR; contendo :

I. **O Garatuja**. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br . . . . 2$000

II. **O Ermitão da Gloria** e a **Alma do Lazaro**. 1. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Alma (A) e o cerebro, estudos de psychologia e de physiologia, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.°. . . . . 8$000

Alma Dorida. Romance, por CYRO DE AZEVEDO. 1 vol. in-18. . . . . 0$000

Artistas do meu tempo. Romance, por MELLO MORAES FILHO 1 vol . . . . . .

Baroneza (A) de amor, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Ben-Hur. Romance dos tempos de Jésus-Christo, por LEWIS WALLACE. 1 vol. br. 3$008, enc. . . . . 4$000

Brazileiras celebres, por J. NORBERTO DE SOUZA SILVA. 1 v. in-8.° enc. . . . . 3$000

Cabana (A) do tio Thomaz. Romance, por BEECHER STOWE . . . . . .

Caça (A) de um baronato. A herança esperada e inesperada, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . 1$000

Casa de pensão, por ALUIZIO AZEVEDO, 1 v. in-8° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Casamento de tirar o chapéo. O Diabo não é tão feio como se pinta. Charadas da Campanha. Uma viagem ao sul do Brazil, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1$600 br. . . 1$000

Casamento perfeito, por DE ANDRADE. 1 v. in-32. .

Carteira (A) do meu tio, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.° enc. 3$000 br . . . . . 2$000

Casamento (Um) no arrabalde, por FRANKLIN TAVORA 1 v. in-4.° br . . . . . 1$000

Chanaan, Romance de GRAÇA ARANHA (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 br. 4$000, enc. 5$000, souple. . . 6$000

Ciganos no Brazil (Os). Contribuição ethnographica, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO, 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000

Cinco minutos. A Viuvinha. Romances, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Commentarios e Pensamentos, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-8.° enc. 4$000, 3$000

Condessa vesper (A), por ALUIZIO AZEVEDO. 1 vol. in-18 enc 4$000, br . . . . . 3$000

Confederação (A) dos Tamoyos, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 1 v. . . . . 8$000

Contos da roça, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR, 2 vs. enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Contos ephemeros, por ARTHUR AZEVEDO, 1 v. enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Contos Fluminenses,, contendo Miss Dollar, Luiz Soares. A mulher de preto. O segredo de Augusta, Confissão de uma moça, Frei Simão, Linha recta e linha curva, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8°. enc. 5$000, br. . . 4$000

Contos fora da moda, por ARTHUR AZEVEDO (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 enc. 4$000, br . . . . . 3$000

Contos possiveis, por ARTHUR AZEVEDO, 1 v. in-8°. enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Contos sem pretenção. A alma do outro mundo. O ultimo concerto. O homem e o Cão, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Correr (Ao) da Penna. (Folhetins.) Revista hebdomadaria das paginas menores do « Correio Mercantil », por J. M. DE ALENCAR, 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Cortiço (O), por ALUIZIO AZEVEDO, 1 v. in-8.°, enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Coruja (O), por ALUIZIO AZEVEDO, 1 v. in-8.°, enc. 4$000 br. . . . . 3$000

Crime (O) do Padre Amaro, por EÇA DE QUEIROZ, 1 gr. v. in-8° br. . . . . 9$000

Culto (O) do Dever. Romance, pelo do Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-8.° enc. 3$000 br. . . . . 2$000

Curiosidades, Noticias e variedades historicas brazileiras, por MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8°. enc. 3$000, br. 2$000

Curso de litteratura brazileira. Ou escolha de varios trechos em prosa e verso de autores nacionaes antigos e modernos, seguido dos *Cantos do Padre Anchieta.* pelo Dr. A. S. DE MELLO MORAES FILHO, 3.ª edição consideravelmente melhorada. 1 grosso v. in-4.° enc.. . . . . 6$000

Curvas e Zig-Zags. Contos humoristicos, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Diva. Perfil de Mulher. Romance, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Dois metros e Cinco. Romance, por CARDOSO DE OLIVEIRA . . . . . 0$000

Dom Casmurro, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000
Dôr, por ESCRAGNOLLE DORIA. Livro de contos, 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Dous (Os) Amores. Romance brazileiro, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . 4$000
Dous dias de felicidade no campo, seguido do Curso de experiencia repentina. Pensamentos de pequena superficie, mas de grande profundidade. O relogio de Gertrudes, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . . 1$000
Doutor (O) Benigno, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR. 2 vs. in-8.° enc. 2$000 br. . . . . 3$000
Ensaios de sociologia e litteratura, por SYLVIO ROMERO (da Academia Brazileira). 1 vol. in-8.° enc. 5$000, br. 4$000
Epochas e Individualidades. Estudos litterarios por CLOVIS BEVILAQUA. 1 v. in-8.° enc. 4$000 br. . . . . 3$000
Ermitão (O) da Gloria. A Alma de Lazaro, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° 3$000 br. . . . . 2$000
Ermitão (O) de Muquem, ou a historia da romaria de Muquem na provincia de Goyaz, romance de costumes nacionaes, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Esaú e Jacob. Romance, por MACHADO DE ASSIS. 1 vol. in-18, br . . . . . 0$000
Esboços Litterarios, por ABHERBAL DE CARVALHO. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br . . . . . 3$000
Escriptos e Discursos litterarios, por J. NABUCO (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 enc. 5$000, br. . 4$000
Estudos de Litteratura brazileira, por JOSÉ VERISSIMO (da Academia Brazileira). 3 vols, in-18, cada vol. amador 6$000, enc. 5$000, br. . . . . 4$000
Escrava (A) Isaura, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Estudos e Ensaios, por J. C. DE SOUZA BANDEIRA. 1 vol. in-18 enc. 4$000 br. . . . . 3$000
Factos do Espirito Humano, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 1 v. in-8.° enc. 8$000, br. . 6$000
Factos e Memorias. Romance por MELLO MORAES Filho. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000
A Familia Aguilha, por LUIZ GUIMARÃES junior, 2 vols. in-18 enc. 6$000, br . . . . . 4$000
Fantina, scenas da escravidão, por F. C. DUARTE BADARÓ. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . . 1$000
Fatalidades (As) de dous jovens. Recordações dos tempos coloniaes, por TEIXEIRA E SOUZA. 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000
Favos e Travos, por ROZENDO MUNIZ. Romance. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Foragido (O), por PEDRO AMERICO DE FIGUEIREDO, com uma noticia biographica, por J. M. CARDOSO DE OLIVEIRA. 1 v. in-8.°, enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Festas e tradições populares do Brazil, pelo Dr. MELLO

MORAES Filho, 1 v. com illustracções, in-4.° enc. 8$000 br. . . . . 6$000

Forasteiro (O), pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 3 vs. in-8.° enc. 9$000, br. . . . . 6$000

Francezes no Rio de Janeiro (Os). Romance historico, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000

Garatuja (O), por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000. br. . . . . 2$000

Garimpeiro (O), romance por BERNARDO GUIMARAES, 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Gaúcho (O), por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 2 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Guarany (O). Episodios da Historia do Brazil nos primeiros tempos coloniaes, por J. M. DE ALENCAR. 2 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Gil Braz de Santilhana. Romance, por LESAGE . . 0$000

Girandola de Amores já publicado com o titulo. Mysterio da Tijuca, litteratura dos vinte annos, por ALUIZIO AZEVEDO, 1 vol. in-8.° enc. 4$000. br. . . . . 3$000

Guerra dos Mascates, chronica dos tempos coloniaes, por SENIO (J. M. ALENCAR). 2 v. in-8.° enc. 6$000 br. . . 4$000

Guerra dos Mundos, par H.-G. WELLS. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Helena, romance, por MACHADO DE ASSÍS. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Historias Brazileiras, por SYLVIO DINARTE. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Historia da litteratura Brazileira, por SYLVIO ROMERO. 3 vols. in-8.° enc. 21$000, chagr. 30$000. Vendem se cada volume separadamente enc. 8$000, chagr . . . . . 10$000

Historias da Meia Noite, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.° enc, 3$000, br. . . . . 2$000

Historias sem data, por MACHADO DE ASSIS. 1 vol. in-8.° enc. 3$000, br . . . . . 2$000

Holocausto, romance por XAVIER MARQUES. 1 v. in-8.° enc 4$000, br. . . . . 3$000

Homem (O), por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Homens e cousas estrangeiras, por JOSÉ VERISSIMO (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 enc. 5$000, br. . 4$000

Homens e livros, por MAGALHÃES DE AZEREDO (da Acadamia Brazileira). 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Hora (A), por NECTOR VICTOR. 1 vol. in-18 enc 4$000 br. . . . . 3$000

Ilha (A) maldita. — O pão de Ouro, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Indio (O) Affonso, seguido de : **A Morte de Gonçalves Dias**, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-12 enc. 1$600. br. . . . . 1$000

Instrucção (A) publica no Brazil, pelo Conselheiro Dr. JOSÉ LIBERATO BARROSO. 1 v. in-4.° enc. . . . 7$000

Iracema, lenda do **Ceará**, por J. M. DE ALENCAR, 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Lendas e Romances. Uma Historia de Quilombolas. A Garganta do Inferno. A Dansa dos Ossos, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.°, enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Litteratura do Norte, por FRANKLIN TAVORA: 1° O *Cabeleira* — 2° O *Matuto* — 3° O *Lourenço* — 4° *Um casamento no arrabalde*. 4 v. in-18 que se vendem epara mente, cada vol. enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Livro (O) de uma sogra, por ALUIZIO AZEVEDO. 3.ª edição. 1 v. in-8.°, enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Lobos de Pariz (Os), por JULIO LERMINA. 3 v. br. . 9$000

Lourenço de Mendonça. Episodio dos tempos coloniaes, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Luciola. Perfil de Mulher. Romance, por J. M. DE ALENCAR, 1 v. in-8.° enc. 3$000, br . . . . . 2$000

Luneta (A) magica, pelo Dr JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Mãe Tapuia (contos), por MEDEIROS E ALBUQUERQUE (da Academia Brazileira). 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . 3$000

Maias (Os), episodios da vida romantica, por EÇA DE QUEIROZ. 2 grossos volumes in-8.° br. . . . . 16$000

Mandarim (O), por EÇA DE QUEIROZ, 1 v. in-8.°, br. 4$000

Manuscripto de uma mulher, pelo visconde DE TAUNAY. 1 v. in-8.°, enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Mares e Campos. Contos, por VIRGILIO VARZEA. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Mariposas, romance brazileiro, por EDMUNDO FRANK. 2 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Martyres da vida intima, por PIRES DE ALMEIDA. Photographias. 1 v. in-12 enc. 1$600 br. . . . . 1$000

Martyrio (O) do Tiradentes, ou Frei José do Desterro, lenda brazileira, por NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-12, enc. 1$600, br. . . . . 1$000

Mauricio ou os Paulistas em S. João d'El-Rei, por BERNARDO GUIMARÃES. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Memorias posthumas de Braz Cubas, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Memorias da rua Ouvidor, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-4.° enc. 4$000, br . . . . . 3$000

Memorias de um Sargento de Milicias (romance de costumes brazileiros), por M. A DE ALMEIDA, precedido de uma Introducção litteraria, pelo Dr. JOSÉ VERISSIMO, da Academia brazileira. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . 2$000

Memorias do Sobrinho de meu Tio, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8° enc. 6$000, br. . . 4$000

Minas (As) de Prata. Complemento do « Guarany ». Episodio da Historia do Brazil nos primeiros tempos coloniaes. Romance historico; por J. M. DE ALENCAR. 3 v. in-8.° enc, 12$000, br. . . . . 9$000

Minha Formação, por JOAQUIM NABUCO (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 amador 6$000, enc. 5$000, br. . 4$000
Mocidade de Trajano, por SYLVIO DINARTE. 2 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Moço (O) Loiro, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.° enc. 6$000 br. . . . . 4$000
Modernas ideias (As) na Litteratura Portugueza, por THEOPHILO BRAGA. 2 vs. enc. 12$000, br. . . . . 10$000
Moreninha (A), pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Morthala do Alzira (A.). Romance. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Morte dos Deuses. Romance, por DMITRY DE MEREJKOWSKY. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br . . . . . 3$000
Morte moral (A). Novella por A. D. DE PASCUAL. 4 v. in-8.° enc. 16$000, br. . . . . 12$000
Parte primeira. — *Cesar.*
Parte segunda. — *Antonieta.*
Parte terceira. — *Annibal.*
Parte quarta. — *Almerinda.*
Mulato (O). por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Mulheres (As) de Mantilha, romance historico, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 v. in-8.° enc. 6$000 br. . . . . 4$000
Mysterios da Tijuca. Vide *Girandola de Amores.*
Mythos e Poemas. Nacionalismo, pelo Dr MELLO MORAES FILHO. 1 v. enc. 4$000, br . . . . . 3$000
Namoradeira (A). Romance pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.° enc. 9$000, br. . . . . 6$000
Narrativas militares (scenas e typos), por SYLVIO DINARTE. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Nina. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 v. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
No Declinio, por Visconde de TAUNAY. 2ª edição, 1 vol. in-18 enc. 4$000, br . . . . . 3$000
No Hospicio. Romance, por ROCHA POMBO. . . . . 0$000
Noivo (Um) a Duas Noivas. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.° enc. 9$000, br. . 6$000
Nocturnos. Prosa, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR, com uma introducção do Conselheiro JOSÉ DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Noivos (Os) de MANZONI . . . . . 10$000
Novellas, por Dr FABIO LUZ. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Novellas extraordinarias. Contos, por EDGARD POË. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Novena do Candelaria (A), 1 nitido vol. enc. dourada 5$000
Novos estudos de Litteratura Contemporanea, por SYLVIO ROMÉRO. 1 v in-8.° enc. 5$000, br. . . . 4$000

Obras de H. de Balzac:
Eugenia Grandet. *Physiologia do casamento.*
O Lyrio do valle. *Esplendor e miseria das*
O Tio Goriot. *cortezãs.*
D cada vol. enc 3$000, br . . . . . 2$000

Obras do Dr. ANTONIO FERREIRA. 4.ª edição annotada e precedida de um estudo sobre a vida e obras do poeta, pelo conego FERNANDES PINHEIRO, 2 vs. enc. 8$000, rica enc. . . . . 12$000

Obras de MANOEL ANTONIO ALVARES DE AZEVEDO, precedidas do juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e suas obras por J. Norberto de Souza e Silva. 5.ª edição, inteiramente refundida e augmentada. 3 v. in-8.º enc. 9$000, br. 6$000

Opusculos historicos e litterarios, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA, 2.ª edição. 1 v. in-4., enc. . . . . 8$000

Opusculos recreativos e populares, pelo Dr. HAMVELTANDO. 1 v. in-4.º enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Ouro sobre azul, pelo visconde DE TAUNAY, 3.ª edição. 1 v. in-8.º enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Paginas recolhidas, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.º enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Papeis avulsos, por MACHADO DE ASSIS 1 v. in-8.º enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Passeio (Um) pela cidade do Rio de Janeiro, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-4.º com numerosas estampas. . . . . 8$000

Pata (A) da Gazella, por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Pégadas, por ALUIZIO AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Philomena Borges, por ALUIZIO AZEVEDO, 2.ª edição. 1 v. in-8.º enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Primo (O) Bazilio episodio domestico, por EÇA DE QUEIROZ, 1 grosso volume in-8.º br. . . . . 8$000

Prosadores contemporaneos brasileiros, por MELLO MORAES Filho. 1 vol. in-18 cartonado . . . . . 3$000

Provinciano (Um) ladino. Onde se encontra a verdadeira felicidade, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1$000, br. . 1$000

Quadros e chronicas, por MELLO MORAES FILHO, com um Estudo por SYLVIO ROMÉRO. 1 v. in-8.º enc. 6$000, br. 5$000

Quatro (Os) Pontos Cardeaes. A Mysteriosa. Romances, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br . . . . . 2$000

Quincas Borba, por MACHADO DE ASSIS. 1 v v. in-8.º enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Quo Vadis. Romance, por HENRYSK SIENKIEWICZ, amador. 1 vol. in-18 5$000, enc. 1$000, br. . . . . 3$000

Regeneração. Romance social, por CURVELHO DE MENDONÇA. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Reliquia (A), por EÇA DE QUEIROZ. 1 v. in-8.º br. . 6$000

Resurreição. Romance, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Resurreição dos Deuses. Romance, por DMITRY DE MEREJKOWSKY. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Retirada da Laguna (A), pelo Visconde DE TAUNAY, traducção do Dr. B. F. RAMIZ GALVÃO. . . . . 5$000
Rio (O) do Quarto, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Romances da Semana, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.° enc. 2$000, br. . . . . 3$000
Rosa. Romance, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Rosaura, A Enjeitada, romance brazileiro, por BERNARDO GUIMARÃES, 2 vs. in-8.°, enc. 6$000, br . . . . . 4$000
Sabedoria e O Destino (A), por M. MÆTERLINCK. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br . . . . . 3$000
Scenas da vida republicana, reminiscencias do feliz tempo escolar, por FAUSTO. 1 v. in-12 enc. 1$600 br . . . 1$000
Seminarista (O), romance brazileiro por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Senhora. Perfil de Mulher, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Sertanejo (O), romance brazileiro, por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.° enc. 6$000 br. . . . . 4$000
Sonhos d'Ouro, por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Tronco (O) do Ipé, por SENIO (J. M. DE ALENCAR). 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Til. Romance, por J. M. DE ALENCAR. 2 vs. in-8.° enc. 6$000. br. . . . . 4$000
Ubirajara, lenda tupy, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Uma lagrima de Mulher, por ALUIZIO AZEVEDO. 2.ª edição, enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Varias historias, por MACHADO DE ASSIS, da Academia brasileira. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Vicentina, romance, por JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000
Victimas Algozes (As). Quadros da Escravidão pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 2 vs. in-8.° enc. 6$000 br. . . . . 4$000
Yáyá Garcia, por MACHADO DE ASSIS. 2.ª edição, 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000

2.° — POESIA

Album do Trovador Brazileiro, escolha de lindas modinhas recitativos, lundús, romances, arias, canções, melodias, etc., etc. 1 vol. in-8.° br. $500
Alcyones, poesias por CARLOS FERREIRA. 1 vol. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Alvoradas, versos de LUCIO DE MENDONÇA. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Americanas, poesias, por MACHADO DE ASSIS. 1 v. in08.° enc. 3$000,br. . . . . 2$-00C

Aspasia, poesias, pelo Conselheiro PEREIRA DA SILVA. 1 vol. in-8.° nitidamente impresso, enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Brazilianas, poesias por MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE. 1 vol. in-8.° enc. . . . . 6$000

Cachocira (A) de Paulo Affonso. Poema original brazileiro. Fragmento dos escravos, sob o titulo de *Manuscriptos de Stenio*, por CASTRO ALVES. 1 v. in-4.° enc. 3$000, br. 2$000

Cancioneiro dos Ciganos. Poesia popular dos Ciganos da Cidade-Nova, precedida de um estudo sobre a genealogia de seu caracter poetico, contendo fórmulas magicas, velorias e superstições d'esse povo, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Cancioneiro do Brazil, pelo Dr. MELLO MORAES Filho. Collecção escolhida de poesias, lendas e cancões populares do Brazil. E composta dos tres volumes seguintes, que se vendem separadamente :

I. — *Tradicionaes :* Bailes pastoris.
II. — *Actualidades :* Scenas comicas, monologos e cançonetas, recitativos ao piano ou ao violão.
III. — *Hymnos :* Modinhas e lundús, seneratas, barcarolas.

3 vols enc 10$500 br. 7$500 vendem-se separadamente cada volume.

Canticos Funebres, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.° enc. 8$000, br. . . . . 6$000

Cantora brazileira (A.) Nova collecção de Poesias tanto amorosas como sentimentaes, precedida de algumas reflexões sobre a musica no Brazil. E composta dos tres volumes seguintes :

Modinhas brazileiras. 1 v. in-12 enc. 2$000 br . 1$500
Recitativos. 1 v. in-12 enc. 2$000, br. . . . . 1$500
Hymnos, Canções e Lundús. 1 v. in-12 enc. 2$000, br. . . . . 1$500

Cantos do Equador, por MELLO MORAES Filho. Edição definitiva com estudos litterarias de SYLVIO ROMÉRO e XAVIER MARQUES. 1 v. in-12 enc. 3$000 br. . . . . 2$000

Caramurú poema epico de descobrimento da Bahia, por FR. JOSÉ DE SANTA-RITA DURÃO.

Nova edição brazileira, precedida da biographia do autor pelo VISCONDE DE PORTO SEGURO, 1 vol. in-8.° enc. 3$000

Chrysalidas, poesias por MACHADO DE ASSIS. com um prefacio do Dr. CAETANO FILGUEIRAS. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Colombo, poema por MANOEL DE ARAUJO PORTO-ALEGRE. 2 v. in-4.° enc. . . . . 8$000

Corymbos. Poesias por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-4.° br. . . . . 3$000

De Amor, por JAYME GUIMARÃES. 1 vol. in-18 br. . . 2$000

Espumas fluctuantes, por CASTRO ALVES. Nova edição, 1 v. enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Filarmonas, por LUIZ GUIMARÃES JUNIOR. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Flora de Maio, por OSORIO DUQUE ESTRADA. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Flôres e Fructos, poesias por BRUNO SEABRA. 1 v. in-8.º enc. 3$000 br . . . . . 2$000
Flôres entre espinhos, contos poeticos, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.º enc. . . . . 3$000
Flôres Silvestres. Poesias, por F. L. BITTENCOURT SAMPAIO. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Folhas do Outomno, collecção de primorosas poesias, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3$000. br. . 2$000
Horas Sagradas, por CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO, 1 v. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Hugonianas, poesias de VICTOR HUGO, traduzidas por poetas brazileiros, collegidas por MUCIO TEIXEIRA. 1 v. in-4.º br. . . . . 5$000
Iliada de Homero. Trad. em verso portuguez por MANOEL ODORICO MENDES. 1 v. in-4.º enc. . . . . 6$000
Os Lusiadas, por LUIZ DE CAMOES, poema epico, edição classica com uma noticia sobre a vida e obras de autor pelo Conego Dr. J.-C. FERNANDES PINHEIRO e com um estudo sobre *Camões e os Lusiadas* pelo Dr. JOSÉ VERISSIMO, da Academia Brazileira. 1 v. in-12, enc. amador 6$000, dourado 5$000, enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Lyra do trovador. Collecção de modinhas, lundús, serenatas, etc. 1 v. in-8.º br. . . . . 1$000
Marilia de Dirceu, por THOMAZ ANTONIO GONZAGA, nova edição revista por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 2 vs. in-8.º enc. . . . . 6$000
Moniz Barretto, o repentista, estudo, por ROZENDO MONIZ. 1 v. in-8.º enc. 4$000, br. . . . . 3$000
Murmurios e Clamores, poesias de LUCIO DE MENDONÇA (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. 3$000
Nebulosa (A). Poema, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-4.º enc. . . . . 4$000
Novas Poesias, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º 3$000, br. . . . . 2$000
Obras completas de J. M. CASIMIRO DE ABREU, colligidas, annotadas, precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e seus escriptos por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA, nova edição. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000
Obras Poeticas, de CLAUDIO MANOEL DA COSTA. Edição revista por JOÃO RIBEIRO (da Academia Brazileira). 2 vol. in-18. enc. 6$000. br. . . . . 4$000
Obras poeticas, de IGNACIO JOSÉ DE ALVARENGA PEIXOTO, colligidas e precedidas de um juizo critico dos escriptores nacionaes e estrangeiros, e de uma noticia sobre o autor e

suas obras, com documentos historicos, por J. NORBERTO E SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.° enc. . . . . 3$000

Obras poeticas de LAURINDO RABELLO, colligidas, annotadas, precedidas do juizo critico de escriptores, e de uma noticia sobre o autor e suas obras, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 1 v. in-8.° enc. 3$000 br. . . . . 2$000

Obras poeticas, de MANOEL IGNACIO DA SILVA ALVARENGA, colligidas, annotadas e precedidas do juizo dos autores nacionaes estrangeiros, e de uma noticia biographica sobre o autor e suas obras, por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA. 2 vs. in-8.° enc. . . . . 6$000

O outomno, collecção de poesias de ANTONIO FELICIANO DE CASTILHO. 1 v. in-4.° enc. 6$000, br. . . . . 1$000

Opalas, poesias por FONTOURA XAVIER. 1 v. in-8.° br. 2$000

Paraiso Perdido (O), epopéa de João Milton, vertida do original inglez para verso portuguez, por ANTONIO JOSÉ DE LIMA LEITÃO. 2 vs. in-4.° enc. . . . . 12$000

Parnaso Brazileiro, comprehendendo toda a evolução da poesia nacional desde 1556, época em que foi representado o *Auto de S. Lourenço*, do padre Anchieta, até 1880, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. 2 grossos vs. in-8.° enc. 10$000, br. . . . . 8$000

Parnaso Juvenil ou **poesias moraes**, collecionadas, adaptadas e offerecidas á mocidade, por ANTONIO MARIA BARKER. 8.ª edição 1 v. in-8.° enc . . . . . 3$000

Phalenas, por MACHADO DE ASSIS. Poesias: Varia, Lyra chineza. Uma ode de Anachreonte, Pallida Elvira. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Poesias: Cantos da Solidão, Inspirações da tarde, Poesias diversas, Evocações, seguidas de notas, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br . . . . . 3$000

Poesias avulsas, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.° enc. 8$000, br. . . . . 6$000

Poesias, de A. GONÇALVES DIAS, 8.ª edição augmentada com muitas poesias, inclusive os Tymbiras, e cuidadosamente revista por J. NORBERTO DE SOUZA E SILVA, precedida da biographia do autor, pelo Sr. Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 2 vs. in-8.° enc. 6$000 br. . . . . 4$000

Poesias de FRANCISCO DE PAULA BRITO, precedidas de uma noticia sobre o autor pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-4.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Poesias, por ANTONIO SALLES. 1 vol. in-18 enc. 4$000 br. . . . . 3$000

Poesias de MEDEIROS ALBUQUERQUE (da Academia Brasileira). 1 vol. in-18, enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Poesias, por OLAVO BILAC. 1 vol. in-18 souple 5$000, enc. 4$000, br . . . . . 3$000

Poesias, por ALBERTO DE OLIVEIRA, da Adademia Brazileira. Meridionaes, Sonetos e poemas. Versos e Rimas, por amor de uma lagrima e Livro de Emma, edição definitiva, com juizos criticos de Machado de Assis, Araupe Junior e Affonso Celso (todos da Academia Brazileira) com o re-

trato do autor. 1 vol. nitidamente impresso em Paris, enc. 6$000, br. . . . . 5$000

Poesias completas, por MACHADO DE ASSIS (da Academia Brazileira). 1 vol. in-18 amador 6$000, enc. 5$000, br. 4$000

Poesias completas, por LUCIO DE MENDONÇA. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Poesias escolhidas, por AFFONSO CELSO da Academia Brazileira) 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Poesias escolhidas, por MUCIO TEIXEIRA. 2 vols. in-18.

Poesias posthumas de FAUSTINO XAVIER DE NOVAES. 1 vol. in-4.° enc. . . . . 6$000

Poetas brasileiros contemporaneos, por MELLO MORAES Filho. 1 vol. in-18 cartonado. . . . . 3$000

Primeiros versos, por JULIO DE CASTILHO. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Quadros, Poesias, de JOAQUIM SERRA. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Revelações, poesias de AUGUSTO EMILIO ZALUAR. Esta edição, ornada do retrato do autor gravado em aço, é das mais nitidas e primorosas que têm apparecido entre nós. 1 v. in-4.° enc . . . . . 5$000

Serenatas e saraus.— I. *Tradicionaes*.— II. *Actualidades*. — III. *Hymnes*. 3 vols in-18 que se vendem séparadamente cada vol. enc. 3$000, br. . . . . 2$500

Solaus. Livro de versos, por D. FERNANDES, 1 vol. cr. 1$000

Suspiros Poeticos e Saudades, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-8.° enc. . . . 8$000

Transfigurações. Poesias de NESTOR VICTOR. 1 vol. br. . . . . 3$000

Urania. Collecção de 100 poesias ineditas, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 vol. in-4.° nitidamente impresso sob as vistas do autor e elegantemente encadernado. . . . . 8$000

Vesperas, poesias dispersas, por THOMAZ RIBEIRO, 1 v. in-4.° br. . . . . 4$000

3.° — THEATRO

Azas (As) de um Anjo. Comedia em um prologo, 4 a. e 1 epilogo, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. 2$000

Cincinato Quebra-Louça. Comedia en 5 actos, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. in-8.° br. . . . . 2$000

Comedias de Martins Penna, com um estudo critico sobre o autor e o theatro no Rio de Janeiro por MELLO MORAES FILHO e SYLVIO ROMÉRO, enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Demonio (O) Familiar. Comedia em 4 a. por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° br. . . . . 2$000

D. Ignez de Castro. Drama em 5 actos e em verso, por JULIO DE CASTILHO. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . 3$000

Jesuita (O). Drama em 4 a., por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Mão. Drama en 4 actos, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Moleiro de Alcalá (O). Opereta em 3 actos e 4 quadros, por EDUARDO GARRIDO; musica de J. CLERICE. 1 v. br. . . . . 2$000

Olgiato. Tragedia em 5 actos, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAY. 1 v. in-4.° br. . . . . 2$000

Peccados Velhos, farça em um acto, por EDUARDO GARRIDO 1 vol. in-8.° . . . . . 1$000

A Pera de Satanaz, magica por EDUARDO GARRIDO. 1 vol. in-8.°, br. . . . . 2$000

O Primo da California. Opera em 2 actos, pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO, 1 v. in-8,° br. . . . . 1$000

Scenas e Canconetas em prosa e em verso, por EDUARDO GARRIDO. 1 vol. in-8°, br. . . . . 3$000

Scenas e Monologas, em prosa e em verso, por EDUARDO GARRIDO. 1 vol. in-8.° (no prelo) . . . . . .

Secretario (El) del rey, em prosa, por OLIVEIRA LIMA. 1 vol. in-18, br. . . . . 0$000

Sorvedouro (O). Drama em 5 actos. 1 vol. in-18 illustrado enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Theatro alegre, comedias, operetas, magicos, etc., por EDUARDO GARRIDO, tomo I. O moleiro d'Alcalá, opereta. A pera de Satanaz, magica e Peccados velhos farça. 1 vol. in-8°, enc. . . . . 5$000

Theatro brasileiro, por HENRIQUE MARINHO. 1 vol. in-18 . . . . . 0$000

Theatro do Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 3 vs. in-8.° nitidamente impressos, enc. 9$000, br. . . . . 6$000

Volume I : Luxo é Vaidade, Primo da California, Amor e Patria.

Volume II : A Torre em Concurso, o Cégo, Cobé, Abrahao.

Volume III : Lusbella, Fantasma Branco, Novo Othelo.

As seguintes peças tambem vendem-se separadamente :

A Torre em concurso . . . . . 1$500

Lusbella . . . . . 1$500

Fantasma Branco . . . . . 1$500

Novo Othelo $500

Tragedias : Antonio José, Olgiato, Othelo, pelo Dr. J. G. DE MAGALHÃES, visconde de ARAGUAYA. 1 v. in-4.° enc. 8$000

Verso e Reverso. Comedia em 2 actos, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. br. . . . . 1$000

4.° VIAGENS

Peregrinação pela provincia de S. Paulo, por EMILIO AUGUSTO ZALUAR. 1860-1861, 1 v. in-4.° . . . . . 6$000

Viagem ao redor do Brazil, por Severiano da FONSECA. 2 vols. enc. (raro) . . . . . 25$000

Viagem Imperial, por J. M. DE ALENCAR. 1 v. in-8.° br. $400

5.º — HISTORIA

Memorias do meu tempo, pelo Conselheiro, J. M. PEREIRA DA SILVA. 2 v. in-4.º enc. 14$000, br. . . . . 10$000

Apontamentos para a Historia da Republica dos Estados Unidos do Brazil, por M. E. DE CAMPOS PORTO. 1 v. in-4.º enc. 8$000, br. . . . . 5$000

Criminosos celebres. Episodios historicos : Pedro Hespanhol, Vasco de Moraes, os Salteadores da Ilha da Caqueirada, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Estadistas parlamentares, ou biographias de 24 notaveis parlamentares brazileiros, por TIMON. 1 v. in-folio br. contendo 7 retratos. . . . . 4$000

Guerra da Triplice Alliança, por SCHNEIDER. 2 vol. in-8.º. . . . . 15$000

Historias e Tradições da Provincia de Minas-Geraes. A Cabeça do Tira-Dentes. A Filha do Fazendeiro, Jupira, por BERNARDO GUIMARÃES. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. 2$000

Historia da Guerra do Paraguay por TH. FIX, traduzida por J. FERNANDES DOS REIS. e annotada por ***. 1 v. in-4.º enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Historia da Republica jesuitica do Paraguay desde o descobrimento do Rio da Prata até nossos dias, pelo CONEGO JOÃO PEDRO GAY, 1 grosso volume in-4.º enc. 12$000, br. . . . . 10$000

Historia Geral do Paraguay, desde a sua descoberta até nossos dias, seguida de uma noticia biographica do estado actual do Paraguay, por DEMERSAY 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Historia dos Jesuitas, por A. J. DE MELLO MORAES. 2 vs. in-4.º enc. . . . . 16$000

Historia dos Martyres da Liberdade. por A. ESQUIROS, vertida da lingua franceza por A. GALLO, e augmentada com episodios tirados da Historia do Brazil e da de Portugal. 2 v. in-4.º enc. 10$000, br. . . . . 8$000

Historia Universal da Egreja, pelo Dr. JOÃO ALZOG; traducção de JOSÉ ANTONIO DE FREITAS; obra publicada com a approvação e sob os auspicios do episcopado lusitano e brazileiro. 4 v. in-4º. enc. . . . . 40$000

Homens do passado, chronicas dos seculos XVIII e XIX; pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Jeronymo Côrte-Real. Chronica dos seculo XIV, pelo Conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA, 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Manoel de Moraes. Chronica do seculo XVI, pelo Conselheiro J. M. PEREIRA DA SILVA. 1 v. in-8.º enc. 3$000, br. 2$000

Marquez (O) de Pombal. Obra commemorativa do centenario de sua morte, mandada publicar pelo Club de regatas

GUANABARENSE do Rio de Janeiro, ornada de um retrato do Marquez. 1 grosso vol. br. . . . . 6$000

Memorias do Marquez de Santa Cruz, Arcebispo da Bahia, D. Romualdo Antonio de Seixas, metropolitano e primaz do Brazil. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Primero (O) Reinado estudado á luz da sciencia, ou a revolução de 7 Abril de 1831 justificada pelo direito e pela historia, por L. F. DA VEIGA. 1 grosso volume in-4.° gr. enc. 8$000, br. . . . . 6$000

Resumo da Historia Litteraria, pelo Conego Dr. J. C. FERNANDES PINHEIRO. 2 grossos volumes in-4.° nitidamente impressos, enc. 17$000, br. . . . . 14$000

Rio (O) de Janeiro, sua historia, monumentos, homens notaveis, usos e curiosidades, pelo Dr. MOREIRA DE AZEVEDO. 2 vs. in-4.° enc. 15$000, br. . . . . 12$000

Um estadista do Imperio Nabuco de Araujo, sua vida, suas opiniões e sua epoca, por seu filho JOAQUIM NABUCO.
Tomo primeiro 1817-1852, enc. 15$000, br. . . . 10$000
— segundo 1857-1866, enc. 15$000, br. . . . 10$000
Tomo terceiro, 1866-1879, enc. 15$000, br. . . . 10$000
Vendem-se separadamente cada volume.

Varões (Os) illustres do Brazil durante os tempos coloniaes, pelo Conselheiro PEREIRA DA SILVA. 3.ª edição, augmentada e correcta. 2 v. in-8.°. . . . . 8$000

Viagens em Marrocos por RUY DA CAMARA, com illustrações. 1 v. in-4.° br. . . . . 5$000

Vida do grande cidadão brazileiro Luiz Alves de Lima e Silva, barão, conde marquez, duque de Caxias, desde o seu nascimento, em 1803, até 1878, pelo Padre PINTO DE CAMPOS. Ornado de um bello retrato do Duque de Caxias. 1 v. in-4.° br. . . . . 5$000

7.° — OBRAS DIVERSAS DE INSTRUCÇÃO E ESPIRITISMO

Alcorão (O), escripto por MAHOMET e traduzido cuidadosamente para o portuguez. 1 v. in-4.° grande enc. 25$000, enc. de luxo . . . . . 30$000

Alma é immortal (A), por GABRIEL DELANNE. 1 vol. in-18 enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Animismo e Espiritismo, por ALEXANDER AKSAKOF. 1 vol. in-18 enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Bertoldo e Familia. 1 v. in-12 enc. perc. . . . . 2$000

Chanceller de ferro (O). Pelo conde de ROCHESTER. 1 vol. in-18 enc. 5$000. br. . . . . 4$000

Confissão de um badense, seguida de : **O Coronel Happetaler**. Lembrança da guerra Franco Prussiana; Estudos humoristicos sobre o genio, temperamento, caracter, inclinações, usos e costumes dos Allemães, pintados á imitação da natureza, por A. ASSOLANT. Versão de A. GALLO. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . . 1$000

Depois da morte ou a vida futura, segundo a sciencia, por LUIZ FIGUIER, versão do Dr. FERREIRA DE ARAUJO. 1 v. in-8.º enc. 4$000 br. . . . . 3$000

Deus na Natureza, por CAMILLO FLAMMARION, traduzido da 14.ª edição. 2 vs. in-8.º enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Diccionario abreviado da fabula, por CHAMPRÉ, para intelligencia dos autores antigos, dos paineis e das estatuas, cujos argumentos são tirados da historia poetica. 1 v. in-18 enc. . . . . 3$000

Dr. Judassohn (O). Estudo sobre o caracter allemão, por A. ASSOLANT, vertido do francez por A. GALLO. 1 v. in-12 enc. 1$600, br. . . . . 1$000

Ensaio de revista geral, por Dr E. GYEL. 1 vol. enc. 3$000 br. . . . . 2$000

Espiritismo (O) **ante sciencia**, por GABRIEL DELANNE. 1 vol. . . . . 0$000

Evolução Animica (A), por GABRIEL DELANNE. Unica traducção autorisada pelo autor e approvada pela FEDERAÇÃO, ESPIRITA BRAZILEIRA. 1 v. in-8.º enc. 5$000, br. . . 4$000

Foé : Aventuras de Robinson Crusoé, traduzidas do original Inglez. Dous volumes nitidamente impressos, e illustrados com 24 lindas gravuras. . . . . 10$000

Grandes Invenções (As) antigas e modernas nas sciencias, industrias e artes, a Imprensa, a Gravura, a Lithographia, a Polvora, a Bussola, o Papel, os Relogios, a Porcellana e Louçaria, o Vidre, os Oculos de alcance, o Telescopio, o Barometro, o Thermometro, o Vapor, a Electricidade, as Applicações da electricidade estatistica, Applicações da electricidade dynamica, os diversos systemas de illuminação, os Aerostatos, Poços Artesianos, Pontes pensis, o Tear, o Jacquard, a Photographia, o Estereoscopio, a Drenagem, por LUIZ FIGUIER, 1 v. in-4.º enc. . . . . 25$000

Homem primitivo (O), por LUIZ FIGUIER, obra illustrada com 40 scenas da vida do homem primitivo, desenhadas, por EMILIO BAYARD e com 256 figuras representado os objectos usuaes das primeiras épocas da humanidade. Traduzida por MANOEL JOSÉ FELGUEIRAS. 1 v. in-4.º enc. 16$000

Levitação (A), por ALBERT DE ROCHAS. 1 vol. in-18. 0$000

Os mundos Imaginarios e os mundos Reaes. Viagem pittoresca pelo céo, por C. FLAMMARION. Revista critica das theorias humanas, scientificas e romanticas, antigas e modernas, sobre os habitantes dos astros. Ornados de uma bonita gravura. 1 grosso volume in-8.º enc. 5$000, br 4$000

Narrações do infinito. — Lumen. — Historia de um Alma. — Historia de um Cometa. — A vida Universal e Eterna, por C. FLAMMARION. 1 grosso volume in-8.º enc. 5$000, br. . . . . 4$000

No Paiz das Sombras, por Mme d'ESPÉRANCE. 1 vol. in-18, enc. 5$000, br. . . . . 4$000

No Sanctuario, por VAN DER NAILEN. 1 vol. in-18 enc. 5$000 br. . . . . 4$000

Nos templos de Himalaya, por VAN DER NAILLEN. Unica traducção autorizada pelo autor. 1 v. enc. 5$000, br. . 4$000

Phenomeno Espirita (O). Testemunhos dos Sabios com 20 gravuras. Unica traducção autorizada pelo autor e approvada pela FEDERAÇÃO ESPIRITA BRAZILEIRA, por GABRIEL DELANNE. 1 v. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Phenomenos occultos, por COSTE, prefacio de Medeiros e Albuquerque (da Academia Brazileira) . 1 v. in 18.

Pluralidade dos Mundos Habitados. Estudo em que se expõe as condições de habitabilidade das terras celestes discutidas sob o ponto de vista da astronomia, da physiologia e da philosophia natural por C. FLAMMARION. Traduzida da 23.ª edição por M. VAZ PINTO COELHO e ornada de gravuras. 2 vs. in-8.° enc. 6$000, br . . 4$000

Porque da Vida (O), por LÉON DENIS. 1 vol. in-18 enc. 3$000 br. . . . . 2$000

Raças humanas (As), por LUIZ FIGUIER, versão de ABILIO LOBO. 1 v. in-4.° enc . . . . . 22$000

Sabios illustres (Os) (Christovão Colombo), por LUIZ FIGUIER, traducção de A. E. ZALUAR. 1 v. in-4.° br. . . . 2$500

Suggestão mental, pelo Dr J. OCHOROWICZ. 1 grosso vol. in-18 enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Supremacia intellectual da Raça Latina, resposta ás allegações germanicas; por EMM. LIAIS. 1 v. in-8.° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Um caso de desmaterialisação, por ALEXANDER AKSAKOF. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Vingança do Judeu. Romance social espirito do CONDE DE ROCHESTER. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

II. — MISCELLANEA

1.° — OBRAS DE UTILIDADE PRATICA. — ECONOMIA DOMESTICA, ETC.

Arte (A) do Alfaiate, por E. COMPAING, director do « Jornal dos Alfaiates ». Traducção completa do córte do vestuario. 1 v. in-folio com gravuras explicativas, enc. . . . 4$000

Conselheiro (O) da Familia Brazileira, encyclopedia dos conhecimentos indispensaveis na vida pratica. Um grosso volume nitidamente impresso, contendo diversos artigos sobre : habitação, vestidos, toucador, alimentação, hygiene, meninos, doenças, conselhos uteis, usos e deveres da sociedade, cartas, bailes e reuniões, palavras e phrasas viciosas, receitas culinarias, etc., etc., pelo Dr. FELIPPE NERY COLLAÇO, bem encadernado . . . . . 6$000

Conselheiro (O) secreto das damas, segredos de toucador e receitas infalliveis para conservar e embellecer as diversas partes do corpo. 1 v. n-32. . . . . 2$000

Correspondencia commercial (A), contendo mais de 300 cartas, circulares, offerecimentos de serviços, cartas de introducção et de recommendação, cartas de credito, pedido de informações, ordens de bolsa, operações de cambio, negocios me participação, consignações, transportes, seguros, transacções geraes, etc., etc., por HENRIQUE PAGE. 1 v. in-8.° enc . . . . . 5$000

Cozinheiro nacional ou collecção das melhores receitas das cozinhas brazileira e européas, para a preparação de sopas, molhos, carnes, caça, peixe, crustaceos, ovos, leite, legumes, pudins, pasteis, doces de massa e conservas para sobremesa, etc. etc., acompanhado das regras de servir a mesa e de trinchar. 1 grosso vol. in-8.° ornado com numerosas e finas estampas. . . . . 3$000

Cultura das abelhas, tratado completo e pratico de apicultura, por A PAULO SALLES. 1 v. in-8.° enc . . 2$500

Doceiro Nacional ou Arte de fazer toda a qualidade de doces. Obra contendo 1,200 receitas conhecidas e ineditas acompanhada dos diversos processos usados para a depuração eextacçao do do assucar contido nas plantas sacchari-nas Ornado com numerosas estampas. 1 v. impresso em Pariz . . . . . 3$000

Encyclopedia popular (leituras uteis). Noções escriptas e notas referentes aos mais interessantes conhecimentos humanos; noticias relativas ás cousas e instituições do Brazil; apontamentos historicos, geographicos, estatisticos, biographicos, industriaes, litterarios, etc.; por BERNARDO SATURNINO DA VEIGA. 1 v. in-4.° grande enc . . . . 16$000

Guia pratico do distillador, por E. ROBINET. 1 v. in-8.° enc . . . . . 6$000

Jardineiro brazileiro, por PAULO SALLES. 1 v. in-8.° com numerosas gravuras. . . . . 4$000

Manual do Capitalista, por BONNET. 1 v. in-4.° enc. percalina. . . . . 6$000

Com alguma pratica em compulsar este livro, pratica que aliás se adquire facilmente, o negociante, o banqueiro, o guarda-livros, o empregado de fazenda ficam habilitados a effectuar a mais complicada operação de juros, de conta corrente, de porcentagem, emquanto o diabo esfrega um olho...

Manual do Gallinheiro. Arte de melhorar e trataras gallinhas e mais **aves domesticas**, conten do regras e conselhos sobre o cruzamento e descripção das raças, criação e producção, construcção e hygiene do gallinheiro, molestas e seu tratamento, etc.; por A. PAULO SALLES. 1 nitido vol. in-8.° com gravuras, enc. . . . . 3$000

Manual pratico de Viticultura, por GUSTAVO FOEX. 1 v. in-8.° enc . . . . . 4$000

Memoria sobre a sericultura no Brazil, por JOSÉ PEREIRA TAVARES. 1 v. in-4.° com 5 grandes estampas explicativas, br. . . . . 4$000

Novo Conzinheiro nacional, por JULIO BRETEUIL. 1 grosso

vol. in-8.° illustrado com muitas gravuras e 4 chromo-lithographias, enc. perc. . . . . 8$000

Novo manual do cozinheiro, ou Arte da cozinha posta ao alcance de todos, por CONSTANTIN CARNEIRO, chefe de cozinha. 1 v. in-18 com estampas, enc. . . . . 2$500

Novo manual epistolar, ou Arte de Escrever todo o genero de cartas segundo o gosto actual. 1 v. in-18 enc. . 2$000

Orador popular, por JOSÉ ALVES CASTILHO. 1 v. in-8.° enc.. . . . . 3$000

Este livro contém modelos de discursos, uma infinidade de modelos, desde o de « duas palavras » que se dizem á sobremesa, em dia de annos, até a oração funebre, que se pronuncia á beira de um tumulo aberto. E de grande utilidade pratica.

Secretario brazileiro. 1 v. in-8.° enc . . . . . 3$000

O *Secretario* é um livro que contém nada menos de 306 modelos de cartas; ha n'elle cartas para o que a gente precisar, desde pedir desculpa de não ir a uma festa, até rogar ao senhorio mais alguns dias de praso para o pagamento da casa. O *Secretario* não é um livro — é um thesouro.

O *Secretario* e com o *Orador*, tendo-se boa memoria, um homem póde rir desdenhosamente das cartas em que ha *amigo* com dous *mm* e dos discursos interrompidos frequentes vezes por aquillo a que chamam « caroço ».

Thesouro das familias ou encyclopedia dos conhecimentos da vida pratica. Collecção de 1952 receitas utilissimas e necessarias a todas as classes da sociedade, sobre economia domestica, sciencias, artes, industria, officios, manufacturas, agricultura, etc., etc. Obra extrahida e compilada dos autores os mais afamados e os mais modernos de todos os paizes e augmentada de muitas e variadas receitas privadas e ineditas; por VICTOR RENAULT. 1 grosso v. nitidamente impresso e enc. . . . . 6$000

Tratado completo sobre o porco, sua origem e utilidades, raças, criação e engorda pelos systemas modernos, *molestias e seu tratamento*, seguida da **criação do cochio** e dos differentes modos de ecommodar a carne aos paladares mais delicados, e de noticias sobre a *anta*, a *cupivara*, a *paca* a *cutia* e o *porquinho da India*, a companhado do **Charcuteiro nacional** ou arte de fazer numerosos preparados e conservas de carne de porco, taes como: presuntos, salames, salsichas, murcellas, linguas, queijo de porco, salames, geléas, etc., por A. PAULO SALLES. 1 v. in-8.° ornado de numerosas gravuras, enc. . . . . 3$000

Tratado da fabricação da Licôres, por BEDEL. 1 vol. br . . . . . .

Tratado de cultura da Canna de assucar, trad. hespanhol por REYNOSO, e impresso por ordem do Ministro da Agricultura. 1 v. in-4.° enc. 6$000, br. . . . . 4$000

Tratado pratico de Medicina veterinaria. Arte da prevenir e curar as enfermidades que atacam geralmente o cavallo, o asno, os muares, o boi, o carneiro, o porco e o

cão; e contendo a Anatomia, a Physiologia e **Hygiene**, Symptomas, o Tratamento das doenças, a Therapeutica, o modo de administrar os remedios e a inoculaçao preventiva por H. VILLIERS, medico-veterinario, e A. LARBALÉTRIER, professor de Agricultura. Obra traduzida da ultima edição franceza, ornada de 35 gravuras. 1 vol. in-8.°, enc . . . . . 4$000

Tratado pratico da fabricação do queijo e da manteiga, acompanhado de um tratado sobre as *vaccas*, *cabras e carneiros* meios praticos sobre a criação, reproducção e e aproveitamento, por PAULO SALLES. 1 v. com gravuras enc . . . . . 3$000

Tratado usual de Pintura de edificios e decoração, por PAUL FLEURY. 1 vol. in-18 enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Trado do mundo (O), por DUFAUX DE LA JONCHÈRE, traducção de SIMÕES DA FONSECA. 1 v. in-8.° enc. . . 5$000

Util Cultivador (O) instruido em todo o manejo rural e accommodado a qualquer clima, pelo Dr. JOSÉ PRAXEDES PEREIRA PACHECO. 1 v. in-4.° enc . . . . . 5$000

OBRAS DE SAMUEL SMLES

Ajuda-te, ou caracter, comportamento e perseverança. Trad. de***, 1.ª edição. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br . . . . 3$000

Caracter (O), traduzido por D. ADELAIDE PEREIRA. 1 grosso v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Dever (O), com exemplos de coragem, paciencia e resignação. 1 v. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Economia Domestica Moral ou a felicitação e a independencia pelo trabalho e pela economia. 1 v. in-8.° br. 3$000

Poder da Vontade, ou caracter, comportamento e perseverança. Trad. de A. J. FERNANDES DOS REIS, 2.° edição. 1 vol. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Vida (A) e o Trabalho, traducção de CORINNA COARACY. 1 vol. in-8.° enc. 4$000, br. . . . . 3$000

HYGIENE DA GERAÇÃO

Pelo Dr. P. Garnier

O Matrimonio considerado nos seus deveres, relaçõeceo effeitos conjugaes desde o ponto de vista legal, hygiennis physiologico e moral, 1 v. in-8.°, com 36 gravuras, enc 5$000, br . . . . . 4$000

A Esterilidade humana e o hermaphrodismo no homem e na mulher. 1 vol. in-8.° com gravuras, enc. 5$000, br. . . . . 4$000

O Celibato e os celibatarios, caracteres, perigos e hygiene nos dois sexos, 1 vol. in-8.° enc. 5$000, br. . . . . 4$000

A Geração Universal, Leis, Segredos e Mysterios no homem e na mulher, 1 vol. in 8.° numerosas gravuras no texto, enc. 5$000, br. . . . . 4$000

O Onanismo só e a dois, desde todas as fórmas e consequencias, 1 gr. v. in-8.° . . . . . .

Impotencia physica e moral nos dois sexos. Causas signaes, remedios, 1 v. in-8.°, com gravuras. enc. 5$000, br. . . . . 4$000

Phytographia ou Botanica Brazileira applicada ás artes e industrias, seguida de um supplemento de materia medica, inclusive as plantas conhecidas e applicadas pelos indios em suas enfermidades pelo Dr. J. A. DE MELLO MORAES. Um grosso volume in-4°, com 550 paginas, em bom papel e nitida impressão, enc. . . . . 15$000

Revista da Exposição Anthropologica, pelo Dr. MELLO MORAES FILHO. Obra illustrada com gravuras em madeira, 1 v. in-folio enc. . . . . 10$000

O Mal de Amor, contagio, preservativos e remedios com 112 observações, 1 vol. in-8.° enc. 5$000, br.. . . . 4$000

Em preparação :

As Anomalias sexuaes, apparentes e occultas, com 230 observações, 1 v. in-8.° enc. 5$000. br. . . . . 4$000

OBRAS RECREATIVAS, HUMORISTICAS, ETC

BIBLIOTHECA POPULAR

Cada vol. 500 reis.

Astucias de Bertoldo. Novissima edição, 1 vol. enc. 1$000, br. . . . . 3$000

Historia da Princeza Magalona. Novissima edição, 1 v. br.

Historia da Donzella Theodora, em que se trata da sua grande formosura e sabedoria. Novissima edição, 1 v. br.

Historia de João de Calais. Novissima edição, 1 v. br.

Historia do Pelle de Asno, ou a **Vida do Principe Cyrillo** Novissima edição, 1 v. br.

Historia jocosa dos Tres corcovados de Setubal, Lucrecio, Flavio e Juliano, onde se descreve o equivoco gracioso das suas vidas. Novissima edição, 1 v. br.

Historia do Grande Roberto do Diabo, Duque de Normandia e Imperador de Roma, em que se trata da sua concepção e nascimento e de sua depravada vida, pelo que mereceu ser chamado *Roberto do Diabo* e do seu grande arrependimento e prodigiosa penitencia, pelo que mereceu ser chamado *Roberto de Deus*, e prodigios que por mandado de Deus obrou em batalha. Novissima edição, 1 v. br

Historia da Imperatriz Porcina, mulher do Imperador Ladonio de Roma. Novissima edição, 1 v. br.

Nova Historia do Imperador Carlos Magno e dos **Doze pares de França**, contendo a grande batalha que teve com Malaco, rei de Fez, a qual venceu Reinaldos de Montalvão. Novissima edição, 1 v. br.

Confissão geral do Marujo Vicente por via das rogativas que lhe fez sua mulher **Joanna** e sua aparição com o confessor. Novissima edição augmentada, 1 v. br.

Despedida de João Brandão a sua mulher, filhos, amigos e collegas, seguida da **Resposta de Carolina Augusta**. Novissima edição, 1 v. br.

Maria José, ou a filha que assassinou, degolou e esquartejou sua propria mãi Mathilde do Rozario da Luz, na cidade de Lisboa em 1848. 1 v. br.

Simplicidades de Bertoldinho, filho do sublime e astuto Bertoldo, e agudas respostas de Marcofia, sua mãi. Novissima edição, 1 v. br.

Vida de Cacasseno, filho de simples Bertoldinho e neto do astuto Bertoldo. Novissima edição, 1 v. br.

A noite na Taverna, cantos phantasticos por ALVARES DE AZEVEDO. Precedido de um esboço biographico pelo Dr. JOAQUIM MANOEL DE MACEDO. 1 v. br.

Galatéa. *Egloga.* 1 v. br.

Vozes d'Africa. O Navio negreiro, tragedia no mar. 1 v. br.

Disputa divertida das grandes bulhas que teve um homem com sua mulher por não lhe querer deitar uns fundilhos em uns calções velhos. Obra alegre e necessaria para e pessoa que fôr casada. 1 v. br.

Os Escravos. *Manuscriptos de Stenio.* 1 v. br.

Bom (O) do Sr. Leitão, por KOCK JUNIOR. 1 v. in-12°, enc. 1$600, br . . . . . 1$000

Cartas Magicas. Adivinhações faceis por meio da leitura de amenos versos. Um estojo com 32 cartas comprehendendo os quatro naipes, bem impressos e dignas do fim a que se destinam. . . . . 1$600

Conselheiro dos Amantes (O). Collecção de differentes modelos de cartas amorosas para ambos os sexos, seguido de um appendice contendo a linguagem das flôres, emblema das côres, terminando pelo telegrapho amatorio, ou modo de fazer signaes, nova edição. 1 v. in-8° br. 500

Contos Jocosos, por KOCK JUNIOR. 1 v. in-12° enc. 1$600, br . . . . . 1$000

Cornucopia dos Salões. Livro indispensavel a todos quantos desejem passar em plena alegria. Mil noites festivas. Contendo completa collecção de sortes, jogos de sociedades; 1 v. in-8° enc. 3$000, br. . . . . 2$000

Dados da Fortuna. Modernissimo livro de sortes para recreio da sociedade brazileira, contendo 48 perguntas e **1,056 respostas em quadras rimadas. 1 v. in-8°, br. . 1$600**

Dicionario das Flôres, folhas, fructas, hervas e objectos mais usuaes, com significações, ou vade-mecum dos namorados, offerecido aos fieis subditos de Cupido. 1 v. br. . 500

Esphinge (A). Palestra enigmatica ou livro de adivinhações proprias a aguçaro espirito e a entreter a imaginação nas reuniões brazileiras, e para desenfado, recreio e passatempo sempre agradavel nas noites de fogueiras de Santo Antonio, S. João, S. Pedro e Sant'Anna. 1 v. in-8°. . . . . 1$600

Jogo da Conversação bello entretenimento de perguntas e respostas ou disparates e acertos engraçados para passatempo das familias brazileiras, 2 estojos com 100 perguntas e 100 respostas . . . . . 3$200

Letras Mysteriosas. — Adivinhações faceis por meio da leitura de trechos em prosa. Um elegante estojo com 25 bonitos cartões nitidamente impressos . . . . . 1$600

Livro dos Sonhos, no qual se encontra a sua explicação ao alcance de qualquer pessoa. 1 v. in-12, br. $500

Livro (O) dos Sonhos, edição revista e corrigida, illustrada. 1 v. in-18°. . . . . 2$000

Adivinhador. Livro feiticeiro das Senhoras, ou Novissimo oraculo de donas e donzellas, contendo 70 perguntas e 1,120 respostas de fazer pasmar pelo seu acerto, por O Adivinhador. 1 v. in-8°, nitida edição. . . . . 1$600

Cartoes de amor. Jogo dialogado e em versos entre damas e cavalleiros para desenfado das noites de inverno. Um estojo com 100 cartões. . . . . 1$600

Um marido por um pé de meia, por Kock Junior, 1 v. in-12°, enc. 1$600 . . . . . 1$000

Mata-Horas (O) Aborrecidas. Nova e interessantissima collecção de jogos de sociedade, comprehendendo 127 jogos de prendas e de espirito ou imaginação, de dansa, de musica, de penitencia e de mystificação. 1 volume in-8°, bem impresso. . . . . ,$600

Mensageiro dos amantes, ou Arte de agradar e obter successos em amores. Contêm modelos de correspondencia galante em todos os casos possiveis. 1 estampa. 1 volume in-18° . . . . . 2$000

Mosaico Brazileiro, ou collecção de ditos, respostas, pensamentos, epigrammas, poesias, anecdotas, curiosidades e factos historicos de brazileiros illustres, pelo Dr. Moreira de Azevedo. 1 v. in-8°, enc . . . . . 3$000

Novissimo e completo Manual de dança, tratado theorico e pratico das danças de sociedade, por Alvaro Dias Patricio. 1 v. in-8°. enc. 3$000 br. . . . . 2$000

Novo manual de Jogos de sociedade e de prendas. 1 estampa. 1 v. in-18° . . . . . 2$000

Pandego (O), por Kock Junior 1 volume in-12° enc. 1$600, br. . . . . 1$000

« O Pandego » é uma narrativa cheia de interesse que, sobretudo, se recommanda pela proveitosa lição de moralidade que encerra.

Oraculo das familias. 1 v. br. . . . . 1$600
Prestidigitação, por GASTÃO ROBERT. br. 2$000, enc. 3$000
Roda do Destino. Novo e completo livro de sortes para entretenimento das familias brazileiras nas noites de fogueiras, contendo 51 perguntas de novos e interessantes assumptos, e 1248 respostas em 4992 versos! Acompanhada de um mechanismo expressemente inventado para se tirar as sortes com toda a certeza e infaillibilidade. 1 v. . . . . 3$500
Sortes de physica recreativa, por GASTÃO ROBERT, 1 v. br. 2$000, enc. . . . . 3$000
Sortes de Cartas, por GASTÃO ROBERT, 1 v. br. 2$000, enc. . . . . 3$000
Verdadeiro oraculo dos maridos e dos amantes, que responde de um modo infallivel a todas as perguntas. 1 v. in-12°. . . . . 1$500
Verdadeiro livro de S. Cypriano (O.). Edição a mais completa, por POSSIDONIO TAVARES. 1 vol. in-8°, br. 3$000
Viahateiros do Brasil, por ULTIMO COURBASSIER, 1 vol. br. . . . . 1$000

DICCIONARIO ENCYCLOPEDICO

ILLUSTRADO

DA

LINGUA PORTUGUEZA

CONTENDO

Vocabulario portuguez. — Historia. — Biographia.
Geographia. — Mythologia.

POR

SIMÕES DA FONSECA

Antigo professor de Litteratura portugueza em Pariz; Membro e antigo Secretario da Associação litteraria e artistica internacional.

Terceira edição melhorada

1 vol. gr. in-18 encadernado. . . . . 8$000

Paris. — Tip. H. GARNIER, 6, rue des Saints-Pères.

Nos 1/6.
AXX

H. GARNIER, Editor, Rio de Janeiro

Consolação dos enfermos, pelo Padre HENRIQUE PERRENYVE, traducção do Padre CLEMENTINO CONTENTE. 1 vol. in-18, enc. 5$000, br. 4$000

Exercicios Espirituaes de Santo Ignacio propostos ás pessoas seculares pelo R. P. J. PEDRO PINAMONTI, da Companhia de Jesus. 1 v. in 8.º enc. . . . . 3$000

Fabiola, ou a Igreja das Catacumbas. Romance religioso, pelo CARDEAL WISEMANN, Arcebispo de Westminster. 1 v. gr. in-4º (ch.) enc. . 10$000

Introducção á Vida Devota, por S. FRANCISCO DE SALES. 1 vol. in-8º enc. rica 3$000. Enc. 2$500

MARCHAL (P.V.). **A Mulher como deve ser**, unica traducção approvada e corrigida pelo autor. 1 vol. in-8.º enc. 5$000, br. . . . . 4$000

— **Esperança aos que choram**, unica traducção approvada e corrigida pelo autor. 1 vol. enc. 5$000 br. . . . . 4$000

— **O Homem como deveria sel-o**, trad. approvada e corrigida pelo autor. 1 vol. br. 4$000. enc. 5$000

— **A Consciencia como deve ser**, traducção approvada pelo autor (No prelo).

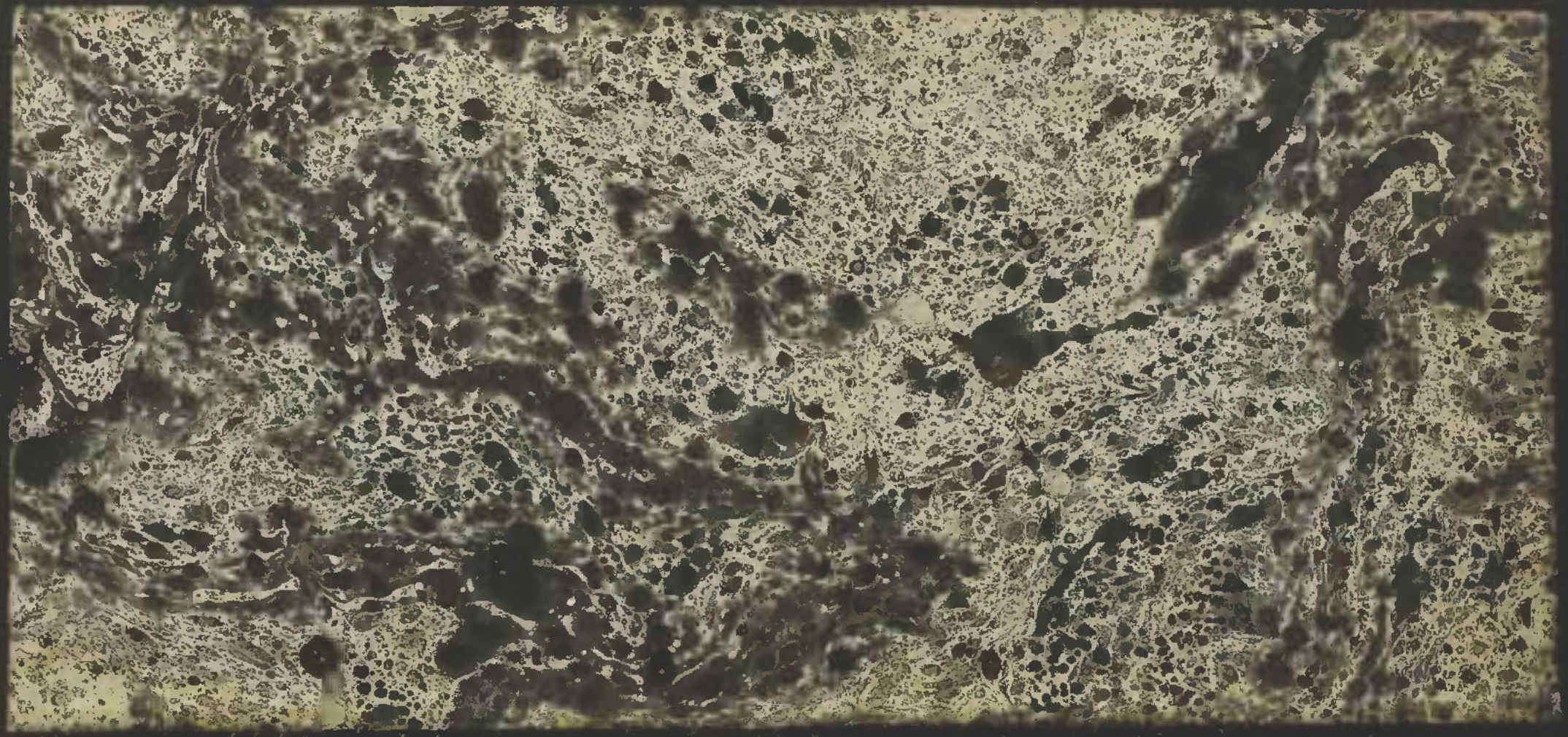
Meditações para todos os dias do anno, por M. HAMON, traduzidas da 13.ª edição franceza por FRANCISCO LUIZ DE SEABRA. 6 vol. enc. 30$000

Mulher (A) forte. Conferencias destinadas ás senhoras, por Mgr LANDRIOT, arcebispo de Reims. Traducção do Dr. NUNO ALVARES. 1 vol. in-8.º br. 2$000, enc. . . . . 3$000

Nossa Senhora de Lourdes, por MONSENHOR DE SÉGUR. 1 vol. br. 1$000, enc. . . . . 1$600

Nossas Crenças, pelo D.r CLEMENTINO CONTENTE. 1 vol. . . . . .

Prisca. Narração historica do Reinado de Claudio, primeiro seculo da era christã 1 vol in 8.º enc. 4$000, br. . . . . 3$000

Paris — Imp. P. Mouillot. — 25527.

00 [illegible] 3.